

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES

Monteiro Lobato
Brenno Ferraz

N. 75

MARÇO
1922

EDITORES

Monteiro Lobato
& Comp. - São Paulo

SUMMARIO

| | |
|---|-----|
| "REVISTA DO BRASIL" | 193 |
| A LITERATURA EM S. PAULO. Brenno Ferraz | 194 |
| O PROFESSOR RAMALHO . . Albertino Moreira | 201 |
| A PIEDOSA IRONIA Monteiro Lobato | 207 |
| S. PAULO NOS TEMPOS COLONIAES A. Saint-Hilaire | 212 |
| RASTRO DE SANGUE Mario Sette | 227 |
| IMPORTANCIA DA RIQUEZA MINERAL NO PROGRESSO DAS NAÇÕES M. Arrojado Lisboa | 237 |
| COM MORTO NÃO SE BRINCA . Tranquillino Leitão | 244 |
| BIBLIOGRAPHIA | 254 |
| RESENHA DO MEZ | 258 |
| DEBATES E PESQUIZAS | 271 |
| NOTAS DO EXTERIOR | 277 |
| CARICATURAS DO MEZ | 285 |

S. PAULO - 1922 - RIO

REVISTA DO BRASIL - RUA S. EPHIGÉNIA, 3-A — CAIXA, 2-B — S. PAULO
ASSIGNATURAS: ANNO — 20\$000 EXTRANGEIRO — 25\$000 ; — NUMERO AVULSO — 1\$800.

O Que Todas as SENHORAS e SENHORITAS, devem Saber e Ensinar as suas Amigas!!!

A PASTA RUSSA do Doutor G. RICABAL, é o único Remedio existente no Mundo inteiro, que em menos de um mez dá á Mulher a Belleza dos SEIOS, fazendo Crescer, Fortificando e Aformoseando, produzindo rapidamente ENDURECIMENTO E FIRMEZA.

Milhares de attestados affirmam o grande valor curativo da Pasta Russa do Doutor G. Ricabal. — Cautela com as falsificações e imitações perigosas!

Exijam sempre "A PASTA RUSSA" do Doutor G. Ricabal

— NÃO SE ILLUDAM!!! —

A' venda em todas as Pharmacias, Drogarias e Perfumarias do Brasil

 AVISO — Remette-se registrado pelo Correio, para qualquer parte do Brasil, mediante a quantia de 12\$000, enviada em carta com VALOR DECLARADO, ao Agente Geral,

J. DE CARVALHO — CAIXA POSTAL N.^o 1.724
RIO DE JANEIRO

GRAVIDEZ

Evita-se usando os Pessarios Americanos; são inofensivos, comodos, de effeito seguro e antisepticos. — Encontram-se á venda nas principaes DROGARIAS DE S. PAULO.

 AVISO — Remette-se registrado pelo Correio, para qualquer parte do Brasil, mediante a quantia de 8\$000, enviada em carta com VALOR DECLARADO, ao Agente Geral

J. DE CARVALHO — CAIXA POSTAL N.^o 1.724
RIO DE JANEIRO

AOS ASTHMATICOS

O Remedio do Doutor Reyngate, notavel Medico e Scientista Inglez, para a cura radical da Asthma, Dyspnéas, Influenza, Defluxos, Bronchites Catarraes, Coqueluche, Tosses rebeldes, Cansaço, Suffocações, é um Medicamento de valor, composto exclusivamente de vegetaes, não é xarope, nem contém ioduretos, nem morphina e outras substancias nocivas á saude dos Asthmaticos.

Vide os attestados e prospectos que acompanham cada frasco.

Encontra-se á venda nas principaes Pharmacias e Drogarias de São Paulo.

DEPOSITO — Rua General Camara, 225. Sob. — Rio de Janeiro

BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

**MOTORES
FIOS ISOLADOS**

**TRANSFORMADORES
ABATJOURS LUSTRES**

**BOMBAS ELECTRICAS
SOCKETS SWITCHES**

**CHAVES A OLEO
VENTILADORES**

**PARA RAIOS
FERROS DE ENGOMMAR**

**LAMPADAS
ELECTRICAS 1|2 WATT**

**ISOLADORES
TELEPHONES**

Estamos habilitados para a construcçao de Installações Hydro-Electricas completas, Bondes Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mfg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & CO.

Telephone, 745-Central — S. PAULO
LARGO DA MISERICORDIA, 4

DOIS LIVROS NOTAVEIS

PARQUE ANTIGO, de **Galeão Coutinho**
e MOCIDADE, de **Affonso Schmidt.**



Diversos na contextura porém ambos igualmente notaveis como expressão dos pensamentos mais altos e dos sentimentos mais subtils de dois verdadeiros, de dois grandes poetas.

Em paiz de poetas como o nosso, para alcançar o destaque destes dois estreantes é necessario que possuam elles um valor realmente de excepção.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS E NA

REVISTA DO BRASIL

RUA SANTA EPHIGENIA, 3-A

S. PAULO

HOLMBERG, BECH & CIA.

IMPORTADORES

Rua Libero Badaró, 169

—S. PAULO—

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK

E LONDRES

— — —

Papel, materiaes
para construcção,
aço e ferro, anilinas
e outros
productos chimicos.

PORCELLANAS

CRISTAES

ARTIGOS DE CHRISTOFLE

OBJECTOS DE ARTE

PERFUMARIAS

O melhor sortimento

**Casa franceza de
L. GRUMBACH & CIA.**

Rua de São Bento N.^o 89 e 91

SÃO PAULO

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES:

MONTEIRO LOBATO
BRENNO FERRAZ

N. 75
MARÇO
1923

EDITORES:
MONTEIRO LOBATO
& COMP. — SÃO PAULO

Deixou a direcção desta revista, no Rio, por motivo de excesso de occupações, o nosso prezado amigo Afranio Peixoto. Perda sensivel, não é, entretanto, irreparavel, visto como o eminente homem de letras e preclaro scientista continuará como collaborador, havendo promettido para um dos proximos numeros um magnifico estudo sobre a psychologia do funcionario publico na obra de Machado de Assis. Para ocupar o seu lugar convidamos e obtivemos o assentimento de um novo cujo nome vale por uma pagina inteira de encomios: Ronald de Carvalho. Poeta, critico e pensador, Ronald é uma individualidade inteiriça, marcada na intelligencia e no caracter, e unanimemente acceita como uma das conductoras forçadas das novas gerações.

Tambem assumiu o cargo de gerente commercial da "Revista do Brasil", no Rio de Janeiro, o nosso prezado amigo e confrade, Benjamim de Garay, com autorisação para tomar assignaturas e contratar annuncios, sendo encontrado para isso á avenida Rio Branco 181, em cima do "Trianon".



A LITERATURA EM S. PAULO

A SUB-RAÇA — O REGIONALISMO

BRENNO FERRAZ

II

As ideias se abastardam. Ao meneio e uso que dellas fazem as turbas, desgastam-se e, diminuidas, transfiguradas, transtornadas mesmo, tudo perdem da antiga nobreza. São já, dentrc em pouco, a moeda corrente, o troco meudo de todas as transacções obrigadas pelas necessidades do pensamento de todos os dias. Resuscitasse um pensador e não se reconheceria no seu proprio pensamento...

Taine, o exemplo. Acaso o grande naturalista da arte identificaria hoje com o precioso espolio que nos herdou os destroços da bagagem que por ahi levam o seu nome? Nem sempre. O experimentador, o verificador dos phenomenos sociaes attinentes á esthetica, teria um sorriso de perdão para o mostrengo que de toda parte lhe mostrariam como filho... E escreveria uma pagina mais: a inutilidade das ideias e a incapacidade humana para o progresso...

Caso recente: — a critica "taineana", feita no Rio, á literatura paulista.

Taine é o naturalista. Investiga as manifestações da arte como o biologista as da vida. Estuda o meio em que elles appareceram e conclue pela vigencia dos processos vitaes da adaptação e selecção — transpostas proporcionalmente as coisas — mesmo nos dominios da esthetica. Não é um "fiat" da sua

sabedoria, nem um dogma que o mestre impõe á fé dos discípulos. E' uma verificação de laboratorio, a documentação de um facto da vida da natureza. E a verdade assim verificada subsiste enquanto posteriores verificações não a contestem. Contestada, porém, della sempre alguma coisa restará eterna: — a norma que a encaminhou ao nosso conhecimento, o methodo que a patenteou. Repugnaria a Taine o dogma, instituido embora sobre palavras suas. As suas proprias verificações de factos, sacrifical-as-ia todas, decerto, á conservação do methodo, alma e espirito que as anima e lhes dá valor.

Assim não pensam todos os criticos. Espíritos deductivos, afetos ás grandes ideias reveladas, ás verdades que vêm do alto e se espalham ubíquas pelo mundo, praz-lhes applicar aos casos a formula já feita, ainda que partindo da conclusão para os dados iniciaes. Foi o que se fez em relação ao movimento literario de S. Paulo. Prejugaram-no sem conhecê-lo e, desde logo, na absoluta ignorância do meio, pre-estabeleceram a este as regras de influencia sobre aquelle. Para tais espíritos, a literatura não é um producto espontâneo do espirito, espontaneamente influenciado pelo ambiente nos transes de criação e execução. E', ao contrario, o producto do meio, mecanicamente realizado, sob a acção secundaria do espirito na prosecução de determinado fim: — espelhar, photographar o meio... Pois tal não foi o que ensinou Taine?

O meio produz a obra de arte. O espirito só tem que conciliar-a, no seu aspecto exterior, com esse mesmo meio, para efeito dos fins colimados... Porque, na verdade, desastroso ridículo para a these seria que o meio produzisse obra alheia á sua propria influencia. Irra! Attenção, por isso, senhores escriptores...

Ora, os nossos criticos, desconhecendo a sociedade em que vivemos, imaginam-na a seu grado, imaginando tambem, a bel-prazer, a literatura que não leram. Dahi, argumentação e conclusões com aquelle ar adoravelmente "taineano"... O nosso meio: — uma sub-raça que se forma, com ancias, aspirações e desejos novos, pelo caldeamento de varias raças. A nossa literatura: — regionalismo á moda antiga, idealista, romantico, tendo por typo o caboclo, como Gonçalves Dias e Alencar tiveram o indio...

A SUB-RAÇA

Em quanto calcular o tempo necessario á formação de uma sub-raça? Em cinquenta annos, em um seculo? Tres ou quatro, por certo, temos nós, paulistas, de caldeamento com o hespa-

nhol e o indio e não é com rigor scientifico que nos dizemos sub-raça. Só com a Revolução se caldearam em França as raças. Hespanha e Portugal, retalhados em mil matizes raciaes, do basco ao judeu, do sarraceno ao gallego, com vestigios de iberos e pelasgos, apenas sahiam da civilisação arabe, mal disfarçada sob a hegemonia christan, que ainda não destruira os teares da Peninsula, nem domára o genio expansionista dos seus povos — quando produziram arte e literatura, unicas que são bem suas. A Italia é uma eterna sub-raça, que se não forma... E Dante, parece, não é de hoje. Na verdade, a "Comedia" marca o inicio de formação de uma raça, como assignala uma éra. Assim tambem, Cervantes e o theatro hespanhol exprimem as ancias, aspirações e desejos desencontrados de uma edade e de um povo: —D. Quichote e Sancho reunem-se, decerto, em um só typo, entre ideal e rasteiro — Don Juan. Mas quantos seculos de contrastes, choques e contrachoque de povos, de costumes, de ideias, de sentimentos, de religiões, de civilizações, foram necessarios a creações assim expressivas? A "Divina Comedia" não é a criação de um dia, de um anno, nem de uma vida de homem. Disse-o nestas palavras, no melhor trabalho brasileiro de commemoração dantesca, Amadeu Amaral:

"Dante não encontrou só, vagamente, uma lingua, uma literatura, uma cultura: achou um vivo movimento de curiosidade e renovação scientifica, achou toda uma poetica, toda uma moral, toda uma theologia, toda uma metaphysica já diluidas, trituradas, espalhadas, postas em pequeninos, no vulgar, ao alcance dos que sahiam lêr ou dos que sahiam simplesmente ouvir, atravez dos mysterios e das "commedie dell'anima", dos "tesori" e dos "giardini", dos tratados, dos sermões, dos poemas, das prelecções e controversias universitarias. Achou o gosto das visões do outro mundo. Achou a popularidade e a meia santificação de Virgilio. Achou o habito da allegoria. Achou a "terza rima".

Ora, tudo isso que o poeta achou feito, feito não fôra em dias ou annos, sinão seculos e seculos. E' o mesmo citado autor que o diz: — "O genio tem duas concretisações supremas: o grande poeta e o grande povo. Por isso os grandes poetas se harmonisam, se adaptam, se ajustam á alma multisecular e multiforme de seus povos, a ponto de parecerem a voz periodica e poderosa dessa mudez atormentada". Verdades profundas, em phrases perfeitas, applicam-se a Dante e sua "Comedia", como a Cervantes e seu "D. Quichote". Quantos seculos de Edade Media, com o Feudalismo e a Cavallaria, de literatura com a "Giesta" dos trovadores, o romanceiro, o cancioneiro dos povos, as lendas

e as tradições, para a producção de um D. Quichote? E quantos de serralho oriental, com polygamia e sensualidade salomonicas e de idealismo christão, áquellas superposto, com o culto da virgem, o amor cavalheiresco, a religião do lar, para a eclosão de tal expoente qual D. Juan? E quantos vae levando ainda agora, de Thynso de Molina a Byron, com escalas pela musica, sem de todo fixar-se?

E é com uns miseros quarenta ou cincoenta annos de vida parallelia que levamos com italianos, hespanhóes, allemães e syrios, cujas desencontradas influencias se chocam e contrabalaçam, annullando-se em favor da poderosa hegemonia moral e mental dos primeiros occupantes, favorecidos do poder da inercia, que se nos fala em sub-raça e — o que é mais — sub-raça que domina com "ancias, aspirações e desejos" a formação do que ha de mais pessoal e intimo na vida dos povos: arte e literatura... Si nova sub-raça longe está de se formar em S. Paulo, cuja capacidade de absorpção vem ha seculos posta á prova, desde o dominio infligido ao elemento indigena com a predominancia do linguajar caipira sobre a famosa "linguageral", corrente na capitania e absorvente como idioma vulgar, — não é a serio que tomaremos essa deliciosa metaphysica de "ancias, aspirações e desejos novos". De nada se arreceiem os sociologos á distancia: não se forma, assim aggressiva, "nova" sub-raça em S. Paulo. Consolida-se, isso sim, a velha, velhissima sub-raça, que, ha quatro longos seculos, aliás se vem formando no seio de uma populaçao, cujo potencial de energias já reside principalmente numa boa tempera de sanguess bem caldeados e bem absorvidos. Ahi, o ledo engano da critica: considera a influencia externa, desprezando a resistencia ambiente, poderosissima na sua feição estatica e passiva, independente dos reactivos conscientes de vontade e intelligencia, armados com as defesas da organisação social. Isto não é, de certo, o laboratorio barbaro de sociogenia, em que os factos sociaes se desenrolam á lei da natureza, puramente, como nos tempos primitivos, que os criticos costumavam ter ante os olhos. Convém distinguir da éra barbaresca dos novi-latinos — caso classico de fusão de raças — a edade moderna, com os seus factos sociaes peculiarissimos e os seus recursos de equilibrio, que seis annos de guerra não subvertem, nem abalam as doidas experiencias do Oriente europeu. Diversamente se passam hoje os fastos sociaes. O noso caso classico: — a feição anglo-saxonia das massas ethnicas dos Estados Unidos e o feitio hispanico dos outros povos da America, tambem invadidos pela grande immigração. Caso recentissimo a estudar-se, em pleno contraste com aquelles e por isso mesmo, frisante: — a imme-

diata desagregação das populações annexadas, na Europa, aos grandes imperios, desde o fracasso destes. A resistencia da Alsacia e da Polonia, da Italia irredenta e da Tcheco-Slovaquia á assimilação germanica, não illustram, por oposição, o nosso caso?

Como alsacianos e polacos, italianos e tcheques, estamos em nossa terra e estamos ha seculos. Temos por nós o que não tinham elles: — os factores sociaes conscientes, imprensa, literatura e lingua official á frente. Como os Estados Unidos e a Argentina, possuimos montada a machina social moderna: — vida material intensissima e espirito mercantil bastante para asphyxiar no immigrante velleidades nacionaes.

Tudo isso é muito differente da ruidosa, longa, remorada quēda do Imperio Romano...

A sub-raça, portanto, descoberta pela critica literaria, saenos de estrondo. Em rigor, não conta ella trinta annos siquer de simples gestação. Os cruzamentos de brasileiros com italianos são de hontem, primeira, primeirissima geração. Os descendentes de italianos ainda são os filhos. Não chegaram aos netos. E falar em "formação" de sub-raça... "Gestação" dir-se-ia, fosse ella facto impressionante como a eclosão de um producto ethnico-social novo, á maneira que o vê do Rio a critica.

O REGIONALISMO

Que é regionalismo? Uma palavra vasia de sentido, tão vasia que comporta nos limites de sua accepção toda a literatura universal. De facto, um poema, um drama, um romance, um conto — a menos que sejam de Julio Verne ou Wells — se referem a factos passados numa região da terra, de preferencia aquella em que nasceu, cresceu, viveu o auctor. Mesmo os outros mundos, quando os imaginamos, o da Lua, o de Marte, o do Inferno, representemol-os á imagem e semelhança deste em que vivemos e ao qual estamos irremissivelmente presos. O fundamento de realidade, que embasa toda obra de arte, mesmo as mais phantasiosas, provém do meio que o auctor conhece. Graça e muita haveria em que procedesse de um meio que esse auctor desconhecesse... Toda a literatura é, pois, regional, em essencia, por necessidade de sua propria natureza. Não escapa uma só obra. Preciso fôra que não proviesse de cerebro de homem, que nascesse no ar, cahisse feita do céu. As creações da mais alta abstracção, desdobradas em concepções philosophicas da mais larga generalidade, "resentem-se" do vicio humano, do peccado original de obras feitas por homem, homem que vive numa determinada região, que nasceu e cresceu numa só e não em todas as regiões da terra. Taes

concepções abstractas, quanto mais estrictamente fundadas na realidade circumdante, mais largas e mais amplas. "Regionalismo", portanto, não é bem o termo: — "localismo" seria a expressão para designar, não defeito essencial, mas virtude basica.

Aristophanes, introduzindo a comedia no theatro grego, com desprezo de todos os heróes e semi-deuses da aristocratica tragedia para ingressar em scena a plebe immunda de Athenas, não fez só regionalismo! Foi além, fez "plebeismo" atheniense. Hellenismo é toda a literatura, toda a arte grega. A estatuaria é regional: provém da familiaridade, da escandalosa publicidade do nú entre os hellenos. Que é a Biblia, sinão producto de literatura regional? E' o restricto regionalismo de reduzida familia humana. Que é o "Cantico" de Salomão, sinão a flor deliciosa de Sulém, transplantada para as viellas e ruas da cidade santa? Outra coisa não são os romancetes populares dos gregos. E crearam Daphnis e Chloé. Que são os proprios generos poeticos, designados por expressões peremptoriamente regionaes: os idyllios, as eclogas, as bucolicas, as pastoraes? A "Comedia", de Dante, a divina, é o poema de Florença, com as suas luctas politicas e pessoaes, as competições de familias, as intrigas, amores e odios, costumes, historia e lenda. E é, comtudo, o grande monumento de transição entre dois mundos: o pagão e o de Christo. Que é a "Chanson de Roland", sinão provençalismo? E o theatro Luiz XIV, sinão hellenismo renascente? Acaso não é regional Moliére? O romantismo, com toda a sua aggressiva originalidade, orientado para o medieval, no tempo e para a natureza, no espaço, poderia abstrahir de "região"? O mais humano dos genios literarios, o creador da immensa galeria das emoções feitas homem, foi o "regionalista" das bruxas e dos "sabbats", das florestas que andam e dos phantasmas da lenda. Em qué prejudica o conceito philosophico do D. Quichote o "regionalismo" das suas paginas? Em que deprecem "Braz Cubas", "D. Casmurro" e "Quincas Borba", com respirarem historia, costumes, sentimentos e ideias brasileiras? Donde o sentido philosophico d'"O professor Jeremias", sinão do seu profundo regionalismo? E a admiravel visão sceptica de Hilario Tacito, em "Madame Pommery", livro que não é de uma "região", mas de uma cidade? E a philosophica renuncia de Godofredo Rangel, nesse livro de sertão que é "Vida ociosa"?

Não é impossivel que, pelo criterio pejorativo de "regionalismo", vejamos amanhã no index literario aquella provinciana de Flaubert, a Bovary do comicio agricola e das desabaladas fugas a cavallo... E o "regionaleiro" Anatole?

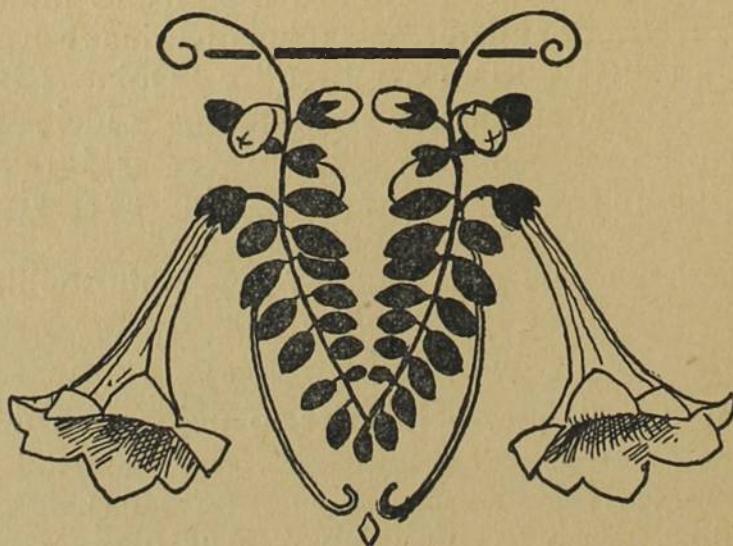
Conceda-se, entretanto, que "regionalismo" tenha algum sentido serio. Como distinguir os dois casos: — "regionalismo" e "não-regionalismo"? Onde, em theoria, acaba o "regional" para que comece o "universal"?

Não ha duvida que, com propriedade, se dirá regional, a literatura puramente anecdótica, referente a uma região e escripta em dialecto, sem fóros de idioma, com as duas unicas preoccupações e dois unicos fins alcançados — o regional e o dialectal. Desde, porém, que, embora dentro dos limites dos elementos fornecidos pela região e pelo proprio dialecto, o autor se eleve ás emoções humanas, no contexto e aos cuidados do estylo, na forma, — o "regionalismo" deixa de o ser, em absoluto, para se integrar na verdadeira literatura. O elemento emocional e humano, commum a todas as "regiões", a todos os paizes e povos, a todas as raças, ao homem, enfim, de Paris ou de Tokio, do Tibet ou do Caucaso, de Pekin ou de Nova York, de São Paulo ou do Rio, sobrenadando a todas as fronteiras de rios e mares e confundindo todas as almas nas mesmas sensações de dor ou de goso, de piedade ou de odio, de prazer mental ou sentimental — é a grande onda que não conhece anteparos nem diques de simples designações palavrosas.

*

A' obra de Monteiro Lobato, bem vincada de legitimo realismo, deve a literatura de São Paulo o epitheto "regionalista", com que falsamente pretendem qualifical-a.

"Urupês", porém, com o seu Géca e a dramaticidade dos seus typos, só é "regional", á moda antiga ou moderna, como "regionaes" são as obras mestras da literatura universal.





O PROFESSOR RAMALHO

ALBERTINO MOREIRA

BOM homem este Ramalho, professor.

Ramalho é aquele individuo que passa por esta rua, entre as dez e dez e cinco, e volta invariavelmente, ás quatro. Volta da escola que dirige aqui adeante, ainda mais curvado, como que mais jungido ao ramerrão eterno.

— Olha! Vae elle passando. Bôa tarde, professor. Regularmente, como Deus é servido.

Devem ser quatro e cinco. Queres vér?

Puxados os relogios, constatou-se a verdade.

— Pois, saiba: o professor Ramalho é aquillo que vês, ha uns bons vinte annos. Vêio da província, não sei qual, creio que de Minas. Trouxe muitos sonhos na cabeça e nenhum dinheiro para realisal-os. Resultado: acabou falhando, falhando em tudo. Vive, hoje em dia, de preparar rapazelhos para matricula em cursos secundarios. Explica com alguma ordem os substantivos; explana regularmente a collocação de pronomes; divaga sem maiores tropeços pela História do Brasil.

A vida do professor Ramalho, a vida que elle viveu cá fóra em sociedade, ao alcance da maledicencia, é de pouca monta.

Primeiro, ao falharem as tentativas, desilludiu-se dos homens, desses homens importantes que dão empregos. Disse mal dos governos, escrevinhou aleivozias nas gazetas da oposição. Depois, a cada novo esforço falhado, foi perdendo a esperança consigo mesmo até que se desilludiu por completo, de tudo, de todos e de si, principalmente.

Ficou, por aqui, vivendo no vegetativo dessa existencia. Aqui, elle se foi, aos poucos, desfazendo da mocidade. Envelheceu devagar. Devagar as rugas lhe vincaram as feições; rarearam-lhe os

cabellos na cabeça á medida que uma calvicie honesta e calma começara a clarear-lhe o alto. O bigode, dantes austero e erguido, descahiu murcho, descoroçado. A bocca, lentamente, arqueou-se em rictus, arrepanhada do muito fél que sorvera. As mãos alongaram-se, amarellas, com esguios dedos de inoffensivas garras. E as pernas bambearam-lhe, escanifraram-se.

Assim foi o tempo passando pelo professor Ramalho, diminuindo-o.

Viveu elle sempre a ganhar a vida sem nunca ter vivido. Occupa-se tanto com esse mistér de professor que até hoje não teve um momento siquer de seu para pensar em suicidio. Obedece tão cegamente aos horarios de aula, e ao costume inveterado de ás tantas fazer isso e ás tantas fazer aquillo que elle já dá, até, a impressão de que é movido por uma força estranha, um impulso independente da sua vontade, ao rythmo de um tic-tac immutavel e eterno.

Um bom homem, o professor Ramalho. E serviçal, amigo de servir. Todos os commerciantes aqui do bairro, quando se atra pa'ham nas suas contas, é o professor Ramalho quem lh'as acerta. Ali, aquelle mocinho petulante do sobrado, antes de mandar as suas crónicas domingueiras para os jornaes da cidade, desce de vespera ao Ramalho para que elle lhe alimpe os periodos e lhe espurge as cincas.

E' assim o professor. Outra coisa: é o padrinho predilecto das noivas sem padrinho no arrabalde, e sempre, ao sahir dessas festas de bodas, deixa bons conselhos e a certeza da sua amisade.

Ninguem se queixa delle. Elogios, tambem, não lhe fazem. E' uma sombra que passa; não deixa rastros.

O logar commum em pessoa. Pautado, methodico, exacto. Está sempre de accordo comsigo mesmo, e tem, por isso uma bôa qualidade a mais: não discute, não impõe a ninguem as suas opiniões. Contradital-o é vel-o pelas costas.

Um exemplo.

— Professor Ramalho, o littoral do Brasil tem 7.044 kilometros, não tem?

— Eu digo e affirmo que não! Que são 8.118.

— Mas, professor, a geographia do Lacerda...

— Já lhe disse: é isso: 8.118!

— Sim, mas...

Já o professor Ramalho não nos ouve. Estala as sapatorras nas calçadas e vae-se. Nunca mais o pilharemos depois. Precata-se para todo o sempre.

Nenhuma vez falhou elle á aula. Infallivel como todas as coisas infalliveis.

Minto. Falhou um dia á lição o professor Ramalho. Isso faz bem seus dez annos. Naquella época, nós, os bachareis de hoje, andavamos a nos abastecer com os conhecimentos meudos do professor Ramalho.

O Ananias, agora despachante da Alfandega; o Antoninho Dias, o malogrado poeta dos "Cantares de antanho" e aquelle sujeito de que sempre me esqueço o nome, um baixote, gordo, trombudo, que depois foi eleito deputado — e eu eramos os alunos do banquinho da musica, ali da frente, lapis expedito e orelha afiada.

Gostava de nós o professor Ramalho. Naquelle tempo tinha elle mais cabellos, e ainda torcia os bigodes. Não lhe haviam cahidos os dentes, que, de vez em quando, lá lhe branqueavam nalguma nesga de sorriso encardido.

Pois foi nessa occasião que o professor falhou pela primeira e unica vez á aula: falhou porque ia casar.

A noiva, impingida ao nosso professor, pertencia á alta sociedade daquelle tempo. Tivera não sei que amores escabrosos por um primo, e este primo fugira para o Rio Grande do Sul.

O Ramalho foi inculcado para salvar as apparencias. Tristes injuncções da vida! Imagina: o Ramalho tinha na escola cinco irmãozinhos da moça, a vinte mil réis por mez cada um. Além disso, andava-lhe promettido um lugarão na Camara, coisa de render para mais de 500\$000, e tudo, por desgraça, enfeixado nas mãos do pae da moça.

Foi chamado o Ramalho ao palacete do futuro sogro. Fecharam-se numa sala e a coisa se resolveu num atimo. Teve que aceitar a situação de salvador sem maiores exigencias.

— Deu-se isso, na verdade — disse-lhe o pae da moça — Falo-lhe com toda franqueza. Mas, o senhor comprehende, os amigos são para essas occasões. Agora o senhor resolva, ahi mesmo, o assumpto: ou acceita, e então o senhor terá de mim tudo; ou não acceita. Escuso-me de avisar-lhe o que lhe poderá acontecer, agora que lhe revelei o maior segredo de minha familia.

O professor Ramalho, no momento, dispensaria tantos esclarecimentos, e foi em tremuras, com pressa, mal o outro terminou, que deu a sua palavra, promptificou-se a tudo, achando, até, que lhe era muita honra tamanho papel.

Dias depois dava o Ramalho a sua primeira falta no curso. O curso ficava ali onde é hoje o "Aurora Foot-Ball Club" numa cacinha baixa que já demoliram.

Casou o professor Ramalho. Houve festas; os jornaes publicaram as photographias delle e da noiva entre adjetivos sonoros. E á noite, os bailaricos e recitativos do costume. Até, se não me engano, foi no dia exacto que rebentou em S. Paulo aquelle negocio do Protocollo. Deves estar lembrado, não?

Já de madrugada foram-se os convidados. Ficou a familia. O Ramalho vestia uma enorme sobrecasaca, emprestada pelo commendador Ferreira, aquelle que morava ali no Largo e que embarcou ha dois annos para a Europa, muito rico, o maganão.

A noiva estava como todas as noivas. Pudicia, flôres de laranjeira, grinaldas de virgem, brancuras da innocencia.

Afinal, as bôas noites da mamã e do papá, as beijocas da madrinha e as batidas malevolas nas espaduas do noivo por algum titio solteirão.

Recolheram-se ao ninho nupcial. Era uma linda alcova: pão marfim, cortinas leves e airosas cahindo do alto, fofice de tapetes apagando rumor de passos e, no mais, espelhos: espelhos na "coiffeuse", espelhos nos creados mudos; no toilette; no tampão do guarda-vestidos, de cima a baixo; na parede de porta a porta.

De maneira que, mal o Ramalho transpoz a porta, deu de cara comsigo mesmo em varias reproduções. Só então viu a sua sobre-casaca de emprestimo a todo tamanho, e viu-se dentro della, amortalhado.

Se no atordoamento da festa, no meio das ceremonias de egreja e das formalidades civis, tivera momentos em que se esquecera por completo do seu papel, do seu passado, da sua figura, de si mesmo, em summa, agora, na alcova de nupcias, vendo-se de frente, sentindo-se insultado por si mesmo na face lisa dos espelhos, tomava o peso da responsabilidade, via o ridiculo de sua vida, comprehendia a baixeza do máo passo dado.

Voltara-lhe — diga-se em seu abono — o sentimento de dignidade, bastante contundido, amarfanhado, tambem é certo, mas, mesmo assim, sentimento de dignidade.

Ficou espectral, funebre, dentro da negridão do seu traje.

E nada de querer aproximar-se da noiva, que, deitada já, esperava-o, em vão.

Ramalho puzera-se a andar pelo quarto em sinistros revôos da sobre-casaca. Ia e vinha, o passo surdo, descido o senho.

O silencio foi pesando, foi abafando. Tremiam as luzes no alto engaste dos castiçaes. Arrepiavam-se a medo as alvas cortinas do leito. E no ambiente, na mudez de tudo, foi crescendo, foi alargando o pasmo, o espanto, o horror das horas fataes.

E os passos apressados, surdos, a resoar; a sobre-casaca a ir e a vir...

A custo, numa vozinha, voz de além, exticta, aventurou a moça:

— Ramalho, quê que você tem, Ramalhinho?

Ramalhinho!... A doçura dum diminutivo! Ramalhinho parou, subito. Parou á beira do leito, olhando aquellas alvuras de noivado, e o rosto lindo, rosado, assustado da noiva. Olhava como se olha para o escancarado aberto dum abysmo. Veio-lhe a impressão de

que o leito ia-se cavando, abysmando, afastando-se e que elle, ali, ás bordas, debruçado, pendido, não poderia ter força em si, e cahiria, rolaria para aquelle pégo sem fundo, para o sem fim daquella tentação de carne côr de rosa.

Mas, um esforço supremo, um estremeção, arrancou-o dali, e elle continuou a andar.

Já agora a raiva rugia dentro delle. A raiva de não ter sido homem, da fraqueza dum momento e de agora, de repente, já no final da farça, sentir-se cheio de tamanho brio, envergonhado de si proprio, em feias revoltas da consciencia.

Vinham-lhe as palavras de replica esfusiente ás propostas do sogro, naquelle sala fechada, quando se portará tão pulha, todo em tremeliques de infanção. Devia ter dito assim, duro: — “Ficate para ahi, e dê mais respeito á familia, ouviste?” — e sahir pisando forte, muito digno, e ainda da porta voltar-se para malhar-lhe em pleno rosto, attonito, uma outra phrase assim, rispida, chicoteante: “Faça o que entender. Eu sou um homem de bem!”

Invectivas surdas esfusiam assim, dentro delle. Coruscavam-lhe os olhos assassinos.

Mais uma vez, a vozinha subiu num reclamo debil, medroso:

— Ramalho...

De novo Ramalho parou curvado sobre o leito. Não se lhe abrandou a furia dos olhos á vista daquellas formas brancas, duma brancura sem peccado, mal veladas pela alvura estreme dos lençóes.

Os punhos foram-se levantando, aos poucos, crispados, terríveis, ameaçadores. Babava a bocca numa contracção tão forte que os dentes perros, rangiam, tatalavam.

Só então, comprehendeu a moça toda a extensão do perigo e fora-se erguendo, como por instincto, esplendida na sua semi-nudez, eriçados os cabellos, os olhos escancarados; toda a physionomia em fuga arrepelada para traz, num grande, num allucinado pasmo.

Ramalho curvara-se mais sobre o leito, mudo, terrivel, siflando a respiração entre dentes, num fremir de narinas.

Bastaria adeantar-se mais, e que aquellas mãos em garras apertassem, estrangulassem — e tudo acabaria naquelle perfumada alcova nupcial.

Mas, Ramalho suava; o suor descia-lhe em bica das cordoveias turgidas, e uma tremura maior abalava-lhe o corpo, desequili-brava-o, enfraquecia-o. E começou a recuar, tentado, seduzido pela brutal e desnorteante fascinação daquelle carne branca, da maciez daquelles seios redondos. Era o fascinio da serpente, com toda a sua força sobrehumana de sedução.

Um momento mais que ficasse ali — e em vez de matar, de anniquilar, seria subjugado, vencido.

De repente, uma resolução desesperada: dois saltos em recúo, e outros tantos rumo da janella. Abriu-a de arremeço e precipitou-se, de um pincho, nas trevas.

Fugiu como um bandido. Na rua, ao dobrar da primeira esquina, tomou-se de coragem, comprehendeu que estava livre, que podia gritar e foi gritando, accordando os echos:

— O que fizeste, Ramalho! Ramalho, o que fizeste!

Não perdeu o juizo como pareces suppor. Ficou o mesmo.

No outro dia, nós já antegozavamos uma nova falha na escola, quando elle entrou no mesmo passo regular, com a mesma roupa, e a mesma cara. A falar verdade, creio que vinha até mais alegre.

Sentou-se. Olhou-nos a todos, com bondade e foi perguntando:

— E' geographia hoje, não é? Pois então vamos lá. Oh! seu Antoninho, quaes são os limites do Brasil com as Guyanas?

*
* *

E assim, sem alarde, recaiu o professor Ramalho, outra vez, na uniformidade da sua existencia depois de um dia só de discrepancia.

Hoje vive de ensinar os nossos filhos. Amanhã, irá talvez ensinar os nossos netos. Nós passaremos por elle, descendo ou subindo; elle é que nunca sahirá deste isochronismo quotidiano e eterno. Bom homem, o Ramalho!

Santos.





A PIEDOSA IRONIA

MONTEIRO LOBATO

ALVARO Moreyra — já neste y grego começa o trabalho de estylo de Alvaro — consegue isolar-se, em plano á parte, da turba dos Moreiras com i. Não é attitude forçada, nem mania de originalidade, como o parecerá aos que o não conhecem. E' hygiene. E' um lindo sentimento de pudor claramente perceptivel por quem lhe percorre meia duzia de paginas. Leia-se um capitulo do "O outro lado da vida...", seu ultimo livro.

"O CAVALHEIRO FATAL

E' uma noite de céo sem nuvens, toda de azul e estrellas. Páro junto do mar. Nas ondas que se desmancham contra as pedras do caes andam luzes, accesas de subito e de subito extintas. Fico a olhal-as, esquecido, encantado.

Um cavalheiro que passa, e que eu conheço, detem os passos, com um grande oh!, e explica-me que *aquillo se chama phosphorescencia*.

Esse cavalheiro, desdobrado em centenas de outros, e sempre o mesmo, tem me acontecido, muitas vezes, na vida..."

O cavalheiro fatal da Vulgaridade talvez que no primeiro encontro já induzisse Alvaro a correl-o do sobrenome, com o gancho do y grego. E Alvaro, na vida e nas letras, fez-se Moreyra, isto é, um raro, um subtil, um pensamento que sente e um sentimento que pensa, intelligencia que só veste as gazes das suaves ironias mansas, coração que se exsolve em doce piedade.

Alvaro é um que passa pela vida sem gritar, sem salvar a patria, sem maldizer com gestos de Ezechiel, sem quebrar a linha duma suave ironia piedosa. Um sorriso para tudo...

Alvaro passa, não se detem, não adhère ao bolo, não gesticula num grupo servindo de pabulo á platéa. *Guarda e passa.* E seus encantadores livros, vasados num estylo onde todas as finuras se reunem e todas as irisações rebrilham, são o diario da sua passagem pela vida.

Está alli uma pequena florista; milhares de pessoas passaram por ella e ninguem viu nella senão uma simples florista de rua. Chega a vez de Alvaro e seu livro de notas ganha uma nova pagina:

"LITERATURA PRECOCE

A pequena alongou os braços e disse, a sorrir, com voz dolente:

— Estas violetas estão pedindo ao senhor que as leve. Faça-lhes a vontade, sim?

Comprei as violetas.

— Muito obrigada. Não quer troco?

— Quero que me diga a sua idade.

— Tenho onze annos.

— Pois, minha filha, continue... Você promette."

Todo o mundo vira, na pequena florista, uma vendedora de flores apenas. Alvaro viu tudo, devassou-lhe o futuro, a psychologia requintada da futura *enjoleuse* e deu-lhe o conselho sobre todos sabio — continue. Porque é preciso que todas as individualidades desabrochem plenamente para que a symphonia das coisas humanas não tôe desafinada.

Quem possue esta acuidade de visão vê as almas e apprehende os typos, unicas coisas interessantes para a sensibilidade esthetic. A literatura de Alvaro é assim uma galeria de almas e typos entrevistos. Elle não insiste, não disseca, não anatomisa, como o faz o romancista. Denuncia-os, apenas, em rapido escorço, ás vezes num só traço. E, como é um passante, passa. Limita-se a descobrir e levantar a perdiz. Não a caça, não a estraçalha a tiro, não a come assada. Seu *sport* é levantar a perdiz e vel-a erguer-se, tonta e desordenada.

Na Suissa, um dia, levantou uma pêga no trem. Genero curiosissimo: colleccionadora de luzes e... de objectos alheios.

"Aquella senhora muito loira, muito magra, muito ingleza, que nós encontramos numa branca manhã de março (havia neve pelo caminho) dentro do comboio, no qual seguimos, ai de nós! rumo da Suissa, — aquella senhora, dolente e fina, que aspirava ether espargido sobre violetas, — não te lembras? — era uma colleccionadora de luzes... Com o seu *water-proof* e o seu *spleen* vivia á busca de madrugadas, meiodias, poentes, noites, fazendo, na memoria, um museo maravilhoso. Era uma senhora de vagas semelhanças physicas com

Oscar Wilde: o mesmo perfil scismarento, a mesma bocca desgostosa... E que bem ella nos disse do alvorecer do dia, em Florença, no mesmo de Outubro...

Parecia Miss Bell. Encheu-te os olhos de lagrimas, ao evocar Athenas, á hora do sol a pino.

A mim, o que mais me commoveu foi ouvir contar de um crepusculo na campanha romana. Mas nunca hei de esquecer a descripção de um luar no Bosphoro...

Ah! era excepcional aquella senhora! E que lindas mãos! E que cabellos tristes!

Quando ella levou, por engano, a minha *valise*, ao despedirmo-nos, em Montreux, nem imaginás como lhe fiquei agradecido. Verdade é que, na *valise*, iam apenas umas escovas, uns lenços, um frasco de dentríficio italiano e um par de luvas...

Póde ser que ella tambem collecionasse objectos alheios..."

Todo Alvaro está aqui, neste delicioso quadro de encontro casual e sobretudo numa phrase de apparente paradoxo: "... nem imaginás como lhe fiquei agradecido." Agradecido de que? De lhe haver proporcionado uma chave de caracter. Sem o furto da maleta aquelle typo de mulher vulgarisar-se-ia e apenas como enchimento caberia no livro. Apprehendel-o assim, integralmente, em troca de meia duzia de objectos de *toilette* é, de facto, para um passante avido de caçadas raras, coisa de render graças ao destino.

Em todos os momentos da vida está Alvaro sempre alerta para ver o que raros veem e para tirar das coisas e factos deliciosas e profundas associações de idéas.

"Páro diante duma casa de fructas. Páro a tiritar, porque desta vez o frio é frio mesmo. A noite chega.

Passam mulheres apressadas, escondidas em pelles, vindas dos cinemas, das casas de modas, das casas de chá, e de outras casas. (Si um cavalheiro fatal escrevesse isto não esqueceria de gryphar este finzinho...)

Que lindas são! Fico a olhal-as e a comparal-as com as uvas, as peras, as ameixas e as maçãs, que, alli, junto de mim, sorriem, excitantes e caras. Ha principalmente uns pecegos que me desvairam... verdadeiros pecegos de pensão chic... Mas, aquella loira, fina, nervosa, em que pomar encantado teria nascido?... Lá se foi... desapareceu...

Esta agora deve ser ingleza; é baixinha, quasi gorda, bíblica... Parece um mamão, Deus me perdõe...

Oh! a senhora Ema de Souza!... Cravo a vista nas tangerinas...

Tantas mulheres, tantas fructas...

Já a noite encobre a cidade. Esvasia-se a Avenida.

Entro, então, e peço ao *garçon* uma salada de fructas..."

E vive na mesma cidade dos micrologos da lingua, dos immortaes escaravelhões da grammatica e do *folk-lore*, o espirito encan-

tador de quem assim sente e escreve! Que desforra de Ariel ha nestas antitheses da natureza!

A mulher elle a vê sempre de passagem, no unico aspecto interessante da mulher, quando toda ella é uma creação artistica a que emprestam elementos as lindas coisas do mundo — o perfume, a flor, as gazes, as plumas.

“— Os lindos corpos! E como pode saber se são lindos, assim disfarçados pela moda de agora?

— Eu chamo um lindo corpo a um lindo vestido do qual desabrocha um lindo rosto sob um lindo chapéo...

— Lembre-se de Montaigne: “Ha mulheres nas quaes os lindos vestidos choram...”

— Choravam no seculo XVI. No seculo XX, os lindos vestidos são indiferentes, impassiveis. Deixam-se amar, fugidios. Formas transitorias de transitorias formas, limitam-se a passar... E por onde passam, embellezam o que existe: o ar, a luz, os olhos das criaturas, as flores dos canteiros, as pedras, a propria poeira... Os vestidos, acrelide, possuem uma alma harmoniosa.”

Quem como Alvaro passa e não pára, tira da visão inexgottaveis fontes de prazer. O encanto da mulher é para elle esse do vestido que passa. Assim, quer a belleza o mais possivel entrevista, para as loucas disparadas da imaginação.

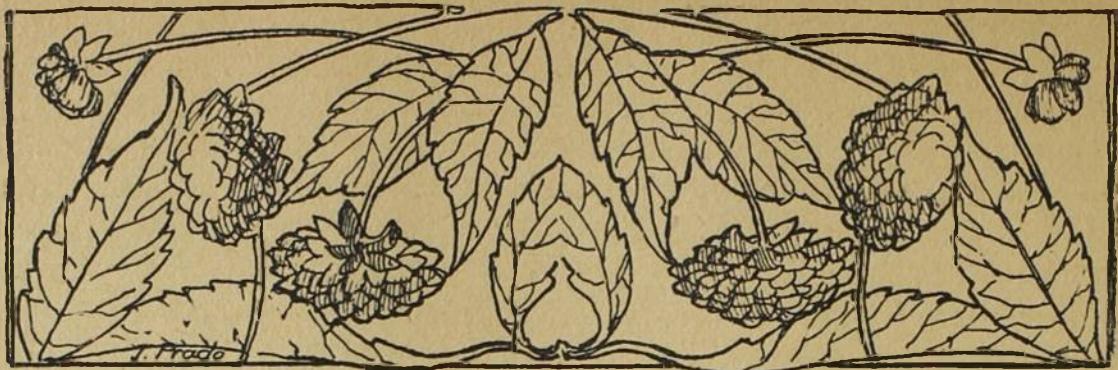
“A belleza das mulheres, quanto mais escondida, mais envolvente é. O que se vê não dá o prazer que dá o que se imagina... As minhas lindas patricias, nem á beira-mar, nas horas de banho, nem nos bailes elegantes, onde mostram segredos da sua carne, tem o encanto que tem no Carnaval. As phantasias retiram dellas a actualidade. Os *loups* apagam a data das physionomias. Como eu nasci no seculo XVIII, ao tempo de Luiz XV, gosto de andar, sob a graça de Momo, pelos salões de dança, entre serpentinas, em cima de *confetti*, no meio de um cheiro doido e bom de lança-perfume... E penso, então, em Versalhes, em *mme. Pompadour*, naquellas marquezas e naquellos condes...”

Alvaro é o caso raro, rarissimo de um philosopho capaz de todos os vôos, mas que borboleiteia sobre as flores da vida, cheio de graça, a sorrir piedosamente. E como borboleiteia, fica a ver navios.

“... e fico a ver navios. E' um passatempo. O mar, por ser sempre o mesmo, é differente sempre. A's vezes, verde, com franjas de espuma. Outras, azul, parado, immovel. Em certas manhãs, parece uma cauda de pavão... Eu gosto do mar. Páro, horas esquecidas, na areia da praia, olhando as ondas, marujamente, cheio de uma nostalgia deixada em mim pelos portuguezes meus ancestraes... E fico a ver navios... E' o que tenho feito em toda a minha vida...”

Esta é a conclusão ironica da primeira parte do livro encantador. E a conclusão do leitor é que a vida só vale a pena quando é possível vivel-a assim, a ver navios. Os outros os constroem, suarentos, esbofados e fazem-nos sulcar o oceano, entre parceis e sobre tempestades. Materialões, o castigo delles é permanecer dentro da machina, dentro da vida, não podendo fazer a unica coisa interessante relativa a um navio ou á vida: vel-o de longe, vel-a de fóra, vel-os do outro lado... Feliz, Alvaro, feliz de conservar-se Ariel entre bicharocos, e de não aspirar descer donde paira, e donde tudo vê, a sorrir, para acotovelar-se com os escaravelhos que suam e levam por diante, rolando na terra, a sua bolinha, convencidos de que levam o mundo...

Na segunda parte do livro, denominada "A sala dos incuráveis", Alvaro collecciona typos. Delicioso museô! Entram nelle reminiscencias da infancia, diluidas no limiar da memoria e de subito actualizadas por um relampago de associação. E' exemplo disto "O fraque", pagina que entre nós só Machado de Assis escreveria e em França só Anatole. Querem conhecê-la? Comprem-lhe o livro, que, a cital-o aqui, reedital-o-ia inteiro, e não tenho autorização para tanto. Visamos apenas dar aos leitores da Revista uma breve impressão dessa estranha figura de... como definil-o? E' facil definir o que abunda, e classificar um escriptor rico de antecessores, cheio de iguaes, fecundo em progenie. Mas ao que é unico? Ao que é elle só, no passado, hoje, amanhã? Nada de arrojos, nem de cavalheirices fataes... Alvaro não se define — sente-se. Perfume que escapa da flor, tom que nos enleva os olhos, encanto de vestido que passa, Alvaro ficará em nossa literatura como um tesouro á parte, de miniaturas, de camapheus, de filigranas, de tecidos preciosos. Sua obra será estudada: virão escaravelhos dissecal-a e reduzil-a a bolinhas. Mas, o espirito que paira nellas e móra, aninhado como beijaflores, entre as palavras, nas reticencias, nas suggestões, esse não será polluido nunca pelo feio bicho, porque só é perceptivel aos afinados por elle, aos que tambem passam, e, sorrindo para tudo, trilham pelo outro lado da vida...



S. PAULO NOS TEMPOS COLONIAES

A EPOPE'A DAS BANDEIRAS

AUGUSTO DE SAINT HILAIRE

Membro da Academia das Sciencias do Instituto de França

(TRAD. DE LEOPOLDO PEREIRA)

VIII

Os Paulistas, que se orgulhavam de annexar desertos á monarchia portugueza, iam logo fazer um descobrimento mais importante, o das ricas minas de ouro da vasta região que depois recebeu o nome de Minas Geraes.

A historia d'este descobrimento, ainda que recente, é cheia de incertezas. Como os gregos dos tempos heroicos, os Paulistas corriam após aventuras, mas não escreviam. Sabe-se entretanto, que pelos meiados do XVII seculo, um homem emprehendedor chamado Marcos de Azevedo ou Azeredo, tendo subido o rio Doce, trouxe de sua viagem amostras de minérios de prata e pedras verdes, que se tomaram por esmeraldas. Azevedo morreu sem que se soubesse onde fizera tal achado; porém logo as imaginações se escaldaram, todos os aventureiros quizeram achar a *montanha das esmeraldas*, onde Azevedo as apanhou, e o governo favoreceu essas pesquisas com auxílios e promessas de recompensa.

Escusado é dizer que os Paulistas foram os primeiros a pôr-se a

caminho. Entre elles vivia um velho octogenario (1), famoso por sua energia e pela perseguição que fizera aos indios. Ouvindo as histórias maravilhosas da montanha das esmeraldas e das riquezas que ella encerrava, sente agitar-se-lhe o sangue e revigorarem-se-lhe as forças; crê renascer-lhe o ardor da mocidade. Obtendo do governador geral permissão para fazer á sua custa uma expedição com o fim de descobrir a celebrada montanha, elle gasta nos bem combinados preparativos a maior parte de sua fortuna e põe-se a caminho. Era preciso penetrar num immenso deserto eriçado de altas montanhas, coberto de gigantescas florestas, atravessado constantemente por hordas barbaras; porém nada abate sua coragem. Em alguns annos elle explora uma parte consideravel da região chamada hoje Minas Geraes, funda grande numero de estabelecimentos, e emfim, quando crê ter attingido o fim de sua viagem, quando chega ao famoso lago chamado Vapabuçú, perto do qual supunha-se que estavam as esmeraldas de Marcos de Azevedo, a insalubridade do clima e a desunião que lavrava entre seus companheiros exgottados, o forçaram a retomar o caminho de S. Paulo. Não conseguiu, porém, chegar a essa cidade; morreu, pelo anno de 1678, perto do rio das Velhas, deixando a seu genro Manoel Borba Gato os utensilios de mineração que levava, a polvora e o chumbo que restavam ainda, e o itinerario de sua viagem. Coubera-lhe a gloria de descobrir a província mais importante do interior do Brasil.

Foi, segundo parece, Domingos Arzão o primeiro que achou ouro nessa província. Havia penetrado nos sertões de Cuyaté, e no anno de 1695 apresentou ao senado municipal do Espírito Santo tres oitavas de ouro. Com esse ouro fez duas medalhas, e levou uma para S. Paulo. Desde então os habitantes da capitania de S. Vicente só pensaram nos tesouros de Cuyaté.

Arzão, ao morrer, deixou o roteiro de sua perigosa viagem a seu cunhado Bueno de Cerqueira, que também depois embrenhou-se nos sertões. No meio da excursão encontrou outro bando, que perseguiam os indios: os homens que o compunham, sabendo do intento que levava, renunciaram à sua caça e uniram-se a elle, e juntos não cuidaram senão de descobrir ouro. Acharam-no com abundancia, mas não sabiam como tiral-o da terra e alimpal-o. Em vez de alvião serviam-se de ferros ou paus pontudos, e para separar dos corpos estranhos o precioso metal, utilizavam-se de pratos de estanho.

Bandos numerosos de homens de todas as idades e condições partiram logo de S. Paulo e das povoações vizinhas á cata de ouro; era-lhes indiferente subir as mais escarpadas montanhas, atravessar caudalosos rios, enselvar-se nas espessas florestas povoadas de feras e serpentes venenosas: parece que a cobiça lhes redobrava as forças e lhes velava todos os perigos.

(1) Fernão Dias Paes Leme, o "caçador de esmeraldas", de Bilac. (N. da R.)

Esses homens tiveram a principio o bom senso de seguir caminhos diferentes e de deixar na posse dos thesouros os primeiros occupantes. Assim em pouco tempo se espalharam por toda a superficie do territorio novamente descoberto: em toda a parte achavam ouro, e d'ahi o nome de Minas Geraes, que lhe deram.

A principio não cuidaram os Paulistas de estabelecer-se na regiao que tantas riquezas lhes offerecia. Quando achavam ouro em algum lugar, construiam alli mesquinhas cabanas, e se elle se exgottava, iam avante. Porém certas localidades se mostravam tão ricas que elles alli permaneciam por muito tempo; construiram casas e fundaram aldéas, muitas das quaes com o tempo se tornaram cidades. A elles é que se deve a fundação de Marianna, Ouro Preto, Sabará, Caeté, Pitangui, S. José e muitas outras, que a principio foram todas *arraiaes*, nome que por habito se dá até hoje ás aldéas de Minas.

Ainda que os mineiros Paulistas se houvessem acautelado para evitar motivos de dissensões, era difficil que, tendo costumes igualmente rudes e estando possuidos da mesma sêde de ouro e entregues aos mesmos trabalhos para social-a, vivessem sempre em paz. Desde que a cidade de Taubaté deixou de ser uma aldêa de indios, tornara-se rival de S. Paulo, de que era vizinha. O descobrimento das minas de ouro fez nascer novos odios entre os habitantes das duas cidades, e na época da viagem do auctor (1819) ainda os descendentes conservavam lembranças das querelas de seus antepassados.

Discordias muito mais graves não tardaram a surgir na região das minas.

A noticia do importante descobrimento que se havia feito, espalhara-se com extrema celeridade. De todas as partes do Brasil accorreram bandos de aventureiros, desertores, criminosos perseguidos pela justiça, aos quaes logo se aggregaram grande numero de europeus tão perversos como elles. Os Paulistas tinham algumas idéas generosas, que não podiam partilhar com essa corja de valdevinos, escoria de Portugal e do Brasil; entretanto é força confessar que a convivencia com escravos, a caça dos indios, a licença a que se entregavam, longe de toda a vigilancia, no meio dos desertos, os tinham igualmente corrompido. Todos os vicios foram se encontrar na região das minas, todas as paixões alli se desencadearam, todos os crimes alli se commetteram.

Os Paulistas não viam sem indignação estabelecerem-se estrangeiros em uma região que consideravam sua. Orgulhosos das riquezas e escravos que possuiam os mais delles, ainda antes do descobrimento das minas, tratavam os vindicós com profundo desprezo, infligiam-lhes vexações continuas e deram-lhes a ridicula alcunha de *emboabas*, porque, usando botas cu polainas, esses intrusos se assimilhavam a certas aves cujas pennas descem até os pés. Tantas affrontas acabaram por exasperar os adventícios; constituiram-se dous partidos; os estrangeiros ou *forasteiros* tomaram por chefe um delles, Manoel Nunes Vianna, homem poderoso,

activo, intelligente, que, embora brando e affavel em suas relações habituaes, sabia, quando mister, desenvolver uma grande energia. Alguns sacerdotes, que, esquecidos de seus deveres e attrahidos pela cobiça, haviam-se introduzido tambem nas minas, uniram-se aos forasteiros e os excitaram á revolta. Um delles, um certo padre Antonio de Menezes, da ordem da Trindade, vil agitador, por uma traição os fez senhores das armas dos Paulistas, e elles proclamaram Nunes governador do paiz. Rompeu a guerra civil; travou-se um combate junto ao rio das Mortes, ficando vencedores os *forasteiros*, que, porém, deshonraram a victoria, trucidando uma multidão de Paulistas que se haviam rendido.

O governador do Rio de Janeiro, D. Francisco Martins Mascarenhas, tendo sabido do que se passava nas Minas, para alli se dirigiu. Nunes foi a seu encontro, acompanhado de consideravel multidão de homens armados e o intimidou por seu porte cheio de arrogancia. Em uma entrevista que realizaram, affirmou ao governador que nunca deixara de ser um subdito fiel e que, se se poz á frente dos sediciosos, foi unicamente para os conter, e o persuadiu a retirar-se.

Depois da partida de Mascarenhas, Nunes exerceu sem pêas as funcções de governador. Nomeou para os cargos os homens de mais capacidade que encontrou, restabeleceu quanto possivel a ordem, e fez lastimar ás pessoas sensatas que sua auctoridade não tivesse fonte mais legitima.

Entrementes preparavam-se os Paulistas para a vingança. Suas mulheres os excitavam com furor, tratando-os de covardes; os padres, olvidando, diz o padre Manoel da Fonseca, que a paz é o patrimonio da igreja, faziam ouvir nos templos gritos de guerra: preparavam-se armas, sahia gente de S. Paulo para Taubaté com o fim de fazer recrutamento.

Neste comenos chega de Lisbôa ao Rio de Janeiro Antonio de Albuquerque Coelho, que devia substituir Mascarenhas (1709).

Os homens mais sizudos da região das minas, fazendo embora justiça a Manoel Nunes Vianna, percebiam quão falsa e perigosa era sua posição. Secretamente enviam a Albuquerque um religioso que fôra seu secretario, e supplicam-lhe que restabeleça entre elles a auctoridade legal. Este governador era homem habil e activo. Para inspirar maior confiança aos habitantes das minas, chega alli quasi sem acompanhamento: todos se submettem, e logo uma amnistia geral é concedida aos rebeldes, exceptos o frade trinitario, um companheiro de Nunes Vianna e o proprio Nunes, que morreu na prisão e que merecia talvez melhor sorte. (1)

Maior difficuldade havia em reduzir os Paulistas, sempre exasperados pela traição de que foram victimas. Albuquerque todavia o tentou: foi procurar o pequeno exercito delles, mas, vendo que eram inuteis os meios suassorios e temendo até algum attentado contra sua pessoa, julgou pru-

(1) Souhei e Balthasar da Silva Lisbôa dizem que a Nunes se deu a permissão de retirar-se para estabelecimentos que elle havia fundado á margem do rio S. Francisco; mas Pizarro cita um documento oficial que contradiz esta opinião.

dente retirar-se para o Rio de Janeiro, e de lá mandou dizer secretamente aos *emboabas* que se preparassem para receber os Paulistas.

Estes com effeito chegaram logo ao rio das Mortes e atacaram um pequeno forte, onde se haviam recolhido os *emboabas*. De ambos os lados combateu-se encarniçadamente; mas os Paulistas se distinguiam em todos os recontros pela habilidade com que accomettiam o inimigo. Entretanto, chegando á seu conhecimento que numerosos reforços chegavam a este, aproveitaram a noite para evadir-se e voltaram para sua terra, assolando tudo na passagem.

Esta expedição lhes havia acalmado o furor. Albuquerque aproveitou habilmente a bôa disposição em que elles se achavam, enviou aos membros do senado municipal de S. Paulo o retrato de D. João V, e escreveu-lhes, dizendo que, não sendo possivel ao rei visitar sua cidade, queria ao menos que sua imagem ficasse no meio delles, para que soubessem que os tomava sob sua immediata protecção. Os Paulistas, que eram devéras muito apegados a seu soberano, mostraram-se sensiveis a tão honrosa distincção, e restabeleceu-se a ordem. ⁽¹⁾

Apressou-se Albuquerque em relatar a seu governo o que acabava de se dar. O ministerio portuguez comprehendeu que um só homem não podia governar a immensa região que vai da foz do Parahyba até as colonias hespanholas e do Oceano ás nascentes do Arassuahy; desmembrou da província do Rio de Janeiro os territorios de S. Paulo e Minas, e destes constituiu um governo á parte (9 de Novembro de 1709).

Albuquerque aprendera a conhecer os Paulistas, e foi elle o que teve o governo de S. Paulo. Fôra-lhe dada a liberdade de escolher o lugar de sua residencia: ás pequenas povoações de Minas, havia pouco fundadas, elle preferiu S. Paulo, cuja situação era mais agradavel e onde se conservava sempre alguma deferencia para com os magistrados nomeados conforme as leis. A villa de S. Paulo foi honrada com o titulo de *cidade* e seu nome foi dado á nova capitania.

Até essa época a administração tinha sido embaraçada pelas disputas e demandas dos herdeiros dos primitivos donatarios. O rei poz termo a essas longas querelas (1711), comprando ao Marquez de Cascaes as 50 leguas de terreno que este possuia na capitania de S. Paulo como successor de Lopes de Souza. Toda a auctoridade se concentrou na pessoa do capitão general; não havia mais que temer conflictos de direitos, e a administração entrou em sua marcha regular.

Desde então os Paulistas foram quasi sempre um povo submisso e fiel, mas sem nada perder do gosto de aventuras e excursões longinquas, e não deixaram de fazer descobrimentos senão quando não houve mais que descobrir.

(1) Cazal, *Corog. Braz.* I, 224, 358. — Southei, *Hist.* 44, 84. Pizar. *Mem. Hist.* VIII, part. 2.^a, 4, 22. — Balthazar S. Lisbôa, *Annaes*, II, 179, 347. — Manoel da Fonseca, *Levantamento em Minas* in *Rev. trim.* III, 262.

Elles se haviam fixado a principio nas partes do territorio de Minas mais vizinhas da alta cordilheira que o atravessa de sul a norte; porém logo se dispersaram por toda essa região, e não se contentando com a procura do ouro, fundaram nas vastas planicies do S. Francisco fazendas ⁽¹⁾ onde começaram a criar gado. Por outro lado continuavam imigrantes a chegar para Minas: com prejuizo dos verdadeiros interesses de sua terra, proprietarios da provincia da Bahia abandonavam seus engenhos e vinham em busca de ouro á região que o fornecia a quem quer que tomasse o trabalho de o procurar. Introduziram-se alli muitos escravos, e em pouco tempo os desertos se cobriram de bellas habitações, de ricas igrejas e de consideravel população. Tornou-se então impossivel aos capitães generaes residentes em S. Paulo governar o territorio de Minas, fazer alli respeitar as leis e manter a bôa ordem e policiamento. Foi necessario fazer dessa região um governo á parte, e deu-se a esse governo o nome de capitania de Minas Geraes.

IX

A capitania de S. Vicente perdia assim uma parte de seu territorio, mas novos descobrimentos a resarciram logo com usura.

Desde o tempo em que os Paulistas começaram a percorrer os desertos, alguns bandos delles, passando de rio a rio, transpondo torrentes, atravessando pantanos pestilentos, guerreando sem termo contra as hordas selvagens, tinham chegado ao rio Paraguay e ás vastas planicies banhadas por seus affuentes. No anno de 1718 Antonio Pires de Campos, o mais terrivel dos exterminadores de indios, subiu o rio Cuyabá no empenho de reduzir a bellicosa tribu dos Curipós. Mui ocupado com a caça de escravos, não podia cuidar de outra cousa. A honra de descobrir os thesouros da região que elle percorria, estava reservada a Paschoal Moreira Cabral, outro batedor de sertões que lhe seguia os passos.

Subindo o rio Curipómirim, viu Paschoal folhetas de ouro brilhar na terra á margem desse rio; deixou parte de sua companhia no lugar onde fizera esse descobrimento, e considerando-o como preludio de achados mais importantes, continuou seu caminho. Não se enganara; encontrou com effeito, logo apôs, alguns indios, que por ornato traziam folhetas de ouro. Fez explorações, e em pouco tempo ajuntou quantidade consideravel deste metal. Voltou ao lugar onde deixara seus companheiros; não tinham sido tão felizes como elle, mas estavam contentes. Esses homens cercados de tantas riquezas tomaram a resolução de não deixar aquella terra senão

(1) Devo declarar que nesta traducçao dei livre curso a alguns termos considerados regionaes e proprios do Brasil, como — *fazenda*, *bandeira*, *jaguar*, *capão*, *oceiro*, *tropa*, *capoeira*, etc. Penso que, por sua populaçao e cultura, o Brasil tem já o direito de fazer entrar francamente para o diccionario da lingua estes e outros vocabulos, aliás necessarios quando se trata das nossas cousas, e que devem deixar de ser evitados como provincianismos. (N. do traductor).

depois que a houvessem exgottado; construiram cabanas nas margens dos rios e semearam uma parte dos grãos que ainda lhes restavam. Não tinham levado ferramenta, mas a cobiça lhes deu forças e coragem; serviram-se das mãos para cavar a terra.

Outro bando que tambem percorria os desertos, foi levado pelo acaso ao acampamento do primeiro. Eram tambem Paulistas, e uniram-se a Paschoal e seus companheiros, perfazendo todos o numero de vinte e dous. Reunidos em conselho, deliberaram mandar um delles a S. Paulo para dar parte do ocorrido ao governador e receber suas ordens. Provisoriamente tomaram por chefe a Paschoal, concedendo-lhe uma auctoridade quasi absoluta, e prometteram-lhe obediencia.

Paschoal era de todo ilietrado, porém mui longe estava de ser um homem vulgar; a grande valor alliava prudencia, muita actividade, notavel intelligencia e, o que era raro nos paulistas d'aquelle tempo, um bom coração. Possuia o talento de apaziguar as discordias que entre os companheiros surgiam, soube fazer-se amado delles e governou-os com grande habilidade desde o anno de 1719 ao de 1723, epocha em que foi substituido por dous magistrados, que para lá enviou D. Rodrigo Cesar de Menezes, governador de S. Pauio..

Logo que a esta cidade chegou a noticia dos descobrimentos que Paschoal e seus companheiros tinham feito nos arredores de Cuyabá, todos, moços e velhos, quizeram partir para uma terra que tantas riquezas promettia. Os emigrantes embarcaram no Tieté e outros rios, mas não pensaram senão no fim de sua viagem. A cobiça não lhes deixou ver as necessidades que iriam logo sentir, e os perigos que os aguardavam; não tomaram as mais indispensaveis precauções. Accometteram-nos febres no meio dos pantanos, e faltavam-lhes remedios; sua permanencia nos sertões devia ser de muitos mezes, e as provisões eram insufficientes: nem mesmo tinham levado apparelhos para a pesca nem espingardas bastantes para caçar. As hordas selvagens os molestavam constantemente, e elles não tinham armas. A fome, as doenças, crueis fadigas fizeram morrer a maior parte, outros succumbiram na lucta contra os selvagens. A Cuyabá não chegou senão um pequeno numero desses infelizes, macilentes, extenuados, mal podendo participar dos trabalhos dos que os tinham precedido.

Tão lastimoso exemplo não deteve as emigrações: a cobiça se desalenta mais difficilmente que as outras paixões que agitam nossa alma. No correr de muitos annos, homens atormentados pelo desejo de enriquecer-se partiram para Cuyabá, não só de S. Paulo, mas até de Minas e do Rio de Janeiro. Os indios Guaycurús, sempre a cavallo, os Payaguás, habeis canoeiros, atacaram os emigrantes com furor, matando grande numero: de uma bandeira de 300 homens, partidos de S. Paulo em 1725, não escaparam senão dous brancos e um negro. Essas desgraças eram conhecidas de toda a gente, mas o ouro, dizia-se, era tão commum em Cuyabá que chegava a servir de chumbo de caça. Como não correr algum risco

para chegar a uma terra que offerecia thesouros tão faceis de adquirir? Na esperança de fazer fortuna, a si mesmos se punham em sorte.

Entretanto os companheiros de Paschoal continuavam suas explorações. Em 1722 um tal Miguel Sutil, fazendo uma plantaçāo nas margens do Cuyabá, teve fome e mandou dous indios, seus escravos, procurar mel nos troncos das arvores. Elles voltaram á tarde; não haviam achado mel, porém entregaram a seu senhor um embrulho feito de folhas, no qual se continham folhetas de ouro por elles achadas na superficie da terra e que podiam orçar por 120 oitavas. No dia seguinte, ao repontar da manhã, Sutil e seu compadre João Francisco, por alcunha o Barbudo, dirigiram-se, acompanhados de todos os seus escravos, ao lugar onde fôra feito tal achado. Sutil voltou com meia arroba de ouro e o Barbudo com mais de 400 oitavas. Toda a colonia se precipitou para o lugar onde se achavam tantas riquezas, e sem que fosse mister fazer grandes excavações, tiraram, no espaço de um mez, 400 arrobas de ouro. Nesse lugar é que está hoje a cidade de Cuyabá.

No correr do anno em que Miguel Sutil fizera esse importante descobrimento, chegou a S. Paulo o governador Rodrigo Cesar de Menezes, a quem já me referi. Foi seu primeiro cuidado prover acerca do pagamento do imposto do quinto sobre o ouro das minas de Cuyabá. Quando os portuguezes se occupavam do Brasil, era quasi sempre para lhe arrebatar as riquezas. Dous homens poderosos foram escolhidos por Menezes para seus agentes na nova colonia: um delles, Lourenço de Leme, partiu com o titulo de procurador do imposto do quinto; o outro, João Leme, seu irmão, com o de mestre de campo das minas de Cuyabá.

Menezes não era um homem sem merito, mas, novato na terra, não a conhecia: julgou de certo que não podia ser mais bem representado que por dous personagens, a quem os compatriotas tributavam todos os respeitos. Ignorava que era só o temor o que aos Lemes grangeava as deferencias de que eram objecto e que a elles só valiam as riquezas para violarem impunemente as leis e opprimirem os fracos.

Quando estes dous homens chegaram a Cuyabá e se viram longe de toda a vigilancia, não reconheceram mais limites á sua audacia e insolencia ⁽¹⁾; entregaram-se a todos os caprichos, praticaram as accões mais insensatas de violencia e pretenderam até expulsar das minas todos os que não eram paulistas. O capellão da nascente colonia insurgiu-se corajosamente contra essa injustiça; elles mandaram dar-lhe um tiro de espingarda. Um tal Pedro Leite teve a má sorte de cahir-lhes no desagrado; elles mandaram espancal-o barbaramente, junto ao altar, enquanto elle assistia á missa.

Chegou, enfim, ao conhecimento de Menezes o que se passava em Cuyabá, e querendo libertar os habitantes da intoleravel tyrannia desses dous monstros, ordenou a um official superior que os prendesse e en-

(1) V. "Apontamentos", de Azevedo Marques e vol. XII do "Archivo do Estado", fim, nota de A. de Toledo Piza. (N. da R.)

viasse para S. Paulo. Os dous irmãos, avisados a tempo, fugiram com seus amigos e servidores: soldados foram postos em seu encalço; porém elles se haviam fortificado em um lugar deserto. Atacaram-nos, elles se defenderam, e houve mortos de lado a lado. Fugiram; mas uma bala alcançou Lourenço: seu irmão, feito prisioneiro, foi executado na Bahia em 1724. (1)

A morte destes dous homens não poz termo ás desgraças dos habitantes de Cuyabá, que durante muito tempo não tiveram por governadores senão tyrannos. Exigiam-se delles quantias enormes pelo quinto e outros impostos, eram mettidos em prisões os que não podiam satisfazer aos pedidos exorbitantes que lhes faziam, e esses infelizes eram tratados com extrema barbaria. Chegou, afinal, o povo a tal grau de desespero que concebeu o plano de desertar uma terra, onde, em vez das promettidas riquezas, não encontrava senão desalento e miseria.

Entretanto o governador Menezes recebeu do governo ordem para ir visitar as minas de Cuyabá. Havia elle já fixado a epocha da partida; mas, quando ia embarcar, ficou desanimado pela extensão da perigosa viagem, e mandou abrir um caminho por terra. Trabalhou-se nesse por espaço de dous annos, e passado esse tempo, Menezes poz-se a caminho, chegando a Cuyabá em 15 de Novembro de 1726, após cinco mezes de viagem.

Esse caminho mandado abrir por Menezes foi um grande beneficio para a população, pois tornou mais faceis e muito mais seguras as relações entre S. Paulo e sua nascente colonia, e é por elle que passam ainda hoje as tropas que vão a Goyaz e Matto Grosso. (2)

Chegando a Cuyabá, Menezes elevou essa aldêa á categoria de villa; mas sua presença não alterou as condições dos habitantes. Quando estava elle em S. Paulo, seus agentes extorquiam ouro a esses infelizes, para merecerem sua confiança, e elle os não fez mudar de proceder, para por sua vez obter as bôas graças do rei, a cujas mãos iam ter, afinal, todas essas riquezas.

Mil pessoas, que sem duvida não podiam viver numa terra onde se viam expostas a continuas vexações, deixaram Cuyabá em Abril de 1728 e tomaram o rumo de S. Paulo. Menezes tinha de enviar para Portugal quatro caixas, contendo cada uma sete arrobas de ouro: aproveitou para

(1) A historia dos dous Lemes foi contada por Cazal, segundo Rocha Pitta, e admitida por Ferdinand Diniz. Devo, entretanto, dizer que Pizarro não faz menção della, e suas narrações são extraídas de uma memoria composta em Cuyabá, em 1765, pelo advogado José Barbosa de Sá e corrigida depois á vista de documentos authenticos pelo sabio Diogo de Toledo Lara Ordoñez, que já tive ensejo de citar. Pizarro diz aperas que, para substituir Paschoal Moreira Cabral, D. Rodrigo Cesar de Menezes enviou a Cuyabá, em 1724, João Antunes Maciel com Fernando Dias Falcão, o primeiro como regente e o segundo como superintendente dos terrenos auriferos, e que desde então os mineiros de Cuyabá foram horrivelmente atormentados pelo pessoal da justiça. No resumo histórico que precede sua valiosa estatística, D. P. Muller nomeia, entre os que descobriram as minas de Cuyabá, Lourenço Leme com Fernando Dias Falcão, e só em ultimo lugar menciona Paschoal Moreira Cabral; mas é claro que esse resumo extremamente succinto não pode constituir auctoridade.

(2) O auctor passou por esse caminho, viajando da cidade de Goyaz para S. Paulo (*Voyage aux sources du Rio S. Francisco*, II).

isso a occasião que se offerecia, e tomou todas as precauções possiveis para que elles chegasssem com segurança a seu destino. Perfectamente fechadas e guarnecidias de sellos, que lhes foram applicados no momento da partida, foram elles entregues ao proprio rei D. João V. Este, em seu orgulho, mandou abril-as em presença de alguns ministros estrangeiros: nellas só se encontrou chumbo.

Todas as diligencias foram feitas para descobrir o culpado, mas em vão. O povo de Cuyabá se convenceu de que, por uma transformação miraculosa, o céo se encarregara de vingal-o de seus tyrannos; mas foi passageira esta alegria. O recebedor dos impostos, querendo ganhar as boas graças do governador e do proprio rei, lançou sobre os mineiros a responsabilidade da estranha desapparição, e tomou-lhes tudo o que possuiam, até mesmo os escravos. Terminada esta triste execução, Menezes partiu para São Paulo (Setembro de 1728), mas antes disso modificou a percepção do imposto e fez uteis reformas. Os Cuyabanos nada mais possuiam, mas ao menos, diz um historiador, puderam em paz derramar suas lagrimas. (1)

Voltaram corajosamente a excavar a terra, que novos thesouros lhes prodigalizou. Mas os Paulistas, que constituiam o nucleo da população, não tinham perdido a paixão das aventuras e a insaciavel sede de ouro; era-lhes mister achar novos desertos e minas mais ricas ainda que as de Cuyabá. No anno de 1734 douis irmãos, Fernando Paes de Barros e Arthur Paes, naturaes de Sorocaba, penetraram, a oeste dos campos Parexis, em uma região coberta de espessas florestas, onde jamais pisara pé de homem branco, região que tem hoje o nome de Matto Grosso. Elles se detiveram na margem de um dos affuentes do Guaporé, alli construiram cabanas e d'alli se dispersaram pela vizinhança, provando por toda a parte as aréas dos regatos e rios. Passado apenas um anno, os douis irmãos enviaram para Cuyabá uma consideravel quantidade de ouro. A vista delle o povo se transporta de alegria, toda a gente quer partir para as novas minas. Milhares de homens se puzeram com effeito a caminho, mas tiveram a mesma sorte dos que partiram como primeiros de S. Paulo para Cuyabá: uns se extraviaram nos desertos e pereceram de fome e cansaço, outros morreram ás mãos dos Payaguás e Guaycurús; só diminuto numero chegou á desejada meta. (2).

Em quanto bandos de Paulistas annexavam á monarchia portugueza o vasto territorio de Cuyabá e Matto Grosso, outros faziam mais um descobrimento de não menor vulto, o de Goyaz.

Desde o anno de 1680, Bartholomeu Bueno, chamado o *espírito mau*, tinha chegado á região povoada pelos indios Goyás, cujas mulheres ornavaam os cabellos com folhetas de ouro. Sem dificuldade submettera essa pacifica gente, digna de melhor sorte, e voltara para S. Paulo, trazendo ouro e um numero tão avultado de captivos que bastaria para povoar uma cidade.

(1) Cazal, *Cron. Braz.* I, 224. — Pizar., *Mem. hist.* 3, II, 43, 46. — Abreu e Lima, *Synopsis*, 191.

(2) Pizarro, *Mem. hist.* IX, 81.

Por muito tempo as riquezas de Minas Geraes fizeram esquecer Goyaz; mas as minas de Cuyabá trouxeram a Menezes a lembrança das que Bueno descobrira, e elle instigou os habitantes de S. Paulo a tentar achal-as.

Parece que os antigos paulistas affaziam desde cedo seus filhos ás fadigas das expedições longinquas e á caça dos indios. Quando elles penetraram na região de Goyaz, Bueno levara consigo um filho de doze annos de idade; esse filho estava agora já velho, mas não tinha perdido a lembrança de sua viagem, e foi offerecer seus serviços a Menezes, que lhe prometteu, se fosse bem sucedido, a valiosa portagem de muitos rios.

Pelo fim de 1721 parte o segundo Bueno; mas infelizmente se baldam suas diligencias, e depois de uma multidão de aventuras, volta a S. Paulo desesperado e quasi só. Menezes reanima sua coragem, faz-lhe seductoras promessas, persuade-o a voltar e lhe concede os necessarios auxilios. Desta vez é elle mais feliz: após longas marchas e increveis fadigas, achou emfim, no anno de 1726, o lugar onde estavam as minas descobertas por seu pae.

A fama das riquezas de Goyaz attrahiu logo bandos de aventureiros, que fundaram numerosas aldéas. Bueno foi dignamente recompensado. Este homem emprehedor possuiu grandes riquezas, mas, como a maior parte dos mineiros, não soube conserval-as, e morreu pobre. Tinha deixado a um filho as portagens concedidas a sua familia pela duração de tres vidas. Em 1825 morria o terceiro, e os bisnetos de um homem que havia annexado ao Imperio do Brasil uma província tão vasta como a Allemanha, viviam na indigencia. (1) Descendiam tambem provavelmente de Amador Bueno, que rejeitara uma corôa que os Paulistas lhe offereceram.

X

Eram paulistas os que haviam descoberto Goyaz, Cuyabá e Matto Grosso, e por isso até o anno de 1748 esses vastos territorios fizeram parte da capitania de S. Paulo. Mas reconheceu-se por fim que um só homem não podia governar uma região quatro vezes maior que a França e cujas partes eram separadas por desertos. De Goyaz se fez uma capitania á parte; de Cuyabá e Matto Grosso, outra; mas ao mesmo tempo commetteu-se o erro de suprimir a capitania de S. Paulo e annexal-a á do Rio de Janeiro. (2) Os governadores desta, porém, estavam já muito sobrecarregados com a administração della e deixaram S. Paulo em esquecimento.

Quando outrora os caçadores de homens deixavam sua terra, levavam o proposito de voltar, mas o mesmo não acontecia com os que iam em busca de ouro; estes se estabeleciam nos lugares onde achavam o cobiçado metal e não tornavam mais á patria. Depois do descobrimento de Minas

(1) A. S. Hil. *Voyage aux sources du Rio S. Francisco*, I, 308, II, 65. — Pohl, *Reise*, I, 332. — Raymundo da Cunha Mattos, *Itinerario*, II, 70.

(2) Pizarro, *Mem. hist.* VIII, 1.^a parte, 285.

Geraes a população de S. Paulo não cessara de diminuir; os emigrantes empobreciam sua terra pelas despezas que faziam com os aprestos da viagem; por falta de braços ficavam as lavouras desamparadas e sem trato as criações, e as casas se iam arruinando. Para remediar a tantos males fôra de mister uma administração forte, activa reparadora; mas depois da suppressão de sua capitania, os Paulistas não tiveram senão agentes, cujo poder era muito limitado e que não ousavam tomar a responsabilidade de nenhuma medida de importancia. Uma das mais bellas provincias do Brasil foi decahindo cada dia mais.

Em 1758 o rei D. José promulgou um decreto que para sempre honrará sua memoria, o que declarou definitivamente livres todos os indios do Brasil. (1) Numerosos decretos o tinham já feito antes, porém eram constantemente sophismados. Não eram escravos, dizia-se, mas *administrados*, e os infelizes assim chamados eram condemnados aos trabalhos da mais rude escravidão. No reinado de D. José, Pombal era ministro, e não era a elle que haviam de enganar com palavras; quiz sinceramente que os indios fossem livres; e elles não tardaram a sel-o. Entretanto a suppressão da escravidão dos indios deu novo golpe na prosperidade de S. Paulo. Grande numero de familias, que tinham por unica riqueza os escravos, ficaram de todo arruinadas. A capitania de S. Paulo, dizia já em 1734 um de seus governadores, é uma bella sem dote; (2) mais que nunca ella merecia este nome.

O primeiro vice-rei do Rio de Janeiro, Antonio Alvares da Cunha, reconheceu enfim o estado de miseria em que ella havia cahido, e pensou que, se se restabelecesse um governador unicamente ocupado das necessidades de seus habitantes, ella readquiriria algum esplendor. Uma memoria que sobre isto dirigiu ao governo da metropole, convenceu o rei D. José; restabeleceu-se a antiga capitania de S. Paulo, e D. Luiz Antonio de Souza Botelho chegou em 1765 para a governar, munido de sabias instruções do marquez de Pombal. (3)

Por essa epocha ou desde alguns annos antes notavel mudança começou a se operar nos Paulistas. Os terrenos auriferos tinham sido repartidos e a caça dos indios prohibida; elles foram obrigados a renunciar a seus habitos de dois seculos. Tornou-se a agricultura sua fonte de riqueza, construiram numerosos engenhos de assucar, e onde havia pastagens naturaes, criaram cavallos e gado vaccum. As occupações sedentarias a que por necessidade se entregaram, os affeiçoaram á vida de familia, extinguiram-se as antigas rivalidades, e pouco a pouco se abrandaram os costumes. Garbosos sempre da gloria de seus antepassados, não pensaram, todavia, em imital-os. Tiveram de perder os defeitos dos antigos devassadores de sertões e nada os impediu de conservar as bôas e brilhantes qualidades

(1) Abreu e Lima, *Synopsis*, 258.

(2) Pizar. *Mem. hist.* VIII, 1.^a parte, 175.

(3) L. c. 286.

que distinguiam esses homens extraordinarios: continuaram a ser corajosos, mas sem crueldade, firmes sem rudeza, franceses sem insolencia. Para tratar com os magistrados que lhes enviava a Europa, tornaram-se tão polidos como elles. Alguns cultivaram nobremente sua intelligencia, (1) e se S. Paulo não produziu mais homens como Antonio Raposo, Fernão Dias Paes, Paschoal Moreira Cabral, pode gloriar-se de ter dado á luz, nos tempos modernos, a Alexandre de Gusmão, Gaspar da Madre de Deus, José Feliciano Fernandes Pinheiro e a esses illustres irmãos, os tres Andradadas, que tanto contribuiram para tornar o Brasil independente.

Bem que o tempo das expedições longinquas tivesse passado para os Paulistas, o novo governador, Luiz Antonio de Souza Botelho, proporcionou-lhes ensejo de voltar a seu gosto antigo de aventuras. O marquez de Pombal, conhecendo os immensos recursos do Brasil, preocupava-se muito desta bella região; conhecia-a melhor que todos os ministros seus antecessores, e parece até que momento houve em que desejou transportar para lá a capital da monarchia portugueza. Temia que os hespanhóes acabassem por apossar-se da Guayra, que ficara deserta depois das invasões dos antigos Paulistas, e que d'alli se extendessem pouco a pouco pelo territorio brasileiro, e este receio lhe inspirou um projecto que tinha por objectivo assegurar o futuro á provincia de S. Paulo. Ordenou a Botelho que mandasse explorar os rios Hyguassú, Hyvai e Timbahy, destinados a oferecer um dia meios preciosos de communicação, e fundar nos territorios deshabitados onde correm esses rios, um estabelecimento que pudesse proteger as populações brasileiras e permittir que ellas se extendessem.

As ordens de Pombal foram executadas pelo governador de S. Paulo; uma *bandeira* de paulistas percorreu os immensos desertos banhados pelos affluentes meridionaes do Paraná, e numa das margens do Iguatimi, num cantão fertil, construiu-se o pequeno forte de N. Senhora dos Prazeres, em optima situação para deter as invasões dos hespanhóes. Infelizmente Pombal cahiu do governo, Martim Lopes Lobo de Saldanha substituiu Botelho e fingia um profundo desprezo pelo que fizera seu antecessor: abandonou o forte de N. Senhora dos Prazeres; os hespanhóes não tardaram em apoderar-se delle e o destruiram doze annos depois de sua fundação. (2). Se o grandioso plano do marquez de Pombal fosse com perseverança cumprido, a província de S. Paulo ter-se-ia augmentado sem effusão de sangue, ferteis territorios então desertos estariam hoje semeados de fazendas e cobertos de gado, e muitos rios facilitariam as relações dos habitantes de S. Paulo com o Paraguay.

Excusado é dizer que elles não escaparam aos rigores do sistema colonial. Seu commercio foi embarcado em epochas diversas por proibições que

(1) Ainda há pouco — contou-nos Amadeu Amaral — discorria o dr. Gabriel Piza, illustre ex-ministro em Paris, que de viva voz o ouviu de seus maiores, sobre a cultura reinante em Porto Feliz, em plena era das monções, quando alli se cultivava o latim e havia até quem soubesse de cór os "Lusiadas". (N. da R.)

(2) Pizar. *Mem. hist.* VIII, 1.^a parte, 287. — D. P. Muller, *Ensaio estat.* 4. — Milliet e Lopes de Moura, *Diccionario*, I, 447; II, 161.

não atingiram as outras partes do Brasil. Desde o anno de 1701 uma ordenação real prohibiu aos Paulistas mandar viveres e gado de suas minas para a província da Bahia. Em 1743, quando Minas Geraes dependia de S. Paulo, foi limitado o numero das fabricas de aguardente, para favorecer o commercio de Portugal. Muito mais recentemente, enfim, Antonio José da Franca e Horta, que começou a governar S. Paulo em 1802, prohibiu a navegação costeira aos habitantes do littoral, e não consentiu que os lavradores enviassem seus productos senão para Santos, e assim arruinou todos os outros portos, poz os colonos á mercê de tres ou quatro negociantes, que se colligaram e tornaram-se os arbitros unicos dos preços. (1) Não chegou a nosso conhecimento que se duvidasse da probidade de Horta; mas, se não houve convenção entre elle e os comerciantes de Santos, é mister confessar que fez tudo para que se lhe pudesse imputar esta indignidade e que cedeu a um capricho malfazejo, inteiramente inexplicável hoje.

A resolução destruidora de Antonio José da Franca e Horta foi executada até 1808. Nessa epocha o rei D. João VI, fugindo da invasão francesa, chegou ao Brasil: um de seus primeiros actos foi abrir os portos deste paiz ás nações amigas, suprimir o sistema colonial com todas as suas proibições, em uma palavra, igualar a Portugal sua antiga colónia. Não era ainda a independencia, era um preludio della.

A capitania de S. Paulo aproveitou-se da nova ordem de cousas. Suas relações commerciaes se ampliaram e tornaram-se importantes; a navegação costeira readquiriu sua antiga actividade; os agricultores, vendendo melhor seus generos, cultivaram mais; os engenhos de assucar e as plantações de café se multiplicaram, homens de todas as nações para alli affluiram, trazendo os habitantes idéas novas, e as artes mechanicas se aperfeiçoaram. Mas é mister dizer que os estrangeiros abusaram mais de uma vez da boa fé dos Paulistas; estes conceberam uma justa desconfiança e perderam um pouco de sua antiga boa fé e de sua franqueza e hospitalidade.

Não puderam, entretanto, os Paulistas lograr por muito tempo os benefícios dessa mais ampla liberdade. Em 1811 rompeu a guerra entre o Brasil e os Hispano-americanos do Rio da Prata. Para repellir os ataques destes não era possível tirar soldados do Pará e Pernambuco; as capitâncias de S. Paulo e Rio Grande eram as mais vizinhas do inimigo, e foram elles as que forneceram tropas. Por boa justiça essas tropas deviam ser sustentadas pelas outras provincias, mas assim não aconteceu: a capitania de S. Paulo se viu forçada, não só a fornecer homens, mas ainda a correr com as despezas delles. (2)

Quando se começou a fazer o recrutamento para o exercito do sul, gozavam desde muito tempo os Paulistas de uma profunda paz; a consternação geral subiu de ponto ao verem que eram recrutados tanto os

(1) Pizarro, *Mcm. hist.* VIII, 1.^a parte, 275, 277, 278.

(2) Eschwege, *Journ. von Bras.* II^a tab. II.

solteiros como os casados. Para defender sua propria terra, não se pôde duvidar que todos acudiriam sem hesitação; mas esses homens tinham de ir se bater por uma causa que lhes era estranha, contra um povo de que talvez nunca tivessem ouvido falar; era preciso marchar para centenas de leguas longe de suas famílias, sem esperança de as tornar a ver tão cedo, nem mesmo de lhes mandar notícias. Muitos não tiveram coragem; houve grandes emigrações; a população de Minas Geraes aumentou-se de maneira sensível á custa da capitania de S. Paulo. Todavia uma legião composta só de Paulistas serviu no exercito do sul. Uma vez em armas, esses homens souberam accommodar-se ás necessidades de uma lucta de guerrilhas, e mostraram que nas veias lhes corria ainda o sangue dos antigos Paulistas. Davam-lhes uma alimentação a que não estavam acostumados, — carne sem farinha ⁽¹⁾ e sem sal; durante mais de dous annos não receberam soldo; suas roupas lhes cahiam em farrapos, e não lhes davam outras ⁽²⁾. Supportaram todas as privações, todas as fadigas com admirável constância; combatiam, ora a pé, ora a cavallo, e não eram inferiores aos Gaúchos, seus inimigos, na arte de atirar o laço, e como elles, percorriam os vastos campos da Banda Oriental, galopando com incrivel rapidez; não menos intrepidos que os soldados do Rio Grande, seus companheiros de armas, eram muito mais que elles observantes das leis da disciplina. Distinguiram-se em muitos combates, e foi a seu valor que se deveu o feliz resultado do combate decisivo de Catalan ⁽³⁾, que teve como consequencia a rendição da importante cidade de Montevidéu.

(1) Os Brasileiros substituem o pão pela farinha de mandioca ou de milho.

(2) Havia 27 mezes que os soldados de S. Paulo não recebiam soldo, quando os viu o auctor, pelos fins do anno de 1820, na margem do Rio da Prata.

(3) O combate de Catalan se deu a 4 de Janeiro de 1817 (Abreu e Lima, *Synopsis*, 308). Os Paulistas eram commandados pelo brigadeiro Joaquim de Oliveira Alvares, que o auctor conheceu e cujo retrato esboça na relação de sua viagem a Sta. Catharina.



RASTRO DE SANGUE

MARIO SETTE

III

NA saleta de estudos, abertas as janellas para a rua amormaçada, tranquilla, o dr. Heleno Muniz, cercado de amigos, aguardava as primeiras novas resultantes do pleito eleitoral que se vinha travando desde manhan.

Embora o assassinato de Gervasio Ribeiro houvesse desorientado a gente filiada á familia do coronel, desertando do partido as proprias autoridades do município, alguns amigos mais dedicados tinham assentado levar ás urnas, contrapondo ao do medico, o nome do Zé Queiroz. O exito, porém, era menos que hypothetico. A atmosphera de terror dilluira-se e já todo o mundo acceitava a morte de Gervasio como um facto sem mais consequencias. O Quincas, apesar da sua valentia, boquejavam, mettera-se nas encolhas e esquecera propositos de desforço.... Triste de quem morre — philosophavam outros, despeitados por perder aquella explendida oportunidade de assistir a deordens e sangueiras. Comtudo, uma minoria ainda desconfiava, rezando pelas cartilhas dos marujos que doutrinam "calmarias prenunciam tormentas". Mas a esses ninguem dava attenção. O proprio dr. Heleno Muniz, mau grado um espirito aguçado, estudosio das enfermidades humanas, quer as do corpo, quer as da alma, tambem se tranquillizara de todo, talvez por refracção de nobre directriz no espelho do caracter. Eleito, faria administração pacifica, reconciliatoria, equanime, sem quebra de altivez nem torcicollos no programma traçado. Nada de violencias, porém, nada de tibiezas. Sob a sua inspiração, ha dias, o Conselho Municipal votára lei que mandava dar á antiga rua do Commercio o nome do finado coronel Ribeiro que, si não fôra louvavel administrador, todavia governara o municipio por longos annos sem truculencias, sem dishonestidades. A Joaquim Ribeiro fôra offerecida, por parte da Prefeitura, qualquer garantia desejada, o que foi polidamente recusado e agradecido.

Sómente as buscas, patrulhas volantes, tocaias de estradas, não haviam dado, até então, resultado para a captura do assassino de Gervasio. Os adversarios, perfidamente, chamavam aquillo de "fita".

— Si bem anda, está longe... — rosnavava um.

— Feito lórde, endinheirado, no Rio de Janeiro... — supunha outro.
 — Empreitadas daquellas custa caro...

E esses commentos, envenenados, espalhados em Campos Altos, davam virulencia ao odio latente de Joaquim Ribeiro que, por seu turno, instillava-o na alma da sua gente, adextrando-a para o momento da desforra, silenciosamente delineada. O seu refrão era sempre o "Não ha de tomar conta do logar". Zé Queiroz, mais prudente, aliás, também, no intuito de ver si com a calma lograva exito na eleição, continha o filho do compadre. Os cangaceiros que rodeavam o moço, entretanto, naancia duma oportunidade de crime e de saque, ardiam pelo instante reivindicador, convictos todos da culpabilidade do dr. Heleno, por uma razão perfeitamente logica: a de que, alli, a partir do proprio Quincas, todos se sentiam capazes de haver feito o mesmo...

O dia da eleição, correu placido. Nas secções da cidade, nem um attricto. Das do interior, faziam-se mister ainda novas.

O medico palestrava com o juiz de direito e o promotor quando chegou o primeiro resultado da povoação de Tres Caminhos, todo favoravel ao dr. Heleno. Na séde, a votação do Zé Queiroz fôra ridicula. Apontavam-se, como votantes do medico, velhos amigos do coronel, até o Simplicio Gonzaga, com loja de calçados, a quem o falecido emprestára dinheiro para elle se estabelecer... O bacharel Marianno Veadó, deputado federal pelo districto, filho da terra, chegando áquelle culminancia, não permittida pela obtusidade do seu cerebro, graças ao amparo do coronel Ribeiro, o bacharel fizera discurso justificando o seu voto, a descoberto, no dr. Heleno.

E lá estava na residencia do esculapio, ajudando a sommar votações, radiante, fazendo esgares na sala, sacolejando os abas do fraque.

— De qualquer geito, o triumpho é evidente. Liberdade plena, resultado liso... — rejubilava-se um concelheiro municipal.

— O municipio queria gente nova com idéas novas... — declamava oratoriamente, o promotor.

— E tudo em paz! Tudo em paz! — esfregava as mãos o alferes, como si a calma fosse decorrente da sua acção policial,

— Apenas um bate bocca na sessão de Pau d'Arco...

— E a gente do finado coronel? — inquiriu o juiz de direito.

— Nenhum metteu o nariz de fóra. Até o Zéca fechou a loja.

— Signal de protesto. Sempre provocadores... — opinou o irrequieto conselheiro Almeida.

O dr. Heleno, conciliador, ponderou:

— Talvez prudencia. Ha exaltados...

Chegára um outro mensageiro, vindo de Mulungú, localidade onde o prestigio do Zé Queiroz era maior. Apeiará-se um matuto, baixinho, amarellado, barba russa, dolman de policia, sem os vivos, calça de brim branco, cinturão, chapéo de couro abicado. Entrou no recinto, de cabeça descoberta, entregou um officio. Em quanto liam o resultado, também favoravel, o mensageiro approximára-se duma machina de escrever, espiando-a espantado. De vez em vez, sungava as calças.

O dr. Heleno, notando-lhe a admiração, golpeou o teclado, escreveu qualqner cousa, mostrou ao sertanejo.

— Está vendo? Como é seu nome?

— José Pereira da Conceição.

O medico reproduziu no papel.

— Sabe ler?

— Um bocado, seu doutô. Eu já fui soldado, tive nos Canudos.

— Esse é o celebre Lagarto — explicou o alferes. — Ganhou essa alcunha em Canudos, porque andava de rastros para sacudir bombas nos jagunços. Chegou a cabo. Hoje, é estafeta do correio.

— Mas não tou satisfeito, não. Eu quizera que o doutô me arranjasse um logarsinho na policia daqui. A gente quando toma o gosto da farda, é cumo cachaça...

Riram-se todos. O dr. Héleno prometteu engajal-o no destacamento local. Mas indagou:

— Não prefere ir servir no Recife?

O matuto fez tregeito de repudio:

— Não, seu doutô. Aqui tou mió. Tou pegado á minha muié e meus fio...

— Mas, afinal, — tornou o medico, mostrando-lhe a machina de escrever — você nunca havia visto este bicho que faz nomes?

Lagarto espiou em redor, viu as caras risonhas de todos, comprehendeu que o troçavam e, na vaidade intelligente dos sertanejos, mentiu, fanfarronando:

— Dérna trinta annos que eu conheço essa bicha...

E sahiu, desdenhoso, remontando e partindo.

Na sala de refeições, o eleito fizera servir bebedas e doces, occasião que valeu ao promotor, dr. Alcebiades, para fazer um grande discurso laudatorio. A esse tempo, a casa estava cheia. Até o Horacio Gallinho, fiscal do imposto do consumo, viera trazer a sua solidariedade ao novo prefeito e chefe politico...

Oito dias decorridos, a cidade vogava na mansuetude costumada e as cousas politicas pareciam se encaixar na normalidade. O reforço militar volvera ao Recife, ficando apenas o destacamento com quinze praças. Medidas novas punham-se em pratica, cuidava-se da cidade, prohibiam-se abusos sempre tolerados. Como sóe acontecer, essas providencias geraram despeitados. Os esmoleres, que se mettiam pelo centro da feira, mostrando chagas e aleijões, foram compellidos a se agruparem num angulo da rua; o leite soffreu fiscalisação e o adulterado era apprehendido; prenderam-se individuos que offendiam as arvores das ruas; agiu-se com rigor contra os açambarcadores de generos alimenticios...

Cada classe ferida era um grupo melindrado. Reentrando a epoca da estiagem, surdiram os primeiros casos de variola, nos arredores. Immediatamente, o prefeito, elle proprio, e o dr. Genaro Alvim, medico da hygiene, com uma turma sanitaria, deram começo á vacinação, tendo o Concelho votado antes a obrigatoriedade dessa medida. Soldados continham os rebellados. Todos os dias, as turmas iam de casa em casa, de mocambo em mocambo.

A população ignorante submettia-se, mas murmurando. Um matuto, certa vez, quiz reagir á faca, gritando que nos braços de sua mulher ninguem bolia, porém o cabo Lagarto, num instante, desarmou-o e a lei teve cumprimento.

Uma tarde, correu a noticia perturbadora de que em Campos Altos havia morrido um trabalhador, de bexigas, existindo outros doentes. O dr. Héleno, sciente do caso, mandou sem demora o dr. Alvim, com a turma, vacinar todos do sitio. A ordem era melindrosissima, bem o sabia, dados os antecedentes, mas o medico fez a seu collega as recomendações mais prudentes. E a turma partiu. Na estrada, cruzou com a rede que trazia o cadaver para o cemiterio.

Seguiram caminho. Perto da porteira, um vaqueiro embargou-lhes o passo.

— Ninguem pode entrar.

— Quero falar a seu patrão.

— Vou chamar elle, mas vosmecês fiquem aqui. Os cachorros estão soltos.

De facto, viam-se no terreno, além do cercado, dois bellos cães, malhados, esguios, valentes.

Com pouco, Joaquim Ribeiro surdia, em mangas de camisa, os músculos dos braços de fóra, rosto vermelho, cabellos louros encaracoiados, bonito tipo de homem.

— Que desejam os senhores?

O dr. Alvim, delicada e ponderadamente, expoz ao que ia. Tratava-se de uma medida de utilidade publica e o governo esperava o seu apoio intelligente.

— Aqui só entram pelas armas — interrompeu brutalmente o rapaz, fechando a porteira e reentrando. Já de dentro, volveu-se, num ar escarninho, acrescentando:

— Si tiverem coragem...

Dr. Alvim, apenas com dois homens, mediu logo a impossibilidade de reagir e voltou á cidade, dando conta do sucedido ao prefeito. Foram momentos de desassocoego e tristeza para o dr. Heleno. Envolto em idéas conciliadoras, via-se obrigado a abrir luta, a fazer derramar sangue, talvez. Porque, nem um segundo passava-lhe pela cabeça recuar. Tratava-se de medida de urgencia e de interesse geral. Queria acabar com aquelles repetidos surtos epidemicos no municipio e sómente a vacinação geral daria cabo delles. Abrir exceção, seria uma fraqueza sem nome. E fraquejando, adeus prestigio, valor, disciplina. Agiria, por certo. Todavia, não desejava usar logo da força. Ia pensar...

Na rua, espalhada a noticia do revez, choveram commentos:

— Chocou o frangote...

— Foi boa a lição. Agora, adeus vaccina.

— Quero ver si elle teima em metter a "peste" no corpo da gente.

— Com o Quincas Ribeiro, deixa estar mesmo que elle se atreve!

— Elles inventam essas historias para ver os braços das moças... Um negociante, sisudo, prophetisava, assustado:

— Com esse caso, vamos é ter "encrenca". Nunca se vive em paz!

E o ambiente começou, de novo, a ser de chumbo. Esperava-se, para cada hora, o encontro. Passados dois dias, chegaram de Campos Altos mais dois corpos de variolosos: uma mulher e uma criança. E voejavam boatos: havia, lá, pestos em penca. Até na casa de vinda! O dr. Heleno viu que protellar seria um crime. O sitio era uma colmeia. Si a epidemia ganhasse alento... E, animoso, resolveu elle próprio, sózinho, sem aparato de força, ir se entender com o Quincas Ribeiro.

Ao meio-dia, montou a cavallo, tomou a estrada de Campos Altos. Sol a pino, o verde da paisagem esmaltado, céo de porcellana azul. A viração suave adoçava a ardentia canicular. Subia o arrampado, vagarosamente, pensando. No alto, desenhou-se o sitio do coronel Ribeiro, enverdурado de plantações, leirões a perder de vista, o gado solto na pastagem, a casa de morada, alpendrada, num comoro e a porteira alcochetando as cercas de arame farpado, disfarçado por sébes nativas de alvelozes.

Entrou, fez-se de rumo para a residencia da familia. Nem viva alma, por alli. Do terraço, Gertrudes viu-o e reconheceu-o. Sabedora do incidente com a hygiene, ha dias, seu coração adivinhou logo novidade. Muito simples, ataviada ligeiramente com o seu vestido de linon preto, destacando a brancura da sua tez, cabellos dourados como os dos irmãos, entrancados, ella acolheu, reservada, mas polida, a visita.

Estendeu-lhe a mão e mandou o rapaz entrar para o terraço, mobiliado com poltronas de vime.

— Minha senhora, eu vim á procura do seu irmão...

— Quincas saiu hoje, em viagem, e só volta de noite.

Dr. Heleno não escondeu a contrariedade:

— E' pena!

A moça arriscou:

— Assunto de urgencia, doutor?

O medico vacillou, mas, de subito lembrou-se de que talvez a intervenção feminina desse fructos no caso.

— E' que, minha senhora, no intuito de salvar a todos nós dessas repetidas invasões de varíolas, tomei a decisiva medida de vaccinar todos os habitantes do município. Como sabe, trata-se agora de lei. Soube que, aqui, deram-se diversos obitos, por essa doença; mandei o meu collega dr. Alvim proceder á vaccinação dos moradores e com desprazer disse-me elle haver sido obstado na sua missão pelo senhor Joaquim Ribeiro... Então, vim eu proprio, amistosamente, conseguir do seu irmão a retirada dessa sua negativa.

— Quincas é muito cabeçudo, doutor. Nada conseguirá, fique certo.

— Lamento, minha senhora, porque, incapaz de me deixar desautorizar, usarei dos meios severos que a lei me faculta. Abriremos luta num terreno, onde todos se deviam, por bem proprio, congregar. A mim não cabe permittir a morte de tanta gente, para attender a capricho condemnável.

Gertrudes silenciária, atormentada, receiosa, vendo já correr de novo o sangue na sua familia, temendo o choque por amor ao irmão e por amor ao medico. Este, conciliador, tentou commovê-la:

— A senhora, com sentimentos christãos possuidos, poderia ser anjo bom nesta causa. Fale a seu irmão, convença-o, toque-lhe no coração. Tenha dó desses pobres que morrem de varíolas, quando os poderíamos salvar por meio tão simples! Inda hoje, daqui sahiram uma mulher e uma criança. Não foi? Uma criancinha!! Lembre-se de que estaria viva, agora, a brincar por estes campos, si a tivessemos vacinado ha poucos dias! Ambos temos responsabilidade nessas mortes. A senhora, por não ter exigido de seu irmão a quebra dum capricho; eu, por não ter usado da força ha mais tempo...

A moça, abatida pela força dos argumentos, torcia os dedos, tinha os olhos humidos.

— Ajude-me. Dou-lhe um dia para isto. Amanhã, si não obtiver resposta sua, agirei. Acceita a missão?

Gertrudes sabia ser impossivel qualquer recuo do irmão. O odio votado ao medico empanava-lhe a alma. Para que tentar o impossivel? Mas deixar as cousas assim, seria a luta no dia seguinte, a luta certa, terrível, sem piedade. Bem que tinha sciencia das armas existentes no sitio e dos homens que o irmão chamaria em defesa. Vacillava... O dr. Heleno, erguendo-se, tomindo o chapéo, ia retirarse... Foi quando uma idéa extrema relampejou no cérebro da moça. Para os grandes males, os grandes remedios.

— Doutor, trouxe as vaccinas?

— Sim, minha senhora — accudiu o rapaz, surpreso.

Gertrudes chamou a creada e deu-lhe ordem para que todos os trabalhadores, servos e crias da casa viessem ao terraço imediatamente. Pouco a pouco, vinham assomando homens de trabalho, com enxadas nas mãos, mulheres mettidas em vestidos de chitas, cabellos alvoroçados, creancinhas nuas, rapariguinhas timidas...

— Só faltam dois cargueiros que estão em viagem e sinha Tonha que está de cama... — explicou a creada.

Presentes todos, Gertrudes arreganhou a manga do casaco e ofereceu o braço, um lindo braço muito branco, de veias azuladas, ao doutor, que o golpeou levemente com a lanceta, derramando nos talhos a lympha. Pequenas borbulhas de sangue afloraram e a moça ficou á espera que se desse a absorção, o braço desnudo...

Depois, uma a uma, as pessoas do sitio, espantadas, mudas, passivamente submeteram-se á vaccinação. Somente o Gabriel, homem da confiança do Quincas, relutou:

— Mas, dona, seu Quincas disse...

— Cale-se, ouviu? Aqui tanto manda seu Quincas como eu...

Terminada a tarefa humanitaria, Gertrudes indagou si podia baixar a manga do casaco. O dr. Héleno, cuidadoso, examinou-lhe o braço, enxugou com algodão gotticulas de sangue e autorisou-a a velar as vaccinas. Desta vez, mais sereno, tocado de reconhecimento, elle olhou a alvura da pelle, com olhos que não os de medico e sentiu um lampejo estranho no olhar da moça.

Mas foi tudo rapido. Despediu-se, agradecendo, serrando a mão de Gertrudes com effusão:

— Muito obrigado, por mim e por todos aquelles a quem a senhora acabou de salvar da morte.

Alcançando a porteira, instinctivamente, volveu a vista para o sitio: a moça estava ainda no terraço...

IV

Annunciada a victoria do novo prefeito em Campos Altos, começaram a sussurrar versões tendenciosas a respeito: — diziam que o rapaz, apanhando a moça sosinha, exigira, violentamente, que ella consentisse em ser vaccinada e em deixar fossem vaccinados os de casa. E os boatos, embora inverosimeis, emplumaram-se... Todavia, o serviço prophylactico ganhára exito completo. Ninguem mais se rebellou.

Em Campos Altos, o encontro de Quincas com a irmã foi brutal. Despeitado, enraivecido, elle teve phrases sevéras para com a moça, ameaçou-a e somente refreou o impeto quando ella fez-lhe ver, com energia, ser tanto como elle dona do sitio e já maior de idade.

— Muito bonito, você ter conversas, fazer as vontades do homem que mandou matar nosso irmão!!

— Quem já provou isto?

— Só você não acredita numa cousa que está entrando pelos olhos!

— Melhor para os outros... Vamos andando...

Joaquim acalmára-se apparentemente, mas no intimo recrudesceu o desejo da revide. Agora, era tambem o seu amor proprio ferido, sentimento mais melindroso que a sua dor fraternal.

E, desde esse dia, Gertrudes reparou as visitas de "caras suspeitas" no sitio, reuniões no alpendre dos trabalhadores, luzes mysteriosas á noite, entradas de caixotes, vindos em costas de animaes e escondidos fóra da casa... Tramava-se algum malfeito, pensava. Sondava, espiava, fingia dormir e punha-se pelas venezianas do seu qurato espreitando o movimento nocturno nas moradas vizinhas dos empregados. A vida do medico corria perigo e ella devotava-se a salval-o. Mas como? Denunciar o irmão, desde já? E si tudo não passasse de imaginação superexcitada de visão nervosa? Aguardaria o desenrolar dos factos... Uma noite, já bem tarde, numa restea de luar, ella

percebeu o irmão e o Zé Queiroz passarem no terraço, perto do seu quarto, e escutou uma phrase de Quincas, bastante significativa:

— Amanhã, toma-se contas ao doutorsinho...

Todo o resto das horas, até o amanhecer, chorava, fazia orações, pedia coragem para evitar aquele crime. Tinha visões funebres: via o irmão morto, o medico coberto de sangue... gente muita pelo chão... Ao clarear, estava branca como gesso, a ponto do Quincas, á hora do café, indagar:

— Você anda doente? Está com uma cara de defunta?

— Não. E' enxaqueca...

E poz-se de espreita a tudo, vigilante, tremula.

Ao entardecer, um almocréve de Campos Altos, dando brusco encontro no Salustio, creado do dr. Heleno, provocou discussão que rematou em cahir o pobre serviçal attingido no ventre por uma punhalada.

Carregado o ferido para a enfermaria da cadeia, chamaram ás pressas o medico que acudiu, tratando de pensar o seu querido servo, homem já idoso, que o vira menino. Infelizmente o ferimento era bem grave.

A tarde ia cahindo rapida, formando-se nuvens de chuvas pesadas... Ajudado pelo dr. Alvim, o prefeito operava ligeiramente o ferido. Ouviram-se tiros longinquos; portador, vindo de fóra, vira bandos suspeitos nos arredores, na estrada de Campos Altos.

Dentro da cadeia, o destacamento reunido, quinze homens apenas, esperava ordens, commandado pelo alferes Pinto Xavier.

O cabo Lagarto, destemido, quizera dar guarda ao portão, que fôra cerrado com duplo cadeado. No pequeno aposento da enfermaria, aproveitando resto de luz solar, embaciada, os dois medicos rematavam o tratamento de Salustio.

A expectativa era acabrunhadora. Vinham de muito longe berros, rugidos humanos, estouravam bacamartes. Nas casas proximas batiam-se portas, janellas, num panico contagioso. Corria gente pelas ruas, aos gritos:

— Ahi vêm os cangaceiros!

De subito, o vulto duma mulher, toda de preto, a cabeça envolta em mantiha de rendas, surdiu diante das grades do portão, implorando agasalho. Sem a conhecer, julgando fosse alguem perseguido, Lagarto deixou-a entrar e ella, desorientada, tremula, indagou pelo dr. Heleno.

O medico appareceu no vestibulo, reconhecendo Gertrudes e della ouviu o aviso de que seu irmão, á frente d'uns cem homens, vinha matal-o. Vira-os partir do sitio, armados, ferozes e correra, por atalhos, a trazer a noticia, para que se armassem. Em casa do doutor, lhe disseram estar elle na cadeia, tratando dum ferido. Surpreso, não pela imminencia do ataque, já suspeitado, mas pela dedicação extraña da moça que pelo sangue o devia odiar tambem, perturbado pelo olhar dulcissimo que surprehendera no dia da vaccinação, sentindo-se como que attrahido, Heleno, antes de tudo, acima do perigo, viu germinar no seu espirito uma conjunctura: a da estadia de Gertrudes, ali, na prisão, onde se ia travar a luta. Uma mulher! Ha pouco tinha mandado recolher a sua casa uma sentenciada, pondo-a ao abrigo da morte. Fez ver a impossibilidade de Gertrudes ficar alli, deu ordem a Lagarto para que a acompanhasse até a residencia do juiz de direito, visto ser tarde para voltar ao sitio, sósinha. Ella relutou, oppoz-se, mas já cedia quando a cadeia foi cercada pelos assaltantes,

desembocando pelas tres ruas que confluiam no pateo. Era tarde! O portão de entrada fôra de novo trancado, reoccupando Lagarto o seu posto de honra, fuzil entre as mãos, sabre-punhal á cinta...

Antes que os cangaceiros se avisinhassem do edificio, o alferes dispôz duas praças em cada janella, promptas a atirar por entre as grades. Outras duas auxiliavam o cabo, na entrada. Sobravam cinco soldados, constituindo estes a reserva para substituir nos postos de defesa, os mortos ou feridos. Gertrudes ficou abrigada na enfermaria, um aposento sem janellas, apenas recebendo luz por setteiras abertas no alto. Numa cama de lona, Salustio gemia e ella o confortava.

A primeira descarga partiu dos assaltantes, logo respondida pelos de dentro. Outra mais, outra mais... muitas seguidas. Lá fôra, por mais expostos, haviam cahido varios homens. Dos defensores, com quasi meia hora de luta, apenas um soldado tocado levemente no hombro por bala, mas permanecendo no posto. Lagarto, soberbo, bravo, repellia os bandidos a tiro e a coice d'armas, si algum se approximava demasiado do portão. Dextro, affeito á luta, perito em visar o inimigo, abatera diversos em sua frente. Intensificava-se o tiroteio: distinguia-se, em meio aos estampidos, as deflagrações fortes dos rifles, as detonações seccas dos fuzis.

Morrera o primeiro soldado. Logo em seguida um segundo recebeu ferimento sério no peito... Recorreu-se á reserva, mas de repente circumstancia grave se offereceu: com auxilio de escada, os assaltantes tinham se apoderado das setteiras da enfermaria e atiravam para o interior da cadeia. Preciso se tornou remover os feridos para outra cella, ás pressas. Simultaneamente attingidos dois defensores numa janella, della se avisinharam outros bandidos, fazendo igualmente fogo por entre as grades... Já agora, as baixas dos defensores eram em maior numero. O alferes e o dr. Heleno atiravam tambem. No portão, apenas garantido por Lagarto, duas vezes ferido, no rosto e na perna, a porfia tomava ponto de heroismo. Trinta homens investiam contra a grade, querendo derrubal-a, mas a cada impeto o cabo derrubava, certeiro, um delles. Por fim, faltou-lhe munição... Fez uso da baioneta: acutilava aqui, alli, adiante, cego de raiva, cheio de nobreza.

O recinto estava apenas alumiado por dois pequenos lampeões de kerozene, afim de evitar o alvo. As balas entravam por todas as setteiras. Uma janella somente ainda tinha defensores válidos. Pelo chão, gente que gemia, gente a agonisar... Gertrudes, temerariamente sahida da cella onde haviam-na recolhido, andava de rastros acudindo aos que mais soffriam, dando-lhes agua para beber, mitigando-lhes a grande sêde resultante das hemorrhagias.

Seus bellos olhos, horrorizados, viam, á pequena claridade, o vulto do medico, em mangas de camisa, ajoelhado, perto duma janella, a atirar incessantemente. Sentia-se meio envaidecida de vel-o a pelejar em sua defesa... Mas, num relance, viu-o vacillar, cahir...

Correu, baixou-se, tomou-lhe a cabeça no collo.

— Não foi nada... Aqui, no hombro...

E elle simulava sorrir, para não agonial-a. Rompeu-lhe a camisa e, acima do peito direito, divisou um fio de sangue a escorrer. Pouco a pouco o rapaz ia empallidecendo, desmaiando... Tomou-lhe o pulso... fraco, imperceptivel, fugidio... Morria, morria o seu grande e unico amor, assim, ás mãos sinistras dos seus!... Desorientada, num transe de angustia, deu-lhe agua a beber, banhou-lhe o ferimento, chamou-o pelo nome, golpharam dos seus labios phrases incontidas de carinho, numa confissão tardia de paixão:

— Meu amor! Abre os olhos! Olha para a tua Gertrudes, que te quer!

E alisava-lhe os cabellos, agoniada, desesperada, quasi a desfalecer de dor.

Os olhos do medico se reabriram, fitaram-na docemente, como si o espirito delle houvesse escutado a musica enterneida da sua confissão apaixonada... Mas cerrou-os, aqnietau-se, expirou...

Nesse momento, Lagarto tombava com uma funda brecha no craneo e o portão cedia á onda dos invasores. Sedentos, desvairados, tinham fome de trucidar ainda. Joaquim Ribeiro vinha á frente e, temendo uma perfidia, ordenou que fizessem ainda derradeira descarga dentro da prisão.

Vinte lampejos, vinte detonações e um grito de angustia horrivel:

— Quincas! Quincas!

Quando, á luz de archotes, o filho do coronel Ribeiro, ávido de encontrar o cadaver do dr. Heleno, passou revista aos mortos, viu o corpo de Gertrudes, sem vida, estirado ao pé do medico, a mão delle presa entre as da moça, muito brancas, muito lindas...

V

A'quella hora tardia da madrugada, alguem bateu rijo na porta da residencia do vigario, pegada á matriz. Passos lá dentro, ferrolhos corridos, um postigo aberto e, nelle, a cabeça branca do sacerdote:

— Quem é?

— Sou eu, senhor vigario, o Julio da Farinhada.

— Que queres, filho?

O rapaz descobrira-se:

— E' que meu pae está muito doente e mandou chamar o senhor vigario.

Nem um segundo o padre pensou em se negar, mau grado a caminhada penosa até a estrada do Cruzeiro, onde residia o Mathias da farinhada, por aquella noite fria, cortante, as estrellas a tremarem no alto... Enfiou a capa, poz o chapéo e deram ambos a andar, ganhando a rua, atravessando o pateo da cadeia... Diante do edificio da prisão, silencioso, escuro, apenas a sentinella no cimo do degrao, o vigario tirou o chapéo e o companheiro, sem saber por que, imitou-o

Nunca mais atravessára aquelle largo, sem evocar a hecatombe de seis mezes atraz. Ainda sentia fremitos de horror nos nervos. De começo, na tarde sinistra, viera até os assaltantes, com a cruz alçada, pedindo-lhes misericordia, mas nenhum attendeu. O proprio Joaquim Ribeiro, que fôra seu discípulo na escola parochial, limitou-se a aconselhar-o se recolhesse á casa. Todo o resto do tempo, ouvindo o estralejar dos tiros, ficára diante do altar-mór, rezando, rezando... Quando tudo serenára, sahiu, chegou á cadeia. Clareava... Tres casas de commercio saqueadas... Mortos pelo pateo, gente da cidade que, mal refeita do panico, cuidava dos feridos, transportava corpos... No interior da prisão, ainda como tinham morrido, o medico e Gertrudes... num só rastro de sangue, confundindo-os na morte já que o não haviam podido fazer na vida. E ao esmorecer da tarde, lá se foram os dois para o cemiterio, num cortejo unico, elle carregado pelas autoridades da terra; ella, levada pelas Filhas de Maria, todas de branco, véos esvoaçando á viração vespertina, boccas a entoarem uma ladainha suavissima, como a subir ao céo... Depois, chegada de tropas muitas, estradas em pé de guerra, Campos Altos cercado mas deserto, Joaquim Ribeiro foragido, dois ou tres cangaceiros aprisionados...

Fóra da povoação, os dois vingavam a ladeira. Os ares balsamicos dos campos atravessados, esbateram da memoria do sacerdote as tristes evocações da tragedia. Respirava-se um cheiro activo e delicioso de matto novo.

— Mas, menino, que doença tem teu pae?

— E' a "mardita" que deu muito forte e elle tá bambo... Seu Moura da botica me disse que ali só Nossa Senhor...

Chegavam ao mocambo. Entraram. A um canto do aposento, frouxamente clareado, o Mathias encolhia-se na rede, tremendo de febre e de frio. Apertou a mão do padre, beijou-a em seguida e disse que desejava se confessar. Foram, para dentro, o Julio e a filha moça, Quiteria, com uma creancinha ao collo.

Num tamborete, junto da rede, o vigario escutou, então, a voz do doente:

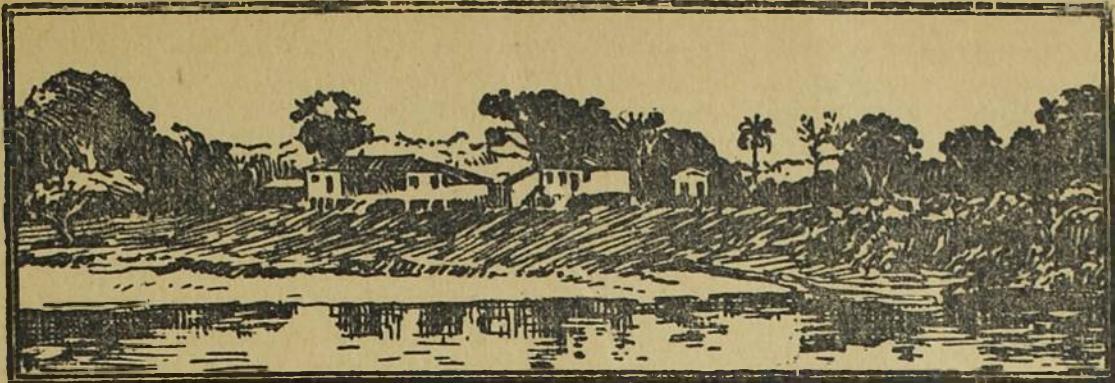
— Depois da morte de minha Chica, senhor vigario, eu fiquei com aquelles dois peccados de filhos. Quiteria era a menina de meus olhos e eu vivia a sonhar, quando ella foi ficando mocinha, tomando corpo, com um marido, rapaz ás direitas, pobre mas trabalhador. Nas minhas viagens, para vender farinha, mais o Julio, ella ficava a cuidar dos mandiocas e da casa. Já tinha feito quinze annos e mostrava ter juizo. Duma feita, porém, senhor vigario, eu chegando, de surpresa, avistei, de longe, um homem aqui no terraço, de prosa com a Quiteria. Mal me avisinhei, elle montou a cavallo e fugiu. Fiquei de pulga na orelha, mas me calei, de sabido. E a menina a viver pelos cantos, amorrinhada, triste, os olhos vermelhos... Indagada da doença, negava, dizia serem saudades da mãe... Uma vez, quando minha vista desconfiada pousava na sua barriga "gorda", ella não pôde mais conter o segredo, cahiu a meus pés e confessou tudo: estava prenha. Tomado de raiva, quiz saber o nome do miseravel... Ella com muito custo disse esse nome maldito... Honra de casa de matuto, senhor vigario, só se lava com sangue. Fui para a estrada, onde elle passava toda a noite, talvez desencabeçando outra pobresinha, perto duns araqueiros brabos, na curva... Horas e horas... Um tempão! Choveu, tornou a aparecer a lua... E eu de tocaia... Viria? Não viria?... O frio do canno do rifle endurecia minhas mãos... De repente, toc, toc, toc; no caminho um cavallo bonito apontou, arreios de prata brilhando, já perto. Saltei na frente, segurei a arma e gritei: "Tome para você não bolir com filha dos outros". O tiro partiu e o homem cahiu na poeira da estrada. Mexi com elle, estava bem morto... No clarear do dia, um cargueiro topou com o defunto...

O sacerdote tremia, advinhando tudo:

— E o nome desse homem, meu irmão?

Num arranco, o moribundo rematou:

— Era o filho do finado coronel Ribeiro...



IMPORTANCIA DA RIQUEZA MINERAL NO PROGRESSO DAS NAÇÕES

MIGUEL ARROJADO LISBOA

IV

A organização da Comissão Geologica do Imperio havia proveitosamente coincidido com a chegada ao Brasil do Professor Henri Gorceix, o discípulo indicado por Daubrée ao Imperador para fundar no Brasil uma Escola de Minas. Depois de percorrer uma parte do paiz, e de estudar diversas localidades, indicou Ouro Preto para séde do novo estabelecimento de ensino superior, que ali foi installado em 1876. A fundação da Escola de Minas, modelada pela Escola de St. Etienne, marca uma nova era para o progresso da sciencia geologica que d'ahi por diante se tornou accessivel á gente do paiz.

Pela sua localisação em uma pequena capital do interior, situada no mais importante distrito mineiro do paiz, pelas vantagens de seu ensino obrigatorio e pratico, pelo cuidado com que ministrevam os mestres as sciencias, em pouco tempo a Escola de Ouro Preto produzia profissionaes iniciados na geologia, mineralogia e na metallurgia e, em 1878, aparecem, nos Annaes do Museu Nacional do Rio, as primeiras contribuições dos seus alumnos. L. Dupré e A. Corrêa da Costa, relativas á geologia das jazidas auriferas dos arredores de Ouro-Preto.

Os annaes da Escola, aparecidos em 1881 e continuados até 1885, contêm desde o seu inicio uma serie de contribuições dos professores franceses Henri Gorceix, de Bovet, Arthur Thiré, Paul Ferrand e dos mineiros alumnos F. Paula Oliveira, Costa Sena, Domingos Rocha, L. Dupré, Antonio Olyntho dos Santos Pires. Versam os trabalhos destes sobre a geologia-economica, mas, entre todos destacam-se os trabalhos de chimica mineral emprehendidas pelo Prof. Gorceix, conjuntamente com os seus estudos geologicos.

Iniciando o seu trabalho geologico do centro de Minas com o estudo chimico e mineralogico das rochas, estendeu-os tambem ás jazidas de topazios, aos mineraes raros dos cascalhos diamantiferos, aos zeolitos das rochas pyroxenicas do Abaeté. O Prof. Gorceix mostrou ser principalmente um chimico e mineralogista e os seus trabalhos publicados nos Annaes da Escola e nos periodicos scientificos estrangeiros, contam-se certamente entre os dos mais notaveis chimicos do seu tempo. Os seus estudos da monazita, da xenotina e os das favas phosphatadas, antes do enorme desenvolvimento só bem depois attingido pela chimica das terras raras, merecem nota especial, pela segurança com que os conduziu por um caminho ainda não trilhado. (39) Ao Prof. francez devemos o reconhecimento e estudo das bacias terciarias da região central mineira cuja flora foi estudada pelo Marquez de Saporta.

O Prof. Gorceix foi, pois, o verdadeiro introductor no Brasil dos methodos chimicos de pesquisas mineralogicas, o que determinou uma nova feição aos estudos geologicos, que os professores norte-americanos seus predecessores haviam especialmente conduzido pelo lado estructural e paleonthologico. Com a applicação da chimica aos estudos geologicos puderam estes tomar uma feição mais utilitaria e os trabalhos de geologia economica, a partir de 1881, alcançaram uma importancia maior do que antericamente.

Sem duvida a essa influencia não se furtou Derby, sempre refractario aos estudos alheios á pura sciencia, que por esse tempo, quando ainda no Museu, entre 1880 e 1885, produziu uma série de estudos relativos tanto á genese como ás occorrencias das jazidas de ouro, diamante, ferro, chumbo e de outros mineraes e minerios de valor economico.

Em 1889 proclamou-se a Republica e, logo depois, uma corrente impulsionada por sentimentos nativistas, com o apoio de João Pinheiro, então governador do Estado de Minas, o que mais tarde haveria de ser por elle proprio lastimado, mas, com protesto de todos os alumnos reconhecidos ao mestre e entre os quaes estava o autor desta apreciação, forçava a retirada do Prof. Henri Gorceix da direcção da Escola, que assim pôz termo á serie de investigações originaes de chimica-mineral que iniciara em 1876.

Os estudos geologicos de A. Guimarães e Pandiá Calogeras relativos á bacia do Gandarella, effectuados cerca de 1892, foram uma boa contribuição á geologia economica, e mostram o interesse que os engenheirandos da Escola de Minas votavam, em seus trabalhos, tanto á geologia como á chimica mineral. O estudo muito posterior de Gonzaga sobre Marahú confirma este conceito.

Os annaes da Escola de Minas interrompidos em 1885 reapareceram em 1902, e contêm varios trabalhos de novos alumnos além das traducções em portuguez de varios escriptos originaes já dados á luz, em allemão, por Hussak e Florence. Entre os daquelles aparecem varias notas mineralogicas de Costa Sena, A. Barboza e C. Thomaz e de B. dos Santos e E. Oliveira sobre a geologia do terreno hulheiro do Paraná e Sta. Catharina; um trabalho do auctor do presente escripto dando o resultado dos estudos que fez das jazidas de monazita do paiz onde, além de dados economicos e mineralogicos, se esclarece a gênese da formação desses depositos das praias do Atlântico e um estudo dos seixos facetados pela Abaeté, achado de importancia realmente maior do que pareceu ao ser publicado o referido trabalho.

(39) H. Gorceix. — Ver: Annaes da Escola de Minas. Vols. I, 1881; II, 1883; III, 1884; IV, 1885, e tambem *Comptes Rendus de l'Acad. Sc. XV*. 1887.

Com a retirada de Gorceix o campo dos estudos geologicos se desloca agora para S. Paulo onde desde 1885, abandonando o Muzeu, se installara Orville Derby para fundar a Comissão Geographica e Geologica do Estado.

O grande merito do Prof. Gorceix foi crear um corpo de profissionaes com sufficiente preparo scientifico para se especialisarem nos variados ramos das sciencias naturaes e principalmente das geologicas e da metallurgia, e com o sufficiente tirocinio de laboratorios pelo trabalho forçado que impunha aos seus alumnos por cinco annos consecutivos nos seus annos de curso escolar; de grande valia, principalmente, para os seus discipulos, foi a arte com que soube incutir-lhes o systema e o methodo nos trabalhos scientificos, uma grande falha ainda persistente em muitos dos nossos homens de sciencia.

Assim, quando Derby fundou em S. Paulo o serviço official geologico, poude incluir entre os seus collaboradores, além de Theodoro Sampaio, varios auxiliares nacionaes sahidos das primeiras turmas da Escola de Minas, entre os quaes se distinguiram Gonzaga de Campos, F. Paula Oliveira e Abreu Lacerda. A esse grupo juntaram-se Guilherme Florence, natural de S. Paulo, e antigo estudante de Carlsrué que tambem praticara nas minas africanas de Wit-Waterrand, Pacheco Jordão, da antiga Comissão Geologica do Imperio, e que por bastante tempo fizera paleontologia na America do Norte e Eugenio Hussak celebrado petrographo e mineralogista austriaco.

A commissão geographica iniciara os seus trabalhos em S. Paulo em 1886 e o seu estabelecimento teve uma grande repercussão no desenvolvimento da sciencia geologica no Brasil; em pouco tempo Derby tornava-se, parallelamente com Gorceix em Minas, autoridade respeitada em todos os assumptos attinentes á geographia e geologia no Brasil, e com a retirada deste ultimo para a França, foi dahi em diante, até o seu tragico fim, o "leader" do pensamento geologico no Brasil.

Pode-se avaliar a influencia que exerceu a Comissão Geographica paulista no desenvolvimento da sciencia entre nós, fazendo-se a resenha dos seus trabalhos. Derby introduziu em S. Paulo os methodos americanos de rapidos levantamentos cartographicos, o que veio preencher uma das grandes falhas nos estudos da geologia no Brasil, processos estes que nem sempre foram mantidos com a desejavle persistencia pelo corpo de cartographos que ali fizeram escola, sendo depois transplantados a outros serviços estadoaes e federaes em Minas, no Estado do Rio de Janeiro e no nordeste brasileiro.

No campo da geologia foi iniciado o trabalho com a exploração ao Paranapanema, feita pelo molde das explorações dos viajantes naturalistas, onde as observações ficam limitadas aos intinerarios e subordinadas á sua forçada rapidez, mas, logo que ficaram confeccionadas as primeiras folhas da carta geographica de S. Paulo, passaram-se a effectuar os estudos de detalhe para a confecção da respectiva carta geologica, que infelizmente ficou limitada somente a algumas folhas publicadas como trabalho preliminar; ao mesmo tempo foi feita a delimitação dos varios terrenos geologicos, do permo-carbonifero, de uma grande parte do triassico, do terciario e do crytalino, dos derramamentos da eruptiva que produz a terra roxa.

Infelizmente, a morosidade e a falta de impressão de muitos dos trabalhos executados, não obstante sempre divulgados a todos os interessados que os procuravam, foi de grande prejuizo para os creditos da Comissão, que assim transferiu a outros a precedencia de uma grande parte das observações originaes dos seus membros. Independente desse lamentavel facto, porém, foi verdadeiramente consideravel a somma de

contribuições escriptas feitas, tanto á geologia como á mineralogia, á petrographia e á chimica mineral, não só por Derby, Gonzaga e Oliveira, mas principalmente pelo professor E. Hussak e por Guilherme Florence.

Merecem especial referencia os trabalhos de Derby sobre as rochas nephelinicas de Caldas, e os relativos aos phonolitos e foyaitos do Tingua. (40) Foi Darwin quem principalmente assignalou a natureza das rochas similares vulcanicas existentes em Fernando de Noronha e as monographias de Graef, em 1887 e a de Hunter feita em associação com Rosembuch, em 1890, sobre as rochas do mesmo Tingua, bem como a de Jordano Machado sobre as de Caldas, elaborada em Vienna, sob as vistas de E. Hussak e publicada em 1887, são estudos de natureza principalmente petrographica. Os estudos de Derby sobre taes rochas tiveram um alcance scientifico geral, por ter elle esclarecido que as rochas nephelinicas passam a massas vulcanicas que são verdadeiros phopolitos e que a idade geologica é sem valor para a classificação petrographica. As observações relativas á magnetita dos districtos de Jacupiranga e Ipanema mostraram tratar-se de um minério formado por segregação. A esses estudos liga-se o que emprehendeu sobre a consanguinidade das rochas. Varios outros trabalhos publicou ainda Derby quando em S. Paulo, relativamente á genesis do diamante e dos depositos de manganez, sobre a monazita e xenotima.

Gonzaga de Campos enquanto na Comissão Geologica paulista trabalhou nos levantamentos geologicos e fez uma serie de observações nunca publicadas. As suas explorações do Tieté, feitas para o reconhecimento da E. F. Baurú a Itapura, e a do prolongamento da linha de Ribeirãozinho, têm um grande valor sob o ponto de vista geologico pelas observações tanto geraes como de detalhe nella contidas. As denominações hoje correntes na litteratura geologica de "arinito de Botucatú" e "arinito de Bahuru", lhe são devidas e foi elle quem mostrou ser este ultimo de composição calcarea. O estudo das jazidas diamantiferas de Agua-Suja, no triangulo Mineiro e o da jazida aurifera de Apiahys lhe são devidos (41).

O reapparecimento dos Annaes da Escola de Minas, em 1902, veio evidenciar que em Ouro-Preto ainda havia o mesmo interesse anterior pelos estudos geologicos e mineralogicos e os volumes publicados a partir daquella data contém muitas novas contribuições á geologia e á mineralogia por professores e antigos alumnos da Escola, a essa segunda série de trabalhos.

Uma serie de estudos mineralogicos e petrographicos emprehendidos na Comissão paulista por Hussak com a collaboração de Prior, do Museu Britânico de Londres, permittio a acquisição para a sciencia entre 1892 e 1904, de uma boa serie de novos mineraes, taes como Brasilito Lewisito, Zirkelito, Tripuhito, Derbilito Senaito, Florencito e Chalmersito; especial referencia merecem dois trabalhos de Hussak com respeito á formação e idade das jazidas de ouro associado á turmalina e ao mispickel, na Passagem, e as pesquisas sobre a platina e sobre o palladio que ocorre nas formações de jacutinga aurifera cuja genese procurava esclarecer.

(40) *Orville A. Derby* — Sobre as rochas nephelinicas do Brasil com especial referencia á associação do phonolito e foyaito. *Revista de Engenharia*, ns. 186, 187, 188 de 1888.

— Sobre os trabalhos da Comissão Geologica de S. Paulo veja-se: *Arrojado Lisboa*. — Um caso de critica scientifica. S. Paulo, 1902.

(41) *L. F. Gonzaga Campos*. — Reconhecimento da zona comprehendida entre Baurú e Itapura. S. Paulo. Typ. Ideal. 1905.

— Jazidas diamantiferas de Agua Suja, Bagagens, Est. de Minas. — Rio de Janeiro, 1891.

Se sou um menino
gordo e corado
devo tudo ao

Biotonico
Fontoura



BIOTONICO FONTOURA



O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE

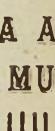
BIOTONICO FONTOURA



O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE



Torna os homens vigorosos, as mulheres
formosas, as crianças robustas



CURA A ANEMIA

CURA A FRAQUEZA MUSCULAR E NERVOSA



AUGMENTA A FORÇA DA VIDA — PRODUZ
SENSAÇÃO DE BEM ESTAR, DE VIGOR, DE
SAUDE — EVITA A TUBERCULOSE



MODO DE USAR:

BIOTONICO elixir

Adultos: 1 colher das de sopa ou meio calice antes do almoço e antes do jantar.

Crianças: 1 colher das de sobremesa ou das de chá, conforme a idade.

BIOTONICO pastilhas

Adultos: 2 antes do almoço e 2 antes do jantar.

Crianças: 1 pastilha.

BIOTONICO injectavel

Injectar o conteúdo de uma ampola diariamente em injeção intramuscular.

O Biotonico Fontoura
julgado pela probidade
científica do professor
DR. HENRIQUE ROXO

Atesto que tenho prescrito a clientes meus o

Biotonico Fontoura

e que tenho tido ensejo de observar que ha, em geral, resultados vantajosos. Particularmente, mais proficuo se me tem afigurado o seu uso quando ha accentuada denutrição e ocorrem manifestações nervosas, della dependentes.

Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1920.

(A) Dr. Henrique de Brito Belfort Roxo
Professor de molestias nervosas da Faculdade de Medicina do Rio.

O que diz o preclaro DR.
ROCHA VAZ, professor
da Faculdade de Medicina

Tenho empregado constantemente em minha clínica o

Biotonico Fontoura

e tal tem sido o resultado que não me posso mais furtar à obrigação de o receitar.

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1920.

Dr. Rocha Vaz

Professor de Clínica Médica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

O Biotonico Fontoura
consagrado por um grande
especialista brasileiro

Atesto ter empregado com os maiores resultados na clínica civil o preparado

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro 12 de Julho de 1921.

B. Bustregesilo

Professor catedrático da clínica neurologica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Palavras do eminentíssimo
cientista Exmo. Sr.
Dr. JULIANO MOREIRA

Tenho prescripto a doentes meus e sempre que lhe acho indicação terapêutica o

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 20 de Julho de 1920.

Dr. Juliano Moreira

Preparação especial do "INSTITUTO MEDICAMENTA"
FONTOURA, SERPE & C. I.A - S. Paulo

A circumstancia de estarem obrigados a agir em uma região de solo decomposto e de rochas geralmente desconhecidas e raramente frescas contendo communmente mineraes raros, obrigou os especialistas de S. Paulo a descobrirem novos methodos de pesquiza e a inventarem processos chimicos especiaes que mostraram ser de grande utilidade nos climas tropicaes. Por isso o uso da batêa e a determinação dos mineraes por processos micro-chimicos foi introduzido no Brasil e, na technica scientifica, constitue, hoje, verdadeiramente, um metodo brasileiro de pesquiza. O trabalho publicado por G. Florence em 1898, relativo á producção de crystaes microscopicos nas perolas do massarico, muito adeantou as investigações que haviam sido emprehendidas em 1870 por Rose, Wunder e depois por Kaop, mas sem sequencia na litteratura. (42)

Esse metodo marca um consideravel progresso na technica petrographica dos mineraes raros e pelo professor R. Beck, que regeu a cadeira de Werner na Escola saxonica de Freiberg, foi introduzido no ensino superior da Allemania.

A retirada d eO. Derby de S. Paulo, em 1907, com varios de seus collaboradores, vai como adiante, veremos, novamente deslocar o centro da actividade geologica para o Rio, com a installação aqui do novo Serviço Geologico e Mineralogico Federal, devido á iniciativa do joven Ministro Miguel Calmon no governo do Cons. A. Penna.

Pelos moldes da Comissão paulista, em 1890, foi creada a Comissão Geographica e Geologica do Estado de Minas Geraes, pelo então Governador Dr. João Pinheiro da Silva. Foi ella, com poucos annos exticta, tendo deixado impressas um certo numero de folhas da carta do Estado, levantadas pelos processos expeditos americanos em uso em S. Paulo, que foram ali introduzidos pelo engenheiro Lacerda e Abreu, da Escola de Minas e antigo auxiliar de Derby. Os engenheiros Alvaro da Silveira e Carlos Rabello funcionaram como geologos e, d'aquelle, publicou a Comissão um estudo dos traços geraes geologicos da bacia do Rio das Mortes. Como em S. Paulo tambem a Comissão estabeleceu o serviço metereologico.

Em 1891 foi installado na capital do Pará o Muzeu Paraense, destinado ao estudo e colleccionamento das riquezas dos tres reinos da natureza da região amazonica, conforme accentuou José Verissimo, que teve a incumbencia de fazer o discurso inaugural. Emilio Goeldi, foi o seu verdadeiro fundador, e para honrar-lhe a memoria tem hoje o Muzeu o seu nome; tinha elle por sciencias predilectas a zoologia e a botanica e a elles deu especial desenvolvimento, principalmente á primeira, pois, foi mais que tudo zoólogo.

A formidavel riqueza dos reinos vegetal e animal naquelle meio equatorial justifica a predileccão daquelles estudos e o espesso manto florestal encobrindo um sólo por toda a parte decomposto, diffulta a observação geologica. Não obstante tres geologos passaram pelo Muzeu Goeldi, mas os dois primeiros vieram a fallecer de febre amarela, Karl von Kraatz Koschlau em 18 de maio de 1900, seis mezes depois de chegado ao Pará, e Max Kaech em 22 de maio de 1904 com apenas sete semanas de estadia. Este ultimo nada pôde fazer, mas, Karl von Kraatz emprehendeu excursões ao iitoral estudando as localidades de fosseis cretaceos assignados por Ferreira Penna e a região entre o oceano e o Guama de cujo reconhecimento geologico nos deixou uma nota. Um trabalho que redigio

(42) *Guilherme Florence.* — Producção de crystaes microscopicos nas perolas do massarico. *Annaes da Escola de Minas.* N. 12. — 1910. Pags. 1 - 44. E' a traducção do trabalho publicado no *Neues Jahrbuch fur. Mm. Geo. u. Pal.* — II Band. 1898. pags. 102 - 146.

acerca da modificação na linha de contornos da costa, devido á lenta sublevação recente, não logrou publicidade e ficou perdido (43). Mais feliz foi Frederico Kaatzer que, substituindo aos fallecidos, permaneceu no Pará varios annos de 1895 a 1898, e deixou-nos uma copiosa serie de trabalhos relativos á geologia do baixo Amazonas, que, finalmente, enfeixou em um volume de cerca de 300 paginas, com um mappa geologico. Além desse temos do mesmo autor uma contribuição a geologia do Ceará (44).

A preoccupação das generalizações e a circumstancia de geologos terem a maioria dos seus trabalhos e objectos e localidades já explorados pelos observadores anteriores, em um campo tão virgem ainda quanto o do Amazonas, prejudica a obra do Dr. Kaatzer, e sobre tudo a realidade do seu mappa geologico, sem que por isso fique diminuido o merito real das suas observações e contribuições originaes.

No volume relativo á geologia do baixo Amazonas no Estado do Pará reunio elle de um modo systematico tudo quanto conhecia da litteratura geologica da região e por isso contém o livro o estado dos conhecimentos geologicos até 1902, com a descriminação dos varios systemas.

E' com justa razão que o Prof. J. Branner julga duvidosa a distribuição de certas formações do mappa de Kaatzer, que não quiz aproveitar no seu mappa geologico do Brasil, e a observação que fez de que aquelle só deve ser consultado em conjuncção com o texto é o meio de se eliminar as generalizações descabidas.

Historiando a formação geologica do valle do baixo Amazonas, o Dr. Kaatzer apresentou uma nova theoria pela qual, devido a ser a barra actual do Amazonas relativamente moderna, a invasão do mar, anteriormente ao levantamento dos Andes, deu-se de Oeste para Leste, em contraposição á explicação ainda hoje aceita de Hartt que descreveu de um modo magistral a estructura do valle. (45)

O papel do Muzeu Goeldi no esclarecimento dos problemas geologicos não ficou limitado á obra importante de Katzer; o Boletim do Muzeu publicou os trabalhos restantes ineditos da Comissão geologica do Imperio executados e escriptos por Hartt, Derby e Smith entre 1875 e 1878. A retirada de Katzer do Muzeu interrompeu até esta data o proseguimento das explorações geologicas, mas a travessia da Sra. Dra. Emilia Snethlaze, entre o Xingú e o Tapajoz, em 1909, merece ser referida entre as contribuições á geographia physica da região amazonica.

Um trabalho de grande valor para o esclarecimento da debatida questão, de ser a ilha de Marajó um delta ou não, foi o do malogrado botanico J. Huber sobre o furo de Breves, que ficará sendo uma das contribuições relativas á nossa geographia physica elaborados com um verdadeiro criterio científico (46).

Em 1905, Pandiá Calogeras publicou o seu trabalho sobre "As Minas do Brasil" que é principalmente uma synthese historica, em grande parte

(43) *Karl von Kraatz Koschlau und Hber. — Hüber. — Zwischen Ocean und Guamá.* Memorias do Museu Paraense de Hist. Nat. e Ethn. II. Pará, 1900. pag. 34.

(44) *Friedrich Katzer. — Grundzuge der Geologie des untern Amazonas Gebietes.* — Leipzig. 1904. n. 9 — 1907. pags. 36 - 36.

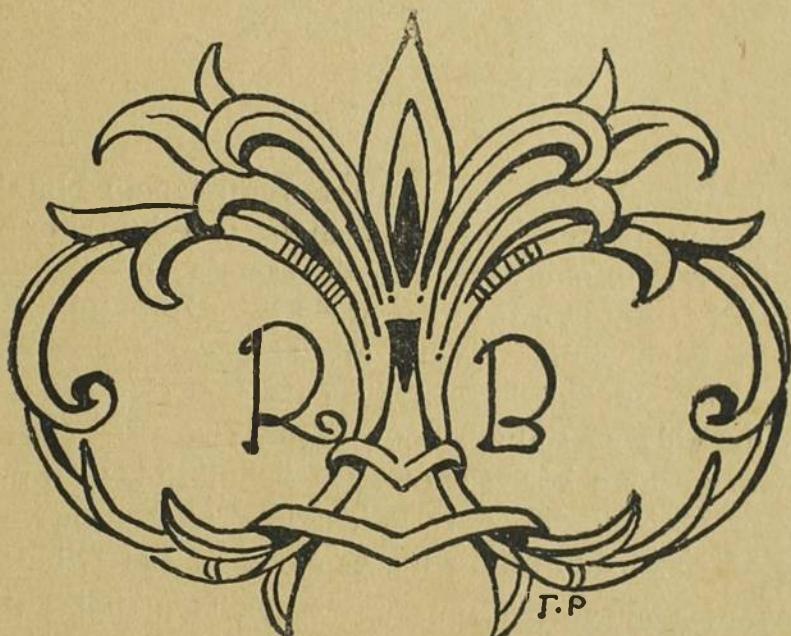
— *Beitrag zur Geologie von Ceará.* LXXVIII. *Denkschriften der Math. — Nat. Wissn. Klane der K. Akad. der Wiss.* 1905.

(45) Veja-se: *Arrojado Lisboa*, resumo critico da obra de Katzer na "Bibliographia Min. e Geo". Annaes da Esc. de Minas. N. 9, 1907. pags. 36 - 39.

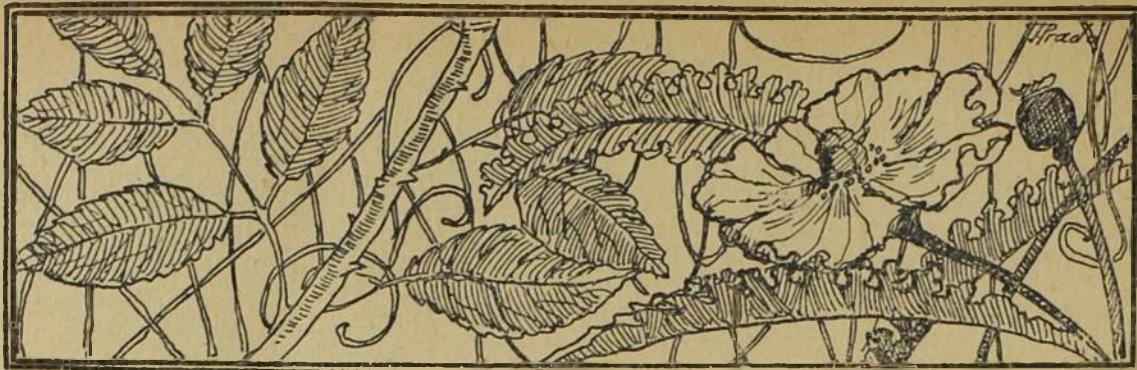
(46) *J. Huber. — Contribuição á geographia physica dos furos de Breves e da parte occidental de Marajó.* Bolet. do Mus. Paraense. III. 1901. pags. 447 - 498.

original e muito valiosa, do desenvolvimento da mineração no Brasil, com um apanhado da geologia económica e da industria mineral do paiz. E' obra cujo valor crescerá com o caminhar do tempo, e como fonte de informações, virá a ter, para os estudiosos do futuro, valor tão grande senão maior que o "Pluto" de Eschwege, de 1833, tem para nós outros de hoje, com relação á primeira parte do seculo passado (46-a).

(Continúa).



(46-a) — João Pandiá Calogeras — As minas do Brasil — Parecer á Camara dos Deputados — 1905.



COM MORTO NÃO SE BRINCA

TRANQUILLINO LEITÃO

(Ao Dr. RUBIÃO MEIRA).

O capitão Manoel Neves costumava reunir pelo Natal, em sua vivenda no campo, os seus mais proximos parentes, no duplo intuito religioso e affectivo de festejar em familia o nascimento do Redemptor e o seu proprio natalicio. Filhos e genros, irmãos, netos e sobrinhos e mais uns tres ou quatro velhos amigos, que desde a mocidade e atravez de todas as boas e más alternativas da vida se tinham conservado firmes e fieis nas suas relações, iam gozar a bôa e expansiva hospitalidade do jovial ancião, sempre obsequiador e reconhecido áquellas provas de respeito e de affeição que muito merecidamente lhe tributavam.

Começavam a chegar, muitas vezes, desde meiodos de Dezembro, e não raro prolongavam o aprazivel convivio até Anno Bom e mesmo Reis.

Por esse tempo o vetusto casarão do engenho se enfeitava e se reformava para receber dignamente os hospedes, enchendo-se de desusado movimento e festiva animação durante aquellas duas ou tres semanas. Os velhos conversavam sobre as occurrencias de occasião, discutiam safras e preços de colheitas, falavam sobre politica, lembravam os tempos idos, a que empregavam o melhor de suas saudades, enquanto os moços faziam excursões e passeios aos engenhos vizinhos, almoços campestres sob a sombra da floresta, em sitios de encantadoras paizagens, ocupando as noites em musicatas e danças, jogos e folgares de salão. Os dias assim passavam-se rapidos, e os alegres companheiros viam com tristeza chegar o momento da dispersão.

Naquelle anno Manoel Neves tinha a mais dois motivos de prazer para a sua costumeira festa annual: a recente formatura de um neto, primeiro doutor daquelle geração de Neves; e, talvez mais que esta, ter ao seu lado um irmão, o primogenito da familia, um frade octogenario, a quem não via e abraçava ha mais de quarenta annos.

Frei Pedro das Neves, homem illustrado e virtuoso sacerdote, de trato ameno e simples, cheio de bondade e sympathia, inspirando respeito e estima ao primeiro contacto, era um dos poucos remanescentes de sua Ordem no Brasil, á qual por pura e inabalavel vocação se dedicára por mais de meio seculo. Professára e recebêra ordens sacras em Olinda, donde sahio para successivamente servir nos conventos de sua comunidade religiosa na Parahyba e na Bahia, onde o foi encontrar a lei que extinguiu as ordens monasticas no Imperio.

Velho, alquebrado, sentindo que os ultimos annos estavam se lhe escoando, teve vivas saudades da terra natal e dos parentes que ainda lá existiam, pedio e obteve licença da autoridade eclesiastica para partir em fins de Novembro do mesmo anno.

O neto de Manoel Neves chegára do Rio de Janeiro diplomado em Medicina; e fôra seu companheiro de viagem um collega de turma que se destinava á longinqua cidade do Maranhão, donde era natural e onde residiam seus paes. A convite do amigo passava as festas de fim anno em casa do velho capitão; e, jovem, alegre, cheio de alegria e distincção, alvo das attenções de todos, constituia quasi o arbitro e organizador das diversões e passeios de todos os convivas.

Na ante-vespera de Natal foi, em companhia de mais tres hóspedes, a Olinda, conhecer a velha cidade de Duarte Coelho. Subiu as suas ladeiras, contemplou as suas maravilhosas e encantadoras perspectivas e visitou por fim os seus conventos e as suas igrejas; e porque era um espirito culto e admirador de arte, teve momentos de indizivel prazer, de emocionante enlevo deante dos thesouros artisticos que nos vetustos templos ainda se guardavam.

Não posso comprehendender, dizia ao collega, retirando-se de um dos conventos que minuciosa e apaixonadamente percorrera, — porque na parede daquelle claustro está aquella saliencia, uma especie de propositada obturação, como que um pequeno nicho que alli se quiz tapar e occultar a olhos profanos...

— Algum concerto... ou reparo, aviltrou José Neves com indifferença.

— Não parece; se bem que eu não possa atinar com o que aquillo seja... Dá-me a impressão de que algo de mysterioso alli se denuncia e se procura encobrir...

E num gesto vago, meneando a cabeça, accrescentou:

— Ha tanta cousa curiosa na historia dos nossos conventos e mosteiros!...

José Neves, depois de curto silencio, lembrou:

— Talvez o tio frei Pedro te possa esclarecer as duvidas. Elle é muito versado em tudo que diz respeito ás tradicções, lendas e historia das ordens monasticas no Brasil, principalmente dos conventos e templos de Pernambuco e Parahyba.

*
* *

Entardecia. No céo limpo, lavado, sem uma nuvem que lhe manchasse o azul purissimo, o sol descambava, tingindo a fimbria o occidente e um ligeiro tom rubro dourado. Uma brisa leve ciciava nas folhas das mangueiras e nos laranjaes, amenizando o calido ambiente que embalsamava dos acres perfums silvestres dos cajueiros em flor. O gado, manso e lento, vinha pela ração diaria e para o repouso nos apriscos fartos. Um mugido sonoro e dolente se ouvia de alguma rez retardataria e saudosa.

Familia e convidados, no largo alpendre que circumdava a vasta habitação, conversavam, passejavam após o lauto jantar de vespera de Festa. Frei Pedro, encostado ao gradil, mergulhava o seu sereno olhar de justo no bello panorama daquelle magnifico pôr de sol de Dezembro. Ao lado, o irmão e o sobrinho-neto interrogaram-no sobre a estranha saliencia de alvenaria que o Dr. Arthur Mendes notára no claustro do convento e que lhe chamára a attenção curiosa.

— A calderinha?... quiz perguntar o frade, logo porém calando-se, como se se arrependesse de falar.

— Sim?... E' a calderinha?... insistiu o medico, aguçado no seu proposito.

O anciãoolveu um olhar triste e percrustador para o monge; e após breve silencio, disse gravemente:

— Meu filho, essa é uma historia edificante, e mais um ensinamento para os incredulos no Poder e na Justiça e Bondade de Deus. Vou contar-lhe o que sei e aprendi pelo testemunho de inumeros irmãos de minha Ordem, que sempre veneraram a tradicção que esse facto representa. Ouçam com attenção.

A voz pausada e grave do benedictino havia despertado a curiosidade das demais pessoas, que se foram agrupando ao redor para lhe ouvirem a palavra, sempre cheia de bondade e de proveitosas lições de uma vida consagrada á meditação e á virtude. Sentou-se o monge num largo banco de vinhatico, muda

testemunha e serviçal das gerações daquella familia que por elle passaram por mais de um seculo. Concentrou-se por momentos, e correndo o meigo olhar de velho sobre os assistentes, calados e respeitosos, teve um sorriso de ternura e sympathia para todos, e começou a falar:

— Havia no convento de Olinda, ainda nos tempos coloniaes e de pleno esplendor de nossas ordens monasticas, dois religiosos que quasi se podia dizer que formavam um completo contraste. Eram frei Justino de Purificação e frei Patricio das Chagas, brasileiros de nascimento, e varões virtuosos e tementes a Deus.

“Frei Justino não professára por vocação, mas sim para satisfazer a vontade dos paes, diziam uns; ou para sepultar na austeridade do claustro contrariedades mundanas que lhe haviam amargurado a mocidade, segundo affirmavam outros, talvez os que mais se approximavam da verdade, na opinião dos mais bem informados e autorizados da Ordem. Era um homem intelligente, illustrado, zeloso e austero cumpridor de seus deveres, alma caritativa e espirito sempre inclinado a indulgencias e perdões para as faltas da pobre humanidade peccadora; mas apesar de tão preciosas qualidades e de seu nunca desmentido zelo pela sua crença e da sua Ordem, manifestava muitas vezes idéas e convicções que pareciam se avisinar de atheismo, que alguns mais fervorosos da communidade não hesitavam em verberar de heresias e blasphemias.

Ria-se de almas de outro mundo e dos infundados terrores que ellas inspiram aos timoratos, tendo até, não raro, phrases duras e asperas, que dir-se-ia que elle negava a immortalidade da alma, dogma indiscutido de nossa religião. Argumentava, porém, com tal elevação, e era tão sincero o seu zelo pela sua fé, que nunca lhe foi feita a minima censura por seus superiores, que sabiam estimar-o e premiar as suas virtudes.

“Frei Patricio das Chagas era uma boa alma, mas um verdadeiro pobre de espirito. Intelligencia apoucada, menos que vulgar, inculta, supersticioso e credulo, tinha ingenuidades e fraquezas tão absurdas que o approximavam de um rustico. Ao contrario de frei Justino, apavorava-se á só idéa de almas do outro mundo, e nada lhe causava tanto terror como a visão da morte e dos mortos. Nem por isso o estimavam pouco os irmãos, que viam nelle um sacerdote digno, virtuoso e temente a Deus. Sem embargo, chamavam-lhe o *Medroso*, por causa de suas crendices e superstições. Por isso, quando morria um religioso na Ordem, a tarefa de velar o cadaver era distribuida a frei Patricio, durante as horas do dia e sempre acompanhado de mais um outro frade.

"Aconteceu, porém, de uma feita, que falecendo um dos monges, foram escalados para a vigilia mortuaria de meia noite ás 4 horas da madrugada, frei Justino e frei Patricio. Este pedio, rogou, mas não pouse ser attendido, tendo allegado o irmão superior que o seu companheiro era de tal molde e fortaleza de animo, que lhe ampararia os descabidos pavores. Talvez convencido per estes argumentos e confiado na coragem e na bondade de frei Justino da Purificação, o *Medroso* resignou-se por fim sem maior repugnancia a cumprir a funebre missão; e á hora do quarto, e quasi collado ao seu companheiro de velação, frei Patricio estava junto do ataúde onde dormia o ultimo sonno frei Amaro de Santa Maria.

"E' bem de ver com que arrepios de pavor, com que medo da morte e do morto elle se vio na vasta nave do templo, em meio do lugubre e profundo silencio daquella hora da noite, apenas interrompido pelo ciciar das rezas e preces com que os dois frades rogavam a Deus pelo descanso eterno da alma do defunto monge.

"Por fim, ou porque nós acabamos por nos acostumarmos com todas as situacões em que nos vemos e a que não podemos nos subtrahir, ou porque o animo decidido e valoroso do outro frade o tranquillizasse, frei Patricio foi serenando, e findou talvez por se sentir menos afflito em seus pavores.

"Tudo iria bem até final, se o demonio, sempre á espreita para tentar as almas que procuram bem servir a Deus, não viesse mais uma vez exercer a sua malefica influencia junto áquellas duas criaturas que com tanta piedade estavam cumprindo o seu santo dever.

"Era em fim de Janeiro, mez de noites limpas e quentissimas. Por volta de 3 horas, frei Justino, mergulhando o hyssope na caldeirinha com agua benta, depois de ter aspergido o cadaver, disse para o companheiro de vela:

"— Estou com uma sêde intensa!

"— Eu tambem! confirmou frei Patricio. Já me dóe a garganta!

"— E como havemos de fazer? perguntou frei da Purificação.

"— Eu nada sei! decidiu o outro.

"— Vamos resolver o caso, alvitrou frei Justino depois de curto silencio. Você vae buscar uma bilha dagua no refeitorio, ou na cella, e assim mitigamos a sêde...

"— Eu, não! declarou peremptoriamente o *Medroso*, aterrado ante a perspectiva de atravessar áquellas horas os soturnos corredores do convento, para elle sempre povoados de sombras e phantasmas dos irmãos mortos.

“— Então, ponderou frei Justino, fique Você velando o corpo, enquanto eu vou beber agua e trazel-a para Você.

“— Peior! protestou frei Patricio. Só com o defuncto é que eu não fico! concluiu, com o pavor estampado nas feições, chegando-se mais para junto do companheiro.

“Frei Justino procurou em vão convencel-o; porém, como era cada vez mais ardente a sêde que o torturava, teve um dos seus assomos e revoltas contra as crendices e superstições dos timidos e dos medrosos, e declarou:

“— Bem: eu vou...

“— E eu vou com Você! afirmou frei Patricio com desespero.

“— Não podemos fazer isso, deixar só o cadaver de nosso irmão. E' contra a nossa regra e disciplina, e eu farei ver á comunidade a sua culpa e grande impiedade.

“Ainda discutiram por alguns minutos, em que frei Justino, ora persuadindo, ora ameaçando o companheiro, conseguiu demovel-o de seu proposito, e o *Medroso* preferio, na contingencia da escolha que lhe era imposta, ir buscar agua a ficar só e fazer companhia ao morto naquella pavorosa solidão. Fez das fraquezas forças, e partio pelo silencio da noite e escuridão dos estenos corredores e claustros, estremecendo de medo ao ruido e ao eco de seus proprios passos, sempre receioso que uma sombra funerea o acomettesse e subjugasse.

“Frei Justino estava só em frente do ataúde. Contemplou por alguns instantes o corpo inanimado de frei Amaro,olveu o olhar para a porta por onde se sumira o vulto vacillante de frei Patricio, e voltou a ler o breviario.

“Suspendeu sem demora a oração, pousou sobre a perna a mão que segurava o livro, deixou-a immovel por momentos, novamente lançou as vistas sobre o cadaver, e um ligeiro sorriso lhe agitou os labios, denunciando a idéa travessa de pregar um formidavel susto ao *Medroso* e rir-se á sua custa e de seus ridiculos pavores: — trocar de lugares com o defunto.

“E do pensamento passou prompto á execução. Pegou no corpo, retirou-o do caixão, sentou-o na cadeira que occupava, com dificuldade poude caommendar-lhe a rigidez cadaverica, metteu-lhe entre os dedos hirtos o livro de orações, deixou a cabeça pendente sobre o peito, apoiando-se no mento, dando a illusão de que o morto estava adormecido. Em seguida deitou-se no ataúde, cruzou as mãos sobre o peito, depois de ter coberto o rosto com o proprio capuz, de modo que o companheiro ao chegar não percebesse o embuste e a troca, e aguardou que o outro frade voltasse.

"Em breve este chegou, offegante, assustado, trazendo um cantaro cheio de agua fresca, que pousou junto á cadeira onde julgava sentar-se frei Justino; e na perturbação em que estava e na meia escuridão que os quatro cirios mal e escassamente atenuavam, nada notou de anormal.

"— Ahi tem, Justino, a agua: beba, que eu já bebi.

"Sentou-se no seu logar; e notando a immobilidade do companheiro de vigilia, disse-lhe com temor:

"— Está dormindo? Accorde!...

"Abrio o breviario e ia começar a leitura quando Justino se mexeu dentro do ataúde. Frei Patricio estremeceu, e olhando espantado para o frade que lhe estava em frente, disse com angustia:

"— Reparou, Justino? Parece que o morto se mexeu?!...

"Suas palavras perderam-se no pesado silencio da madrugada, e ainda elle não voltára a si do assombro, quando no caixão-mortuario o vulto que se achava-lá, e que elle suppunha ser o irmão morto, abrio os braços e os estendeu em cruz sobre as bordas do esquife. O frade, num pavor sem nome, bradou numa voz agoniada de indizivel terror:

"— Justino! Accorde! Você não está vendo?!

"O frade defunto continuou na sua impassibilidade, enquanto frei Justino no ataúde encolhia uma perna.

"— Justino! bradou o *Medroso* fóra de si. Accorde, homem! O morto quer se levantar!... Pelo amor de Deus, accorde, homem!...

"Novamente o fingido finado encolheu a outra perna, ao mesmo tempo que frei Patricio se erguia louco de pavor para se agarrar a frei da Purificação, que elle julgava dormir, e nelle procurar apoio e protecção contra as investidas do defunto.

"Frei Justino a custo continha o riso alacre e zombeteiro; e num ultimo movimento levantou a cabeça, como se quizesse sentar-se e saltar do esquife. Frei Patricio das Chagas, desorientado, num impulso instinctivo de covardia e de conservação, procurou na fuga ver-se livre daquelle lugar de terror e de amarguras para elle, e partiu n'uma desabalada carreira, ás tontas, para pedir socorro ou refugiar-se na sua cella contra aquelles duendes e mortos que o assaltavam e o queriam anniullar. Acto continuo frei Justino pulou do caixão e correu atraz do *Medroso* para lhe causar maior pavor, procurando agarral-o, rir-se de seus terrores e trazel-o de novo á velação em coninium. O medo, porém, dava verdadeiras azas ao espavorido frade, que o outro não podia alcançar.

“Mas em breve o terror apoderou-se tambem do animoso frei Justino, que ouvindo pezado tropel atraz de si, voltou-se num instante e vio que corria para elle o frade defundo, trazendo na mão um objecto que elle não poude distinguir o que fôsse, e que o morto agitava como se delle quizesse fazer um dardo e arremessal-o contra alguem, para ferir e abater.

“Aquella desenfreada carreira atravez de extensos corredores e claustros, em que vultos desorientados pareciam buscar um esconderijo em que se occultassem, ou se abrigassem contra aquella pavorosa obsessão, aquella medonha visão, dando reflexos fugazes de phantasmas, continuava incerta, sem fim, agitada, como se percorressem um circulo de que não pudesse sahir nem se livrar. Galgaram aos saltos, em largas pernadas, a quatro e quatro, os degraos que conduziam ás cellas, atravessaram o côro, penetraram no claustro annexo á biblioteca para ganhar a ampla varanda que dava para os cubiculos, quando frei Patricio das Chagas, exhausto de forças e de animo, tropeço e sem governo de si mesmo, cahic pesadamente sem sentidos junto á porta de communicação. Quasi sobre elle tambem se abatia frei Justino da Purificação, dominado pelo mesmo pavor, ao mesmo tempo que um terceiro corpo baqueava com fragor sobre o soalho, tendo antes arremessado contra os frades fugitivos e aterrados a caldeirinha de cobre com agua benta com que pouco antes lhe aspergiram o rígido corpo após as orações do ritual pelos mortos. Ouvio o frade ainda uma pancada secca e forte na parede, ao mesmo tempo que uma voz terrivel e irada, na imprecação de uma revolta, bradava colérica e vingadora:

“— Com morto não se brinca!...”

*
* *

Todos os circumstantes tinham ouvido no mais profundo e respeitoso silencio e recolhimento a narrativa do virtuoso sacerdote. Entre elles reinava um vago temor, como se os espantos e as attribulações do espavorido frei Patricio das Chagas se tivessem desdobrado sobre os que alli se achavam; e enquanto frei Pedro das Neves fazia uma pequena pausa na sua historia, os ouvintes se entreolharam, como se quizessem mutuamente se animar e encorajar. Houve alguns pallidos e timoratos sorrisos, e continuaram mudos, esperando que o frade terminasse a sua exposição.

“— No outro dia, continuou frei Pedro na mesma voz pausada e grave, quando a comunidade se foi reunir no corpo da igreja

para as primeiras orações matinaes, encontraram no claustro cahidos e desaccordados os dois monges e o corpo inanimado de frei Amaro, braço direito distendido ainda na colera do arremesso com que jogára sobre os vivos a caldeirinha de agua benta, que estava meio encravada na parede, em cuja alvenaria penetrara violentamente, deixando apenas o cabo fóra do reboco.

"Reanimados os dois frades, o imprudente frei Justino da Purificação contou como tudo se passára, a sua criminosa facécia, o seu desrespeito á magestade da morte e o terror que delle se apossára quando percebeu que em seu encalço alguém corria em perseguição, e que este era o irmão extinto. Confessou por inteiro a sua culpa e pedio que sobre elle cahissem os anathemas e os rigores disciplinares da Ordem, porque peccára perante Deus e desobedecéra aos preceitos que jurára cumprir e observar em toda a sua pureza.

"Perdoaram-no, porém, em attenção aos seus arrependimentos e á sua contricção, levando em conta os muitos serviços que elle sempre e convencidamente prestára á Fé e á Religião no seio da santa communidade. Desde esse dia, porém, outra foi a sua attitude no convento. Aquella terrivel commoção lhe abalára profundamente a fortaleza de animo, e dir-se-ia que uma quasi denuncia substituira aquelle espirito vivaz e energico, refractario ás idéas e concepções do sobrenatural. Passeava solitario, horas a fio no claustro, passando e repassando em frente á calderinha encrustada na parede; seus labios agitavam-se como se sussurrassem uma prece, porém, apenas repetiam num murmurio inintelligivel a phrase revoltada que o finado lhe atirára á desrespeitosa incredulidade:

"— Com mortos não se brinca!..."

"A caldeirinha lá ficou enterrada na parede. O superior do convento quiz retiral-a; foi, porém, em vão que para isso empregou todos os esforços: nenhum pedreiro a conseguiu abalar, nem sequer esburacando a parede onde ella estava solidamente encravada.

"— Deixemol-a ahi para exemplo e irrecusavel testemunha do memoravel e mysterioso acontecimento, decidiu o chefe da communidade, quando viu baldados todos os meios que usára para dali retirar a accusadora caldeirinha.

"Annos e annos, decadas sobre decadas se pasaram com o pequeno vaso de cobre enterrado na parede, ultimo e vibrante attestado e protesto da cólera de um morto. Por muito tempo vedou-se por completo á vista dos profanos o claustro denunciador da falta de fé de um dos irmãos da Ordem; proibição que foi por fim relaxada, a principio sómente para certas pessoas

gradas e de notoriedade, e que aos poucos foi se estendendo ao grosso publico.

"Meu pae, acrescentou frei Pedro, em dias de sua mocidade ainda vio a preciosa caldeirinha no mesmo lugar. Depois, concluiu o frade com secreta amargura, vieram as reformas, e como não poderiam os profanadores de nossas tradições retirar a calderinha da parede sem ser com a demolição total desta, mandaram fazer sobre ella um reparo de concreto, que a encobre e oculta, dando ao alinhamento da parede aquella feia, extravagante e desgraciosa e inexpressiva saliencia. Calou-se o bondoso monge. Olhou sorrindo affectuosamente para todos, e terminou:

— E' o que eu sei, meus filhos.

Arthur Mendes quiz esboçar uma allegação incredula com que disfarçasse a commoção e o abalo que lhe causára a narrativa de frei Pedro, e perguntando com mal velada timidez:

— Padre mestre... E é isso possivel?...

O sacerdote olhou para o medico com maguado semblante, e em voz calma e severa de uma branda censura, admoestou:

— Doutor! Imperscrutaveis são os designios de Deus, e infinitos os seus poderes!

Ergueu-se, olhou meiga e pausadamente para todos, como se os envolvesse numa benção paternal, e num meio sorriso de bondosa resignação e indulgencia, sentenciou:

— Com morto não se brinca!...

*
* *

Escurecia.

O virtuoso frade, em passos lentos e firmes dirigio-se ao seu quarto e foi piedosamente rezar o seu breviario.

BIBLIOGRAPHIA

Carlos D. Fernandes — *A RENEGADA* — Ed. Monteiro Lobato & Cia. (*Collecção Brasilia*) — São Paulo — 1922.

"A moral suppõe que a moralidade não existe. O senso esthetic excluder a moral porque realisa a moralidade. Não ordena renuncia alguma, porém, ao contrario, offerece ao egoismo daquelle em que se desenvolve uma fruição immediata mais forte que aquella com que o senso possessivo poderia gratifical-o". Ora, achando-se a nossa civilisação ameaçada, ha meio seculo, pelo excesso crescente dos instictos possessivos e sendo impotente a moral para moderar os, resta para conjurar o perigo o senso esthetic.

O sr. J. Gaultier, que escreve no "Mercure de France" não teria justificado melhor, si o pretendesse, o romance do sr. Carlos D. Fernandes. "A Renegada" deve ter-se fundamentado nesses principios. Falta-lhe moral, que, aliás, não se lhe exigiria. Mas falta-lhe aos personagens, à trama, aos episódios qualquer moralidade. As páginas principaes do livro são as que descrevem os actos mais baixos da animalidade. Os seus typos são os que de todo perderam, o senso moral e — o que é peior — o senso esthetic da vida. E' um romance "realista" no velho sentido do termo.

Mas como pôde o espirito culto e fino de Carlos Fernandes comprazer-se em tão rebarbativa pornografia?

Decerto, convicto da missão social da sua esthetic... Si o senso esthetic offerece um goso maior

que o senso da posse, si a imagem é um começo de inhibição e, sobretudo, si a esthetic realisa sempre a moralidade, mesmo á força de todas as immoralidades, benemerito seria o seu trabalho, pois, pouparia á realisação muito desejo torpe, só com satisfazel-os por imagem. Obra meritória, portanto, a sua...

Carlos D. Fernandes — *OS CANGACEIROS* — (*Collecção Brasilia*) — Monteiro Lobato & Cia. — S. Paulo — 1922.

O auctor d' "A renegada", espirito maleavel, querido no verso e na prosa, principalmente no Norte do paiz, é tambem auctor d' "Os Cangaceiros", lindo romance popular editado na "Collecção Brasilia", de Monteiro Lobato & Cia.

Neste livro Carlos Dias Fernandes conta, em paginas sacudidas de bom entusiasmo, a vida heroica dos sertanejos do Nordeste, no mousrejar da vaquejada, nas longas incursões por leguas e leguas de sertão, nos transes da climatologia local, em todas as suas feições, enfim. Muitos dos seus episódios lembram páginas euclidianas, no appolino dos heróes, no vigor das scenas, na nervatura mascula dos feitos. E' um legitimo romance de costumes, cheio de dramaticidade, de pintura local e bons typos.

Na "Collecção Brasilia", destinada a um grande publico, avido de emoções, "Os Cangaceiros" é um dos livros mais interessantes e de maior sucesso que ella conta.

Catullo Cearense — POEMAS BRAVIOS — Castilho — Rio — 1921.

Catullo reaffirma-se neste volume o poeta racial que elle é. Poeta cyclico, o poeta brasileiro por excellencia. Nós, contemporaneos, inda não demos o devido valor ao grande rhapsodo, que é maximo e que é unico. Muito proximos do quadro a nossa visão soffre a tontura inevitável; mais tarde, porém, Catullo será reconhecido como força da natureza. Porque elle é a voz do Brasil, o Brasil interior, ingenuo e miserável, que soffre com infinita resignação e moureja no trabalho, de sol a sol, doente e roto, para que a parasitalha das capitaes rôle em autos com as fracezas e digira *champignons* em palacetes de luxo.

Os poemas de Catullo são sempre uma interpellação do caboclo rude ao doutor. "Sêo dotô..." E' esse o parasita que róe o pobre Jéca, que o róe mais que o ancylostomo — que o mantem na miseria, extorquindo-lhe todo o producto do seu trabalho e que o mantem na ignorância, protelando indefinidamente a sua alphabetisação. Esse homem rude que nunca poude accumular dez vintens de seu — o fisco, isto é, o "dotô" não o permite — só se queixava com meiga ironia pelas cordas da viola e essa voz morria entre elles, lá pelos desertos do serrão. Mas surgiu Catullo, como um vingador, e todas as vozes ciciadas se fizeram num feixe unico, genial, formidoso, que na capital do paiz, nesse gigantesco foco do parasitismo sem entranhas, resôa sob uma forma poetica de assombroso vigor, como voz de propheta biblico. Catullo não é um homem — é o Brasil, descontado o doutor. Não cabe aqui mais que uma simples noticia deste seu ultimo livro, mas a "Revista" breve dará um estudo completo sobre elle, reivindicando para elle o lugar que lhe compete de poeta maximo e unico — o Poeta que já nasceu nas plagas brasiliicas.

Benjamim Costallat — MUTT, JEFF & CIA. — Ed. Leite Ribeiro — Rio — 1922.

Benjamim Costallat é um dos expoentes novos do Rio mental. Apparecido ha pouco, como critico de arte e musica, si não nos enganamos, em breve as suas chronicas vivas, scintillantes, cheias de verve, avassallaram a imprensa carioca aqui e alli, vivazes, saltitantes, cheias de imprevisto. Logo a seguir, já não são simples chronicas: são contos e novelas em que o auctor nos diz o inaudito das almas e das vidas, como um tragico para quem as visões do mundo sempre têm um traço fundo de dor...

"Mutt, Jeff & Cia" é um livro assim, como o indica o titulo em toda a sua originalidade, com uma ponta de cabotinismo muito Avenida. São contos ou são chronicas? E' difficult a resposta. Costallat está sempre entre os dois generos, um pouco de um, um pouco de outro.

Clovis Ribeiro — O CODIGO COMMERCIAL BRASILEIRO — Ed. Monteiro Lobato & Cia.

A redacção da "Revista de Commercio e Industria", sob a direcção do sr. dr. Clovis Ribeiro, organizou um trabalho de grande utilidade: "O codigo commercial brasileiro" tal como está em vigor actualmente.

O auctor do volume, pode-se dizer, não fez menos que produzir o codigo commercial, que na verdade, não existia. Dava-se esse nome, não a um conjunto ordenado de disposições de direito, mas á massa dispersa de leis e disposições de varia natureza, que regulam a vida commercial no paiz. E', pois, um trabalho valioso, que prestará magnificos serviços, pondo ao alcance de todos a nossa legislação commercial, escoimada de dispositivos revogados.

Colher um material copiosissimo em fontes de toda especie, coodenal-o, cortar o inutil, aproveitar só o que importa e tudo o que importa, tal foi o trabalho feito. Notas explicativas dos textos obscuros e controvertidos, opiniões e commentarios illustram o volume.

Precede "O codigo commercial" um diccionario dos termos technicos do Direito Commercial e de um indice alphabetic e remissivo.

Torna-se, pois, com esses annexos, uma obra de facil manuseio, com as informações sempre promptas, que podem ser procuradas por varias maneiras, o que lhe dá a maior importancia practica.

O volume cartonado, excellente mente impresso, foi editado por Monteiro Lobato & Cia.

*Monteiro Lobato — FABULAS
— Ed. Monteiro Lobato & Cia.
— São Paulo — 1922.*

Das "Fabulas", postas em edição-album, pelo ultimo Natal, foi tirada uma edição escolar, accrescida de muita materia nova e sempre illustrada com as magnificas silhuetas de Voltolino.

A obra é aprovada pela Directoria da Instrucção Publica de São Paulo, para uso das escolas. Preenche, pois, os fins a que se destina: — pôr ao alcance das creanças, em prosa vulgar, o farto material educativo, que se encontra concentrado nas fabulas, desde os gregos a La fontaine, cujas traducções em verso não estão á altura da comprehensão infantil.

Antonio Souza — HYGIENE VETERINARIA — Ed. Monteiro Lobato & Cia. — S. Paulo — 1922.

Entre as edições de Monteiro Lobato & Cia., quasi todas de literatura, apparece um livro marcado pela sua feição utilitaria, que muito o recommenda ás nossas classes agrocolas: — "Hygiene Veterinaria".

Este livro preenche uma lacuna.

A veterinaria, entregue no Brasil a alguns matutos benzedores e mandingueiros, por isso mesmo muito apreciados mas tambem muito nocivos, passa agora desse grosseiro empirismo para uma phase experimental seria, ao alcance de todos os que sabem lêr.

Devem os creadores nacionaes esse serviço ao dr. Antonio Souza, medico veterinario do exercito.

O livro traz o seguinte sumario, além de um indice detalhado, que o torna facilmente manuseavel:

Hygiene do cavallo, invernadas, cavallariças, alimentação, anatomia do pé, ferraduras, treino para corridas e trabalho militar, hygiene do boi, conservação dos rebanhos, reprodução, pastagens, berne, carri patos, engorda, exploração do leite, estabulos, curraes, potreiros, alimentação, desinfectantes, etc.

O trabalho typographico, que nada deixa a desejar, é da Sociedade E. Olegario Ribeiro.

Castro Lima — MADRUGADA — Ed. Alberto Silvares & C. — Rio — 1921.

"Madrugada" é decerto um livro de estreia e como tal cheio de promessas. Castro Lima revela qualidades apreciaveis, que um dia ha de melhor patentar.

Sua orientação é ainda incerta: apresenta o livro em versos livres e realisa-o em versos propriamente ditos. Estes carecem ainda de certo apuro, resentindo-se da falta de espontaneidade e naturalidade. Aquelles, por seu lado, escriptos em linha, seriam prosa talvez.

RECEBEMOS:

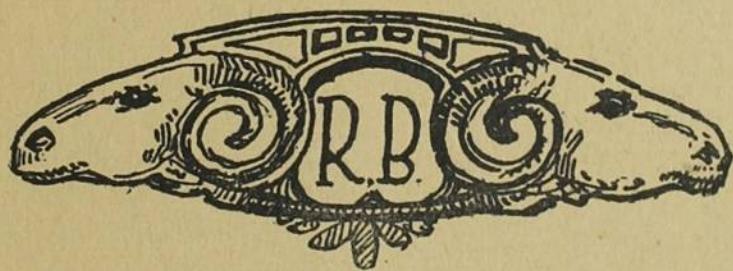
O feiticeiro, romance de Xavier Marques, da Academia Brasileira, ed. Leite Ribeiro, Rio, 1922.

A lampada velada, versos de Hermes Fontes, ed. Livraria F. Alves, Rio, 1922.

Historia de João Crispim, romance de Enéas Ferraz, ed. Livraria Schettino, Rio, 1922.

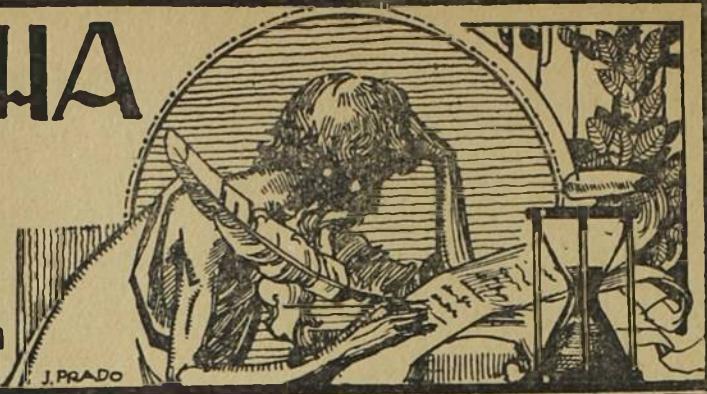
A Chimica da Vida, ensaios philosophicos de Osorio Cesar, ed. Vieira dos Santos & Cia., São Paulo, 1922.

- Allocuções*, de Alcantara Machado, ed. Casa Mayençá, São Paulo, 1922.
- Saudades*, elogios funebres de Manfredo Leite, ed. "O Livro", São Paulo, 1922.
- Rincão*, scenas da vida gaúcha, de Roque Callage, ed. Livraria Brasil, Porto Alegre, 1921.
- Poivre et Sel*, poesias de L. Prado, Porto, 1921.
- Escombros Floridos*, poemas de Onestaldo de Pennafort, Rio, 1921.
- El himno de mi trabajo*, poesias de Ernesto Maria Barreda, Buenos Aires, 1921.
- La canción del deportado*, poesias de Alberto Ghiraldo, ed. Fernando Fe, Madrid, 1921.
- Relatorio da Sociedade Philatélica Paulista e Catalogo histórico dos sellos typos do Brasil*, S. Paulo, 1921.
- Les mots en liberté futuristes*, de F. T. Marinetti, ed. "Poesia", Milano.
- Marinetti, l'uomo e l'artista*, por Settimelli, ed. "Poesia", Milano, 1921.
- La Revue de Geneve*, de Genebra, Suissa.
- L'Europe Nouvelle*, de Paris.
- La Revista Mondiale*, de Paris.
- Mercure de France*, de Paris.
- Nosotros*, de Buenos Aires.
- Revista de Filosofia*, de Buenos Aires.
- Journal des Debats*, suplemento hebdomadario, de Paris.
- Revue Bleu*, de Paris.
- Revue Scientific*, de Paris.
- La France Nouvelle*, de Paris.
- La Grande Revue*, de Paris.
- Anales de Instrucción Primaria*, de Montevideo.
- Típografo y Litografo Aleman*, de Berlin, edição hespanhola.
- Caras y Caretas*, de Buenos Aires.
- Revue Hebdomadaire*, de Paris.
- Revista Nacional*, de São Paulo.
- America Brasileira*, do Rio.
- Nueva Era*, de Buenos Aires.
- Musica de America*, de Buenos Aires.
- Revista do Centro Matogrossense de Letras*, de Cuiabá.
- Revista Odontologica Brasileira*, de São Paulo.
- Revista da Escola Normal de S. Carlos*, São Paulo.
- D. Quixote*, do Rio de Janeiro.
- A Estrada de Rodagem*, São Paulo.
- Il Pasquino Coloniale*, São Paulo.
- A Reacção Republicana*, do Rio.
- Revue de l'Amérique Latine*, Paris.
- Revista de Cultura Religiosa*, de Campinas.
- O Itiberê*, de Curityba.
- Inter-America*, de Nova York.
- Vida Doméstica*, do Rio.
- A "Revue Hebdomadaire" offereceu aos seus assignantes, com o 4.º numero deste anno, o seu primeiro supplemento theatrical, a ser publicado mensalmente: "Mademoiselle Pascal", (Odeon, 1920) por Martial-Piéchaud. O supplemento conterá ao menos uma peça por mez. Nos proximos numeros, Henri Duvernois, Sacha Guitry, Paul Géraldy, Gabriel Migond, etc. Anno, 52 fr. 8 rue Garancière, Paris.



RESENHA DO. MEZ

J. PRADO



ORIGENS PASTORIS DA DEMOCRA- CIA RIO-GRANDENSE

I

O gaúcho é, socialmente, um producto do pampa, como, politicamente, é um producto da guerra. E' tão impossivel comprehender a mentalidade politica do gaúcho sem levar em conta a sua educação guerreira, como é impossivel explicar a sua mentalidade civil sem fazer intervir as influencias mezologicas do pastoreio nas savanas. Em nenhum dos grupos regionaes, em que se divide o nosso povo, revelam-se mais visiveis as reacções do ambiente physico. Em nenhum os agentes anthropogeographicos parecem exercer mais intensa e profundamente a sua acção modeladora.

Entre os pastores rio-grandenses ha, por exemplo, uma tradição, cuja genese só é possivel no pampa e que de modo algum poderia surgir entre os grupos de base agricola do centro-sul, ou entre os grupos de base pastoril dos sertões do norte. E' essa tradição de igualdade e familiaridade entre patrões e servidores, essa interpenetração das duas classes rurales, a alta e a baixa, a senhorial e a servil, e que constitue, na sua intimidade, o espirito da democracia rio-grandense — "Só ahi, no pampa, diz um pensador gaúcho — a democracia, de ideal que é, se transforma em realidade; todos trabalham igualmente, desde o filho do estrangeiro ao ultimo peão, debaixo da maior alegria" (1).

O regimen pastoral do sul offerece este descremen, comparado com o das zonas sertanejas e com o regimen agricola do centro-sul: eleva o servo e approxima-o do senhor.

No norte e no centro-sul, a classe que trabalha, ou nos afazeres do pastorejo, ou nos serviços das lavouras, não entra em contacto com a classe superior. Della está separada por um vallo intransponivel, que tem a sua origem no preconceito da servilidade que envolve qualquer trabalho

(1) Alfredo Varella, "Historia do Rio Grande".

rural. O senhor rural não desce nunca a laborar ao lado do servo: esta familiaridade seria aos seus olhos degradante.

O estancieiro, ao contrario, não se vexa de praticar, ou mandar que pratique o seu filho, o trabalho pastoral nos "rodeios", nas "carneagens", nas "pialagens", nas "férras". Em nada elle se diminue com essa camaradagem com os seus serviços nos trabalhos da estancia. Entre elle e os seus subordinados não ha a "distancia", que o fazendeiro do centro, senhor do engenho ou de latifundio cafêeiro, põe entre elle e os seus servidores, entre elle e os seus vizinhos da classe inferior. O estancieiro é democrata, amigo, acolhedor; trata os seus capatazes e peões com um ar de familiaridade, sem que esta familiaridade enfraqueça o respeito e a ascendencia proprias da sua posição. Os laços da clientela se fazem de amizade, mesclada, ás vezes, de admiração militar.

Nas fazendas do centro esses laços tambem se formam de amizade e mesmo de intimidade entre patrão e cliente; mas sente-se que ha, mais ou menos accentuado, um traço de servilidade ou espirito gregario no apoio deste áquelle. Os estancieiros do sul, nas suas relações com a gente do seu clan, mostram-se familiares e camaradas; os fazendeiros e servidores do engenho do centro são mais reservados, mais altaneiros, mais orgulhosos, mais autoritarios, mais emphaticos, mais "senhores", em summa.

II

Essas variações regionaes da nossa mentalidade collectiva são uma resultante das diversidades mezologicas, dentro das quaes se opera o trabalho rural em nosso povo.

No centro-sul e na faixa costeira, onde domina a lavra dos canaviaes, o trabalho agricola sempre se revestiu de um caracter servil: sobre o indio, primeiro, e, depois, sobre o negro, recahiram, desde os primeiros dias da colonisação, as durezas do labor agricola. Este foi sempre incumbencia das raças interiores e servis; porque, pela sua rusticidade, é incompatible com o relativamente pequeno vigor

physico das classes superiores, mais delicadas, mais finas, mais cerebraes, mais intellectualizadas, cuja energia biologica se dispende principalmente nas actividades superiores da vida affectiva e espiritual. Dahi o sentimento, tão vivaz nos senhores de engenho, da diferença, não apenas social mas moral, mas mesmo physica existente entre elle e o lavrador, entre elle e o homem que maneja os rusticos instrumentos da cultura: o machado, a foice, a enxada.

O orgulho aristocratico do grande proprietario, esse sentimento particular de inconfundibilidade e "distanzia", entre a classe dos senhores e a classe dos servos, resulta das condições mesmas, em que se exerce a actividade económica de uma e de outra. Nas nossas zonas do centro-sul, em que o trabalho dominante é a cultura da terra, o velho sentimento romano da dignidade do labor agricola não se pôde formar. Nunca pudemos dizer de nós o que de Roma primitiva disse Plínio — de que as terras eram lavradas pelas mãos dos proprios generaes e os arados eram guiados por lavradores oroados de louros: "Ipsorum tunc manibus imperatorum colebantur agri; ut fas est credere, gaudente terra vomere laureato et triumphali aratore".

Nos sertões do norte, onde o trabalho dominante é o pastoreio nas caatingas, os serviços ruraes, pela sua extrema rudeza e violencia, geram tambem essa incompatibilidade entre as duas classes e tornam impossivel a sua commixtão. O campeador das caatingas, o vaqueiro do São Francisco ou do Parnahyba, ao contrario do seu irmão do sul, trabalha dentro de um meio hostil e repulsivo. Envolve-o, não a savana distensa até ao infinito na sua horizontalidade, mas uma flora arbustiva, uma vegetação de carrasques revoltos, entoceirados, as bromelias hispidas, emaranhadas de cipós espinescentes, onde elle sómente penetra depois de vestido na sua armadura de couro, como um lidador medieval na sua cota de malha. Sobre essa espessura resistente, impenetravel e hostil de cardos, de bronielias, de espinhos, elle se arremessa, abajado sobre o cavallo e confundido com elle, na pista no touro esquivo, porque "por onde passa o touro passa o vaqueiro em o seu cavallo" (2).

Não tem o vaqueiro diante de si a campanha aberta e livre, como o campeador do sul; mas clareiras, mas caminhos, mas trilhos apenas. Não tem, em regra, uma manada, que elle procura ajuntar com o seu cavallo, como no pampa o gaúcho ao voltear suas pontas de gado; e sim, um touro em corrida bravia pelo amago aggressivo das caatingas. Para domal-o, elle teve que criar, numa adaptação genial ao seu ambiente específico, um metodo proprio, de uma temeridade assombrosa; pega-o á mão, pela acção da pura

(2) Euclides da Cunha, "Os Sertões", pag. 117.

força muscular. E' que, devido ao emaranhado das caatingas, aos seus pastos de vegetação arbustiva falta-lhe quasi sempre o espaço, ao contrario do gaúcho, para os largos movimentos do laço, do pialo ou das boliadeiras.

E' arduo, pois, é duro, brutal o trabalho nas estancias do norte. O vaqueiro luta, a um tempo, com a natureza e com a fera — e vence uma e outra pela sua intrepidez physica, pela sua tempora de ferro, pela sua força muscular, pelo seu absoluto desapêgo á propria vida.

Estas condições, tão particulares do pastoreio sertanejo afastam logicamente da sua practica a classe superior. Não porque haja nelle esse traço servil, que é proprio, entre nós, ao labor agricola: apezar da sua formidavel rusticidade, o serviço pastoral no sertão dá ao homem, como o do pampa, essa nobreza que em todos os tempos acompanha o cavallero. Ha nelle, porém, uma extrema rudeza, que só organismos longamente treinados são capazes de affrontar. Dessa necessidade de treinagem e especialisaçao, e da selecção profissional consequente, resulta, nos sertões, um typo social — o vaqueiro — inteiramente distincto dos demais. Entre elle e a classe superior é impossivel a commixtão.

III

Nas savanas do sul, as fainas do pastoreio offerecem uma feição inteiramente opposta. O pampa, com a sua amplitude, o seu desafogo, a sua horizontalidade, com a sua vegetação graminosa, faz do trabalho pastoril um verdadeiro sport. O campeador gaúcho não está diante do animal e da natureza como o pastoreador dos sertões. Em vez da caatinga bravia e repulsiva, a planicie mansa e carinhosa, illimitada, propria para as disparadas velozes ou as evoluções graciosas. Não ha alli, como nas mattas ou nos sertões, "montanhas que impeçam as comunicações; não ha rios invadeaveis; não ha desertos. Pelo contrario, os naturaes percorrem o paiz, em todos os sentidos, quasi até ha pouco, sem necessitar estradas feitas pela mão do homem. Em alguns pontos, nada perturba a visão: o terreno se desdobra liso como um manso lençol de agua" (3).

Essa planicie, assim desabrigada e livre, é para o campeador do sul uma suggestão alliciante, um convite irresistivel para o movimento, para as correrias, para as disparadas ao largo dos taboleiros. Marchando para as rechás, em busca das manadas, é como se caminhassem para a gloria de um torneio; vão a galope, como um clan de centauros, estrepitosos e comunicativos: proferindo palavrões cabeludos; rindo; gritando. Diante da alimaria, a sua attitude é muito diferente da dos homens do sertão: enfrentam-n'a para vencel-a pela agilidade com que manobram os seus cavallos, pela segurança com que

(3) Alfredo Varella, ob. cit.

meneiam as espiraes dos seus laços ou o jogo das suas boliadeiras; e dominam-n'a pela sua arte, e não pela sua força, pela sua destreza physica e não pela sua energia muscular.

Nessas evoluções pela campanha em torno das manadas, ao preparar-se para pialar uma rez, ou bolar um boqual alçado, ou fazer voltar uma ponta de gado, o gaúcho não parece um trabalhador grosseiro; tem o garbo, a elegancia, a emphase de um toureador na sua arena. Nestes momentos, elle é, no fundo, como o toureador, um artista, mas um artista inconsciente, que practica um sport rustico, em que as exigencias de destreza physica e habitual não são menores que as de sagacidade e intelligencia.

Essa feição, a um tempo esthetica e sportiva, do pastoreio no pampa faz delle um prazer e uma festa, e não uma provação, como o pastoreio nos sertões. O gaúcho o practica no meio de uma alegria ruidosa. Muito da sua jovialidade caracteristica tem a sua raiz nesse aspecto festivo da sua labuta pastoril.

IV

Possuem, em summa, as nossas planicies do sul essa virtude especifica: fazendo das estancias uma escola de destreza e elegancia, de agilidade e intelligencia, tornam os varios trabalhos e serviços do pastoreio, tão rudes e brutalizadores nos sertões do norte, uma gymnastica ennobecedora, em cujos exercicios o homem não é levado a assumir nenhuma attitude servil. Praticam-n'a, por isso, sem repugnancia, nem desdouro, indistintamente, a gente da alta classe e a gente das classes inferiores, rudes peões, modestos capatazes ou estancieiros opulentos. Estes não se sentem "diminuidos", nem degradados em contacto com aquelles: misturam-se, ao contrario, "debaixo da maior alegria".

Dahi esses habitos de egualdade, que reinam entre patrões e servidores nas estancias do sul. Dahi esse espirito de democracia que tão largamente odmina a vida daquella população pastoral. Esse espirito de democracia nos vae explicar muitas singularidades da historia politica rio-grandense. Os attributos que, por exemplo, distinguem as bellas revoluções gauchas, em confronto com as do norte e as do centro-sul, encontram nelle a sua origem e fundamento (4).

Formados exclusivamente na immensidate das nossas savanas do extremo-sul, esses habitos democraticos e esses costumes de familiaridade e camaradagem e igualdade, que estabelecem a commixtão entre as suas classes ruraes, socialmente tão separadas e "distantes" no norte e no centro-sul, dão-nos uma bella prova de como as sociedades humanas se adaptam ao seu ambiente physico; pois são

(4) Populações Meridionaes do Brasil, I, pag. 337.

uma resultante immediata da propria molitura natural, em que se enquadrta quella populaçao de campeadores e soldados.

F. J. de Oliveira Vianna.

(Da "America Brasileira").

A MIRAGEM

Não sei se já atinastes com esta inversão de papeis: d. Quixote não fala mais o castelhano; pragueja em nossa lingua e, armado de catapultas, arremette contra céos e terra. Metteu-se na casca de alguns brasileiros e tem o pesadello de beligerancias formidaveis. Inimigos, quando não existem, elle os crêa; e onde rareiam donzellias ou viuvas malferidas, cujo patrocinio constitue a sua propria finalidade nos prélrios da Cavallaria, prosegue nuvens. Grita, gesticula, fura o espaço e, no final das contas, posto em campo deserto, leva a divina maluquice ao absurdo de tornar a simples pilheria dos seus devaneios um motivo de estranhezas: que nos compromettem.

A elucidação do thema allegórico é ociosa. Quem não percebeu, photographada ahi, a intriga de folicularios irrequietos que, de nossa parte, sonham o incendio do Prata numa guerra entre o Brasil e a Argentina? Ao certo, nenhuma autoridade se pode attribuir a esses Alexanderes de má nota, que fazem a tactica e a estrategia do seu objectivo belicoso através de revistas sem publico ou de jornaes sem patriotismo — pobres trincheiras rebentadas pela lama dos pau'és, antes que pelos *scraperells* das hostes adversarias. E, todavia, representam folhas impressas, cuja procedencia suspeitissima não estamos habilitados sempre a explicar ao estrangeiro que as surprehendem na propaganda tresloucada. Outras circunstancias, ainda, permitem a idéa de nos acharmos effectivamente visando um alvo para aggressões insolitas, excentricas em tudo aos nossos interesses, os nossos e os dos nossos vizinhos.

Uma guerra da Argentina com o Chile ou do Chile com o Perú, vá. As contingencias geographicas que espodem e esmagam o Chile entre o oceano e os Andes, mettido numa faixa de terra muito estreita, quasi impossibilitado de um respiadouro, determinam-lhe a necessidade existencial da expansão, além do *habitat* exiguo. Mas a Argentina, que se basta a si mesma, como o Brasil, que sobra de si proprio, prescinde, pelas condições historicas que assignalam a sua politica internacional, de quaesquer pruridos ou arreganhos imperialistas. O Brasil conseguiu a revisão perfeita, plena, integra das suas fronteiras. Dentro destas, depara-se-nos um mundo que não só não povoamos, nem utilizamos, mas que nos falta, ao menos, conhecer. Por outro lado, as nossas forças economicas, a causa nacional do nosso commercio, não collidem com as dos argentinos. A natureza, assim que

para nos assegurar a paz definitiva, proporcionou-nos, a nós e a elles, recursos diversos, animando, nas vantagens de permutes necessarias, um grande intercambio, que ha de ser um élo forte de solidariedade. Dest'arte, o simples bom senso fulmina a miseria da atoarda.

Servem de motte ás ameaças que se brandem ou ás concitações agressivas que se urdem as noticias do empenho da Argentina em torno dos problemas de defesa que a affectam. Então, a lança de d. Quixote torvellinha nos ares. Elle não quer que nos armemos, que nos organizemos, que nos prezemos, por importar isto num dever indeclinavel das nacionidades ciosas da soberania; quer que nos precipitemos, á ultima hora, com o alvorço das marchas batidas, em loucas demonstrações de efficiencia bellica, para revidar ao tranquillo espirito de metodo e ordem da vizinhança precavida. Esse aspecto do assumpto é que compunge. Da outra vez, ao tempo do barão do Rio Branco, o mesmo programma de copia fez com que nos fossem impingidos os dois *dreadnoughts*, em prejuizo da acquisição de outros elementos mais uteis ao poder naval do paiz. Ganhámos as immensas tartarugas que atravancam a bahia, perdendo a oportunidade de conquistar menos indiscretamente valores reaes de que a Marinha carecia e carece ainda. Depois, governos tocados de igual impatriotismo abandonaram, por sistema, os interesses verdadeiros da nossa defesa. Não se tratou de constituir o serviço de polícia litoranea no mar, e em terra, como as fronteiras do Rio Grande do Sul, todas as outras se mantiveram sem obras capazes de nos estabelecer uma situação de calma consciente e intrepida. São as circunstancias que, embora extremes de um plano preconcebido, autorizam suspeitas lá fóra. Citei o caso das fronteiras gauchas, onde nem sequer jamais cogitámos do problema decisivo das estradas estratégicas, ponto de partida para o resto. Agora, não obstante persistirmos no alheamento a construções estaveis, a missão francesa, que nos inverteu nas veias o sangue de D. Quixote, fixa alli sectores improvisados, dentro de hypotheses guerrreiras. Os extremos de Matto Grosso lembram aboizes impoliados, a que não chega a perturbar a solidão saharica o passo de soldados maltrapilhos, com seis e oito mezes de atraço de vencimentos e a fome na porta. Os do norte sabe Deus como andam. E por que não se vêem perigos ou não se descobrem necessidades de resguardo, aqui? Por que não generalizamos as medidas de organização, anunciadas, nestes dias, entre brados tonitroantes? A alma caudilhesca, desabusada e insidiosa, disposta sempre á aventura das *razziás*, não estará muito á quem do Prata, advertindo-nos que não só a guerra, mas as incursões dos bandos impunes quebram as linhas da integridade que nos convém manter a todo transe? Por que o resomno absoluto numa parte,

opposto ao delirio manifestado na outra, atrás de fantasmas e de avantesmas?

D. Quixote, falando o castelhano, figura bem, porque não fazia mal. Em portuguez de ruim quilate, torna-se sobremodo incommodo. Enjaulemol-o, pois. Que o marechal Calogeras aproveite as costellas do Rossinante e saia a espancar as ruvens. O Exercito brasileiro, inspirado no sentimento unanimo do nosso povo, esse, sim, fita os unicos inimigos da patria, que se encontram intra-muros, e cuja proscripção é ainda mais precisa á nossa paz interna, do que á nossa tranquillidade no continente.

Mario Rodrigues.

(Do "Correio da Manhã").

VARNHAGEN

Passou no dia 17 de fevereiro o 103.^o anniversario do nascimento do visconde de Porto Seguro, Francisco Adolpho de Varnhagen.

Varnhagen, que nasceu em Ipanema, em S. Paulo, a 17 de fevereiro de 1819, falleceu aos 59 annos, a 29 de junho de 1878, em Vienna da Austria, onde ocupava o cargo de ministro do Brasil.

No monte Araçoiaba, em Ipanema, no qual desejava Varnhagen ser sepultado, existe uma cruz de ferro fundido com estas inscripções:

Na frente do pedestal:

*A' memoria de Varnhagen
Visconde de Porto Seguro
nascido na terra fecunda descoberta por
Colombo.
Iniciado por seu pai nas coisas
grandes e utcis.
Estremeceu sua patria e escre-
veu-lhe a historia.
Sua alma immortal reune aqui todas
as suas recordações.*

Do lado opposto:

*Nasceu nesta fabrica
a 17 de fevereiro de 1819.
Falleceu
a 29 de junho de 1878 em
Vienna d'Austria
onde reposam seus restos
mortaes.*

Essa cruz e essas inscripções foram colocadas em 1882, pouco depois da morte do illustre historiador, graças ao piedoso zelo de sua viuva e em cumprimento a determinações expressas do proprio fíando.

Apesar dos desejos de Varnhagen, tão patriota e tão bairrista, que se proclamava, nos seus escriptos, á guiza de titulo honorifico, "paulista de Sorocaba", os seus restos continuam na capital austriaca.

Poucos annos antes do seu falecimento, estando no Brasil, foi Varnhagen a Ipanema visitar o seu berço natal.

Ainda ha poucos dias um collaborador de *O Paiz*, a proposito da installação da capital do paiz no planalto central do Brasil, registrava que "um homem, figura de evidente destaque no seu tempo e ainda hoje, Francisco Adolpho de Varnhagen, visconde de Porto Seguro, militar diplomado, historiador autorizado, diplomata brilhante, homem como aliás os que o antecederam na campanha mudantista, grandemente viajado, Varnhagen bateu-se com admiravel pertinacia durante toda a sua longa existencia pela mudança da capital do Rio, cidade então pestilenta e de clima tropical, para o planalto central. Não contente, Varnhagen, com escrever e aconselhar, quiz, como paulista que era, internar-se pelos sertões a dentro, e, com grande comitiva de mulas cagueiras, e mesmo carros de bois, lá se foi elle, já diplomata e entrado em annos, até o planalto central de Goyaz, bebeu a lympha cristalina da lagoa Formosa, subiu os Montes Pyrineus, sonhou lá de cima com um Brasil grande, irradiando dali, da séde do seu governo, o mais intelligente sistema viario que se possa desejar, reunindo-se ali, naquelle paraíso terreal de clima brando e salubre, a representação de povos cultos, tranquila, feliz e não mais apavorada, sobre-saltada, infeliz ante o espectro da febre amarela.

Porto Seguro, diplomata arguto, bem avaliara quanto havia de des prestigio para o Brasil no facto da representação diplomatica junto ao governo do seu paiz ter de residir longe deste! Mas os politicos da época, gente em via de regra de curtissima visão, não o quizeram comprehender; os ministros de Estado foram ouvidos a respeito, Varnhagen prelecionou, demonstrou á evidencia as vantagens e possibilidade de se levar a capital para o centro geographic do paiz, mas em pura perda do seu precioso tempo. Dos dirigentes publicos, nem sequer uma palavra a respeito. Para os discursadores de então a idéa profundamente patriotica de alcance transcendental era mera fantasia, sonho irrealizavel! Só a inacção era realidade para tal gente".

A obra que Varnhagen nos legou é volumosa e magnifica, sobrelevando os trabalhos de diplomacia, de critica, de viagens, de literatura e erudição, a *Historia Geral do Brasil*, em que evidenciou as suas qualidades de escriptor que abençou conhecimentos e os expoz á moda de Tacito.

A trasladação dos restos do visconde de Porto Seguro para repousar na terra patria, que tanto amou e dignificou, será obra de culto aos grandes homens deste admiravel paiz, que tanto carece de filhos dedicados á sua prosperidade e á sua grandeza.

BRASILIA

Aspiração mais que secular. — A nova capital da União

Segundo o decreto legislativo n. 4.494, de 18 de janeiro do corrente anno, publicado no "Diario Official" de 21 seguinte, vai ter enfim execução o art. 3.º, da Constituição Federal, que estatuiu:

"Fica pertencendo á União, no planalto central da Republica, uma zona de 14.400 kilometros quadrados, que será oportunamente demarcada, para nella estabelecer-se a futura Capital Federal.

Paragrapho unico. Effectuada a mudança da capital o actual Distrito Federal passará a constituir um Estado".

O mencionado recente decreto legislativo de 18 de janeiro, depois de reproduzir o prescripto no art. 3.º da Constituição e assignalar que os 14.400 kilometros quadrados na zona do planalto central já se acham devidamente medidos e demarcados, determina no art. 2.º:

"O Poder Executivo tomará as necessarias providencias praa que, no dia 7 de setembro de 1922, seja collocada no ponto mais apropriado da zona a que se refere o artigo anterior a pedra fundamental da futura cidade que será a Capital da União".

Dispõe mais no art. 3.º:

"O Poder Executivo mandará proceder a estudos do traçado mais conveniente para uma estrada de ferro que ligue a futura Capital Federal a logar com comunicação ferro-viaria para os portos do Rio de Janeiro e de Santos, bem como das bases ou do plano geral para a construção da cidade, comunicando ao Congresso Nacional, dentro de um anno da data deste decreto, os resultados que obtiver".

Para a execução do decreto ficou o governo auctorizado a abrir os creditos necessarios.

A medição e demarcação dos 14.400 kilometros quadrados do planalto central foi realizada em 1892 pela commissão chefiada pelo dr. Luiz Cruls, então director do Observatorio do Rio de Janeiro.

Sobre os trabalhos da commissão, publicou o dr. Luiz Cruls varios volumes, quaeas:

"— Relatorio parcial apresentado ao Ministro da Industria, Viação e Obras Publicas pelo chefe da Comissão Exploradora do planalto central do Brasil, com o mappa do Brasil indicando a zona demarcada para o futuro distrito e a do Salto de Itiqueira (1893);

— Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil. Relatorio apresentado a s. exc. o sr. Ministro da Industria, Viação e Obras Publicas, — grande volume de 365 paginas de duas columnas, contendo uma traduçao francesa do texto (1894);

— Atlas do itinerario, perfis longitudinaes e da zona demarcada (1894);

— Comissão de estudos da nova capital da União. Relatorio parcial, apresentado ao exmo. sr. dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, ministro da Industria, Viação e Obras Publicas, com varios desenhos e plantas (1896);

— Mudança da capital da União. Resposta ao dr. Domingos Jaguaribe (1896);

— Mudança da Capital Federal do Brasil. Replica (1856)".

Acha-se, pois, o governo perfeitamente habilitado a cumprir já o preceito constitucional, já o do decreto de 18 de janeiro.

Esse ultimo é aliás taxativo no ordenar que, a 7 de setembro proximo vindouro, se lance a pedra fundamental da nova cidade, bem como que, dentro de um anno, a contar da data do decreto, se envie ao Congresso o resultado dos estudos relativos á estrada de ferro comunicando a mesma cidade com os portos do Rio e de Santos e o das bases ou do plano geral para a construcção da futura Capital da União.

Terá assim decisivo começo de realidade uma aspiração mais do que secular, anterior á independencia do Brasil.

A 9 de outubro de 1821, formulou a Juncta de S. Paulo as instruções dadas aos deputados eleitos pela província ás Cortes Constituintes de Lisboa.

Essas instruções redigiu-as e assinou-as José Bonifacio, vice-presidente da Juncta.

Encerram idéas reveladoras da capacidade e descortino do patriarca da Independencia, como, por exemplo:

a) Fixação dos raios do Brasil com as nações vizinhas e das províncias entre si; b) leis para melhorar a sorte dos escravos e reduzir os indios á civilização; c) melhorar a instrução publica, estabelecendo academias na capital e escolas primarias por todo o paiz; d) fundação de uma Universidade numa cidade do interior, como S. Paulo; e) "criação de uma nova cidade central, para séde da regencia e dos tribunaes, em um local de bom clima no sertão, livre das ameaças e ataques a que estão expostas as cidades marítimas, e abertura de estradas que a ella conduzissem das diferentes províncias e portos de mar".

Eis o que indicava José Bonifacio, em nome da Juncta de São Paulo, a 9 de outubro de 1891, isto é, ha mais de cem annos!

Mais tarde, em 1823, ainda José Bonifacio, membro da Constituinte e já havendo deixado o ministerio, apresentou áquella assembléa duas memorias, uma relativa á civilização dos indios, outra acerca da conveniencia de ser transferida designadamente para a camara de Paracatú a capital do Imperio.

Narra o facto Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, na sua "Historia da Independencia do Brasil" — Varnhagen tão injustamente infenso aos Andradistas, e que assim se exprime sobre o assumpto (pag. 252):

"Como vimos, a idéa de se dever preferir a província de Minas para séde da

monarchia, indicada primeiro no "Correio Brasiliense" fôra já adoptada pela Juncta de S. Paulo, de que era vice-presidente o proprio José Bonifacio, nas instruções dadas aos deputados da província, e oferece tantas vantagens que estamos certos de que ha de triumphar, fazendo aqui votos que seja quanto antes."

E acrescenta, em nota á dita pag. 252: "Em prova da sinceridade das nossas convicções, cumpre-nos dizer que, por espontânea inspiração, nos ocorreu a mesma idéa propondo primeiro ("Epicos brasileiros" — 1846) S. João del Rei, e logo depois ("Memorial Organico" — 1849) uma paragem elevada de que pertem a um tempo aguas ao Amazonas, Prata e S. Francisco, grandes arterias do Brasil.

Só em 1851 soubemos pelo marquez de Valença que já Bonifacio pugnara pela mesma idéa, que douz annos depois encontramos consignada no "Correio Brasiliense".

Por conseguinte, antes da Independencia, Hypolito Pereira, no "Correio Brasiliense" e José Bonifacio, na Juncta de S. Paulo; depois da Independencia, de novo José Bonifacio, na Constituinte de 1823, Varnhagen, o nosso grande historiador, em varias ocasiões; a Constituinte Republicana de 1890 a 1891, que approvou a actual Constituição Federal; o decreto de 18 de janeiro de 1922, defendeu, consagraram, firmaram de modo inilludivel a idéa de mudar-se para o interior a capital do Brasil.

E' inadiável, é urgente que o governo cumpra agora o seu dever, levando a effeito a velha manifestação da vontade nacional.

Mas, nem Hypolito Pereira, nem José Bonifacio, nem Varnhagen, nem a Constituição vigente, nem o decreto de 18 de janeiro, ninguem, ao que nos conste, cogitou ainda do nome que se deva dar á nova capital.

Parece-nos que — "Brasilia" — será acertado.

Já existe nos diccionarios o adjectivo "brasilio", significando cousa referente ao Brasil.

Denominando-se — Brasilia — a nova capital da União indicar-se-á que ella será realmente relacionada com o Brasil inteiro, a expressão, o epitome genuino da patria brasileira.

"Brasilianos" chamar-se-ão os brasileiros que nella nascerem.

Ha com esse titulo — "Brasilianos" — bella collecção de versos do insigne Porto Alegre, barão do Santo Angelo, publicada em Vienna, 1863.

Permita Deus que Brasilia e os brasilianos forneçam materia á inspiração dos nossos vindouros maximos poetas, celebradores das glórias patrias.

Affonso Celso.

("Jornal do Brasil").

REHABILITAÇÃO DE CALIGULA

Homens cheios de orgulho, que vos julgaes maiores do que tudo quanto sobre a terra existe, como se fosseis a unica creaçao dignificadora da obra de Deus, meditae um pouco acerca do caso desses quadrupedes, que me proponho a vos contar, e dizei-me, com franqueza, se ao ouvirdes tal historia não sentis o ardente desejo de renunciar ao pretencioso titulo de *Homo sapiens*, com o qual vos baptissou o vosso irmão de vaidade o sabio Linneu. Eu, da minha parte, confesso, antes de proseguir, que toda a vã prosapia que me ensinaram nas escolas, quando estabeleceram para meu espirito a dichotomia do chamado reino animal, lividindo-o em entidades racionaes e irracionaes e limitando ao enfatudo autor das sciencias naturaes, que é o homem, o acceso, daquelle primeiro e nobre grupo da divisão; que toda a fumaça com que me encheram o peito os bipedes, meus semelhantes, se desfez, como o ogar derretido pelo sol, no dia em que soube da existencia desses cavallos e cães memoraveis, os quaes, com um pouco mais de applicação, lograriam matricula na Escola Central de Paris, de onde muitos cerebros movidos por dois pés têm sido rechassados.

Vejamos o primeiro desses phenomenos. Não ha muitos annos, conta Maeterlinck no seu livro — *L'hôte inconnu* — appareceu na Allemanha um individuo chamado Guilherme de Osten, convencido da intelligencia dos animaes, e que depois de uma tentativa pouco promissora conseguiu educar e ensinar as primeiras operaçoes mathematicas a um cavalo seu, ao qual déra o nome de Hans. E' este, segundo me consta, o primeiro caso de um cavalo racional. A noticia da sabedoria de Hans correu a Europa; duas commissões scientificas foram estudal-o sendo que da segunda vez certa doutor Pfungst, pertencente a um laboratorio de psychologia, em Berlim, destruiu toda a reputação de Hans, que ao seu ver nada sabia, limitando-se a obedecer aos signaes de seu dono "imperceptiveis, infinitesimaes e inconscientes", diz um narrador dessa historia. O facto, porém, é que Pfungst, desmoralizando o cavalo Hans, derrubou a crença na intelligencia dos animaes, e os solipedes, que se iam elevando aos olhos do homem, voltaram á classe dos irracionaes.

Mas a verdade tem o poder de renascer de suas proprias cinzas, e a fábula da Phenix resurgida queria certamente demonstrar que nenhum poder existe capaz de reduzir a pó o que é verdadeiro. Na propria Allemanha, onde Guilherme Osten fôra desmentido pelo orgulho da sciencia official, haveriam de nascer e crescer os celebres animaes-sabios, doutores de quatro pés: os cavallos de Elberfeld. Um rico joalheiro allemão, M. Krall, que herdára a Hans, o primeiro quadrupede calculador e victima da presumpção dos homens, conseguiu reabili-

litar o credito da intelligencia dos supostos irracionaes e o fez por maneira que todos que o procuraram sahiram persuadidos da sciencia mathematica de seus solipedes. Dois cavallos arabes, Muhamed e Zarif, realizaram prodigios como calculadores. Para que se tenha uma déa da reputação intellectual desses animaes, lembrei os nomes das personagens que testemunharam suas proezas mathematicas: dr. Edinger, neurologista em Frankfurt, professores Kraemer e Ziefler, de Stuttgart, dr. Paulo Sarasin, de Basilea, professor Ostwald, de Berlim, professor Besredka, do Instituto Pasteur de Paris, dr. Claparéde, da Universidade de Ge-nebra, professor Schoeller, professor Lehrke, de Berlim, professor Loldstein, de Darmstadt, professor von Buttelle-Rejen, de Oldenburgo, professor R. Assagioli, de Florença, dr. Hartkoff, de Colonia, dr. Frendenberg, de Bruxellas, dr. Ferri, de Bolonha, e finalmente o conhecido homem de letras Mauricio Maeterlinck. Toda essa gente viu e narra os verdadeiros prodigios dos cavallos de Krall, que para serem eguaes a nós — os animaes que pensamos — só faltam articular palavras.

Maeterlinck, no livro cuja leitura ditou a elaboração deste artigo, narra a comemoção, o verdadeiro choque que lhe causou o spectaculo dessa sabedoria cavalilar, embora della já tivesse conhecimento. A primeira manifestação da intelligencia de Muhamed para seu visitante foi a traducção de seu nome, na prosodia dos solipedes. O cavalo escreve servindo-se de suas patas deanteiras, que por meio de pancadas interpretam o alphabeto convencional que os observadores encontram em uma especie de taboa de Pythagoras, onde as letras são indicadas por pancadas da pata direita e da esquerda, que se associam formando combinações numericas diversas, segundo a letra que querem traduzir. O *n*, por exemplo, da palavra Maeterlinck, é expresso na linguagem cavallar por cinco pancadas da mão direita e uma da esquerda; o *a* por uma pancada da pata direita e duas da esquerda. Assim successivamente o animal vai escrevendo com uma rapidez que desorienta aquelles que acompanham seus movimentos, quando não familiarizados com elles. A celeridade desses movimentos deve ser referida porque denota, de maneira incontestavel, que os cavallos são senhores absolutos da sua technica de falar, tendo conseguido, graças á sua excellente memoria, guardar na retentiva a taboa convencional onde as letras do alphabeto correspondem a determinadas combinações de pancadas, dadas sucessivamente com a pata direita e a esquerda. A propria orthographia dos solipedes é curiosissima, denotando que seu cerebro registra, como o cerebro humano, a prosodia dos vocabulos; e pôde-se dizer que os cavallos empregam a mais phonetica das orthographies phoneticas, excluindo as consoantes que não sóam e sacrificando muitas vogaes quando o per-

mittam as consoantes que as precedem. Assim, quando o proprietário de Muhamed lhe pediu que escrevesse o nome de Maeterlinck, elle o fez como se o pronunciasse deformado pel prosodia allemã — Madrlink. Por mais que lhe ordenassem a mudança do *d* por um *t* não a quiz fazer o cavallo, tão convencido estava de que acertara.

Dos exercícios de linguagem passou Muhamed aos de mathematica, que são os que mais lhe agradam. Seu proprietário e educador escreveu varias raizes que o cavallo resolveu com presteza e exactidão. Krall, para ainda melhor convencer o escriptor belga, fel-o pessoalmente formular um problema para seu cavallo. Maeterlinck escreveu-o no quadro negro; mas Muhamed deante da questão arithmetica formulada pelo poeta permaneceu impassivel eolveu a olhar para outro ponto. Estava o intellectual belga convencido que havia embasbacado o pheno-meno, proclamando a sua fallibilidade, quando o commerciante Krall, melhor calculista do que o autor de *Pelleas e Melissande*, verificou, aliás menos rapidamente do que o cavallo, ter Maeterlinck exposto erradamente o seu problema, escrevendo com toda a humana em-pafia um numero primo do qual ninguem, nem o bipede Henrique Poincaré conseguira extrair a raiz quadrada inteira. Nessa altura da experienca em que se vê o animal irracional escarnecedo da ignorancia do *Homo sapiens*, é que a gente pôde avaliar quanto são frageis os argumentos que servem de base para a presumida superioridade do homem e sente tremer esse alicerce falacioso sobre o qual assenta a presumpção da nossa ascendencia intellectual. Um quadrupede, deante de dois especimens da especie que o classificára de irracional, sem poder socorrer-se da enganadora função da palavra, com um simples relance de olhos viu mais longe do que um commerciante, dado ao exercicio das operações arithmeticas, e do que um dos mais genuinos exemplares da humanidade contemporanea — Maeterlinck.

O caso desses solipedes não é o unico exemplo de animaes capazes de nos envergonharem. Outros existem, como por exemplo o cão de Manheim, com o qual conversou o professor William Mackenzie, perguntando-lhe o que era o outomno e obtendo a seguinte resposta: é o tempo das maçãs. O cachorro, além disso, distinguiu as cores vermelha e azul que aquelle professor lhe apresentara. Cães e cavallos estão dando provas de que foram muito precipitados os homens que scindiram a zoologia em duas metades, reservando para si a porção nobre e atirando para a banda dos irrationaes todos esses collegas do Muhamed que deu um quinão de mathematica no autor de *L'oiseau bleu*.

Meditando sobre o exemplo desses cavalos, que tão alto elevaram o nome da especie, ninguem pôde deixar de reconhecer que um bipede houve, séculos

atrás, entre cujas façanhas os seus semelhantes apontaram, como prova de sua insanía, o ter realçado o cavallo Incitatus á condição humana. Dando-lhe as honras de uma personagem, Caligula, ao contrario de seus collegas de especie, que vivem a proclamar os privilegios do *Homo sapiens*, deu mostra de diminuto orgulho e de uma liberalidade de sentimentos rara entre os bichos de dois pés. Maeterlinck conta que, ao contemplar as maravilhas da estrebaria de Elberfeld, sentiu a impressão do nivelamento entre os solipedes e o autor de Nonna Vanna. Mas muitos séculos antes delle, o condenado Caligula havia admittido um cavallo em sua mesa de refeições. Por isso, quando li as maravilhas dos cavalos de Elberfeld, lembrei-me do malsinado imperador romano...

Antonio Leão Velloso.

(Do "Correio da Manhã").

O PROBLEMA DA MULHER

Vamos ter uma representante na Conferencia Pan-Americana de Mulheres, promissor congresso de reivindicações femininas, a reunir-se brevemente em Washington.

Washington, sendo a capital do paiz do Movimento, da Força Motriz e do Milhão, é, comtudo, uma cidade pacata, onde os poderes constituidos da grande Republica americana, isolados, sem estarem em contacto directo com as paixões e as ambicões dos centros industriaes, deliberam serenamente, pensando na felicidade geral do mundo e em praticular na dos Estados Unidos.

Esse ambiente é propicio ás combinações internacionaes. Protegido por elle, o presidente Wilson ideou os seus famosos quatorze principios, de accordo com os quaes o mundo deveria ser reformado. E' certo que esses principios, transportados mais tarde para a França, onde se reunia a Conferencia da Paz, em nada influiram na reforma do mundo, feita pelo Tratado de Versalles; mas isso mesmo prova em favor da pureza do ar que se respira em Washington, pois os principios não vicejaram precisamente por causa do clima de Paris, que é a cidade classica das paixões collectivas, onde a humanidade costuma lavar-se em banhos de sangue, sempre que tem a alma fatigada de philosophia, de systemas e de sciencia social.

Washington está, assim, perfeitamente indicada para a cidade das conferencias. Basta dizer que a sua população 'representa a terça parte da do Rio de Janeiro, o que já é uma garantia de que os espíritos são calmos e as decisões ponderadas. Ainda agora, quando o universo, cansado das guerras, imaginou que poderia combinar, emfim, o suspirado desarmamento geral, foi em Washington que reuniu os representantes dos povos mais bellicosos da terra, para o esboço da obra da paz.

Receio, contudo, que Washington não possa influir no espirito das mulheres da Conferencia Pan-Americana, e a culpa não será ahi de Washington: será provavelmente das mulheres.

E' um veso dos chronistas pilheriar com o feminismo. Nós nos habituámos, pela tradição e pela educação, a considerar a mulher um ser irritável, que se 'em em casa para as necessidades communs da ternura e da reprodução, e que pertence mais ao domínio da physiologia do que ao da sociologia. Os compendios affirmam que o seu orgasmo é dominado pela função de multiplicar a especie e que os seus nervos se mostram tanto mais alterados quanto mais proximo é o instante em que ella reclama o multiplicador. Dahi a crença de que a essa função physiologica deve corresponder, no espirito da mulher, a missão unicamente de educar, de cercar o berço dos seus filhos de todos os cuidados da primeira infancia e de mais tarde acompanhar-lhes os passos, na vida, como uma especie de anjo da guarda, a mostrar-lhes o mal e o bem.

De sorte que, quando se formulam os problemas do feminismo, a imaginação quasi que mecanicamente reproduz o quadro das preciosas ridículas, de Molière — sem comprehender, está bem visto, a philosophia do immortal autor — e, por um processo de deturpação impossível de reprimir, o que vem á baila é a excentricidade da mulher apparecendo na sociedade não mais como o objecto do homem e sim como a deste concorrente. Essa situação dá lugar ás pilherias as mais diversas.

Comtudo, é indiscutivel que a hora de rir do feminismo já passou. As mulheres tornam-se divertidas, quando falam desse assumpto, mas isso acontece precisamente porque muitas dellas não sabem o que querem; sabem, porém, pelo instincto feminino, que devem querer alguma coisa.

Não ha quem não conheça no Rio uma certa professora Daltro, que tem chefiado partidos feministas de todos os generos. Essa professora candidatou-se, recentemente, a uma cadeira no Conselho Municipal. Perdeu a eleição, graças a Deus. Mas, antes de realizar-se o pleito, um jornalista perguntou-lhe pelo seu programma, e ella o deu a publicar. Tratava-se de um programma espantoso: a professora Daltro prometia que, mal entrasse para o Conselho Municipal, trataria de promover... a reforma do Código Civil. Esse plano era suprehendente, pois não se concebia que ella, na sua dupla qualidade de professora e de feminista, ignorasse que os conselhos municipaes não se ocupam de direito civil e são apenas assembléas administrativas. Seu instincto de mulher levava-a a acreditar que a felicidade estava na reforma do Código, mas a sua ignorância de feminista 'azia-a admittir que isso era materia capaz de ficar resolvida alli mesmo no Conselho Municipal, sob a presidencia do digno coronel Silva Brandão.

E' por isso que me quer parecer que a Conferencia Pan-Americanica de Mulheres ou alterará o ambiente de Washington ou a elle não se acclimatará, porque é mais do que provavel que das innumerias Republicas americanas sigam para lá outras tantas professoras Daltros, capazes de tornar o feminismo uma questão municipal. Não será este o caso do Brasil, se fôr confirmada a indicação da sra. Bertha Lutz para nossa representante; mas a hypothese nem por isso deixará de permanecer.

O problema da mulher parece accessivel ao ridiculo, porque muitas mulheres acham que o resolvem pleiteando os chamados direitos politicos. Ellas entendem que, podendo a mulher eleger e ser eleita, está tudo acabado. E' um erro inicial, sobre-tudo porque se põe nessa maneira de encarar a questão uma certa hostilidade ao homem. Os direitos politicos não são afirmações puras, mas apenas o instrumento, o meio, o processo em virtude de que se pôde constituir o verdadeiro direito. A mulher, se tem a capacidade para realizar a obra de suas proprias reivindicações, deve começar por dizer o que reivindica no domínio do direito puro. Os direitos politicos são accessorios e secundarios. Se a mulher depositasse tnicamente nelles a sua confiança, estaria perdida, porque as maiores subsistentes do homem a esmagariam.

Assim, a obra é de doutrina e não de pleito. Obtida pela mulher a chamada emancipação, tudo mais lhe virá, como corollario resultado, consequencia.

A bem dizer, essa emancipação já está comprehendida na capacidade civil da mulher. O que resta a fazer é tão sómente suprimir a exceção que a mulher casada offerece á regra geral. Mas essa propria exceção promana da concepção contratual do casamento.

Sabe-se que as leis civis de quasi todos os paizes distinguem entre as mulheres celibatarias, viuvas ou divorciadas, e as mulheres casadas. De um modo geral, o casamento como que estabelece para a mulher uma restrição ou privação de direitos, porque a submette a um cabeça de familia. Em quanto as solteiras, viuvas e divorciadas têm, em principio, a mesma condição jurídica do homem, as casadas são attingidas por uma incapacidade general: perdem o seu domicilio, o seu nome, a livre disposição de sua pessoa e em alguns paizes a sua propria nacionalidade. E' certo que, pelos encantos naturaes do sexo, ellas perdem muitas vezes essas coisas para ganharem outras que apreciam ainda mais. A condição jurídica, porém, é formal: a mulher casada perde tudo.

O caso da nacionalidade offereceu, durante a guerra, exemplos de um tocante interesse. O Código Civil francez, sabe-se, dá á mulher a nacionalidade do marido. Graças a isso, ocorreram em França episódios inacreditaveis. Muitas francesas, casadas com alemaes, mas ausentes dos maridos, porque estes haviam partido para os campos de batalha, eram tidas como-

estrangeiras no seu proprio paiz e sujeitas á vigilancia rigorosa que se dispensa aos inimigos, ao passo que varias allemãs, authenticas, da Prussia e da Baviera, casadas com francezes que se encontravam na linha de fogo, eram consideradas, para todos os effeitos, irreprehensíveis patriotas, porque se haviam tornado francezas pelo casamento.

Está claro que isto é um detalhe no meio dos varios problemas que o feminismo realmente feminista pôde levantar; mas o facto é que o que se chama solennemente a *emancipação da mulher* não é senão esta coisa bem mais simples e mais restricta: a emancipação da mulher casada. Esta, porém, pelos modos, não pode tratar do feminismo, porque a circunstancia de se haver casado lhe dá encargos em que o tempo não lhe sobra para eleições e nem para congressos. De sorte que o feminismo ainda é um problema que vae ser resolvido pelo homem...

Costa Rego.

(Do "Correio da Manhã", do Rio).

ESCOLA AGRICOLA DE PIRACICABA

O dr. Francisco Iglesias, superintendente do Serviço de Sementeras do Ministerio de Agricultura, como representante do sr. dr. Simões Lopes, ministro da Agricultura, Industria e Commercio, escolhido pela turma de agronomos de 1921, da Escola Agricola de Piracicaba, para paronympho, pronunciou, na solemnidade da collação de grão, o seguinte discurso:

"Tenho certeza que estarieis mais satisfeitos se visseis nesta cadeira o vulto de s. exa., o sr. ministro da Agricultura, para vos saudar. E com muita razão, porque o ministro Simões Lopes, pela orientação que vem dando á agricultura nacional, tornou-se um dos nomes mais respeitaveis do actual governo da Republica. Mais ainda: porque foi elle que verdadeiramente iniciou a era dos agronomos brasileiros na agronomia nacional, porque foi elle que — importante agricultor riograndense — num gesto de confiança, com a firmeza de quem sabe o que está fazendo, elevou os agronomos patrícios aos mais altos postos da administração agricola do paiz, entregando a agronomia aos que para ella se preparam. Por tudo isso, e pelos conceitos honrosissimos que tem feito desta Escola, bem posso avaliar a tristeza que vos invade a alma pela ausencia involuntaria do vosso illustre paronympho. Mas, meus caros collegas, si pensarmos um pouco, creio que essa tristeza a que acima me referi, desapparecerá para dar lugar a uma onda de contentamento, pois, aproveitando a oportunidade que o acaso lhe forneceu, mais uma vez pôz, s. exa., em evidencia, de um modo significativo para nós, agronomos de Piracicaba, a sua admiração pela nossa Escola, e, num requinte de gentileza indicou um ex-alumno deste instituto para aqui represental-o.

Collegas: a honra desta distincão não me pertence, é nossa, é desta Escola que tanto amamos!

Meus srs. Nas solemnidades da collação de grão, quando moços cheios de vida e esperanças terminam o tirocinio escolar, o paronympho deve enaltecer a profissão que os collandos escolheram para vencer na vida, fazendo resaltar tudo que ella tem de mais importante como instrumento de victoria. Portanto, permiti, tambem, que eu diga, que das profissões dignas e importantes que preocupam o saber humano, a nossa é uma das que estão em primeira plana, porque é della que tudo depende no mundo. Sem ella, desapareceria a industria, por falta de materia prima e os demais ramos da actividade humana, que servem para multiplicar o capital, deixariam de existir.

Nós podemos dizer, com orgulho, que é na agricultura que está a fonte de renda, porque é só nos laboratorios da atmosphera e do solo que se dá o pheno-meno da multiplicação dos elementos que servem de base á vida animal, e tudo o mais que decorre destes dois grandes reinos. Lançamos uma semente á terra, e ella, dadivosa, nos restitue cem. E' na agricultura que se verifica, de um modo completo, a sabedoria bíblica: quem dá recebe mais do que quem recebe.

A industria por exemplo, verdadeiramente fallando, não aumenta a producção: é a somma da materia prima mais a manufatura. Si dá ao seu explorador lucros enormes, é por que a exigencia da vida moderna tornou indispensaveis os seus productos. Tanto assim é que elles augmentam ou diminuem de valor segundo a offerta, conforme a procura.

Agora, que o sou agronomo, não me sáe da memoria uma velha lenda, muito suggestiva e muito cheia de verdade: Num doce rincão de ameno paiz, agoniava um ancião sob o tecto de sua cabana de modesto lavrador do solo. Vendo-se morrer, sentindo, naquelle momento augusto, em que a centelha divina empresta á creatura humana a propria perfeição, a dolorosa angustia de deixar os seus bem amados filhos na mais pauperíssima das orphandades, teve uma inspiração e chamando-os em torno de seu leito, assim lhes fallou: "Meus filhos, breve minh'alma se evolará de meu corpo. Partirei dentre os vivos. Quero, porém, antes de partir para sempre, salvar-vos da miseria, da qual se derivam todos os males, revelando o meu grande segredo. Lá naquelles campos que divisaes ao longe, ha um thesouro occulto. Eu não posso precisar com absoluta certeza onde se encontra; mas afirmo e juro que elle se acha naquelles campos. Cavae-o, e um dia o encontrareis, por certo." E morreu...

Os filhos, na ancia louca de encontrar o thesouro, com os seus rigidos musculos, empunharam fortes instrumentos agrarios e revolveram toda a parte dos campos. Nada. Para não perderem o trabalho, lancaram na terra a boa semente. Farta-

colheita retribuiu o trabalho daquelles moços esperançosos. Nos annos que sucederam foram com o mesmo afan, de charrua em punho, ao encalço do thesouro occulto, augmentando a area revolvida. A terra sempre generosa e boa, os retribuiu com juros tão elevados que estonteariam o mais egoista dos agiotas. Os celeiros enceraram-se, as tulhas transvasavam e as arcas cuidadosas já encerravam sommas respeitaveis. Era a fartura, a riqueza ambicionada: haviam encontrado o thesouro sem que tivessem percebido. Elle não se encontrava fechado num cofre de ferro ou de barro: estava no solo bonissimo que ainda agora transforma a semente promissora em contas de ouro...

E' na terra, meus queridos collegas, que se encontra a riqueza que ha de nos dar a felicidade, fazendo do Brasil uma poderosa nação.

De acordo com estas ordens de deas, o notavel piracicabano dr. Cincinato Braga, diz no seu importante livro: "Afóra o cuidado pela defesa da soberania racional, (o qual incumbe ao governo da União) não existe, para os governos bem constituidos, nenhum outro que deva primar sobre o do fomento das rendas agrícolas".

"Eis ahi a noção basica, que cumpre não retirar de deante de nossos olhos, que cumpre não apagar de nossos raciocínios, em bem da felicidade geral. Todas as medidas que importarem em augmento de rendimentos agrícolas, devem ser collocadas pelos governos no primeiro plano das suas locubrações.

Sim, devem ser as primeiras cogitações dos governos mesmo porque, uma nação só pôde ser verdadeiramente soberana, quando os seus filhos a enriquecem pelo trabalho honesto e intelligente, fazendo-a partilhar do concerto das nações bem organizadas.

Bem sei que não attingimos ainda um alto gráo de aperfeiçoamento, mas o que se não pôde negar, é que trilhamos o bom caminho com seguros passos. Quando pelo nosso paiz, passou um illustre sociólogo inglez Mr. Bryce, que em viagem de estudo, percorria a America do Sul, deante da grandeza material da nossa terra, perguntou: Este povo será digno desta terra? Depois, porém, de percorrer a estrada de ferro ingleza (S. P. R.) admirado exclamou: — "Para que esta estrada seja perfeita só falta que se lhes doirem as pontas dos postes telegraphicos!" E essa exclamação, senhores, responde positivamente á interrogação do sociólogo inglez.

A grandeza das estradas de ferro é a consequencia da operosidade de um povo. Uma decorre da outra. E neste caso concreto, notamos, com patriotismo, que se a referida estrada é modelar, não só o deve á sua organização interna, mas como e principalmente por que recebe o tributo de ferrovias puramente brasileiras, como por exemplo a Paulista, tão ou mais bem organizada que a Ingleza.

São Paulo — assim como outros irmãos da federação, está mostrando que o Brasil é bem digno dos brasileiros.

Mas, dirão, o progresso de São Paulo é devido, na sua maior parte, ao braço estrangeiro: a colonia italiana é considerada quasi como o elemento exclusivo do seu progresso. E' verdade que muito devemos aos italianos. Mas é verdade tambem que nisso se manifesta o poder nosso. O valor do brasileiro não está somente na bravura indomita com que desbrava o sertão, transformando as mattas virgens e seculares em oceanos verdes de café. Para mim, a obra mais importante, a obra monumental do paulista é o assimilar o estrangeiro completamente, reduzindo elementos heterogenos num todo homogeneo e perfeito. O estrangeiro fica de tal forma impregnado do espirito paulista, que em breve tempo se orgulha de palmilhar este abençoado solo, sentindo que em seu peito bate um coração que estremece de amor pela patria adoptiva, e assim, animado pelo mesmo ideal, vem collaborar comosco na grandeza deste Estado, na grandeza da patria brasileira.

Podemos dizer, portanto, que o progresso que se vê em nosso Estado é unico e exclusivamente obra do espirito paulista.

Caros collegas: Ides deixar neste momento os bancos desta escola, para vos entregar de corpo e alma aos serviços da patria.

Que o espirito daquelle velho moribundo da lenda suggestiva, que através das cathedras dos vossos professores vos indica, e sempre vos ha de indicar, o thesouro que se encerra nos campos, vos inspire e vos concite ao trabalho sem tréguas, até quando a prosperidade, alvíçareira e risonha, venha bater á vossa porta.

Levarei e incutir a todos os nossos irmãos dos mais longinquos recantos, o entusiasmo pelo Brasil, que sómente pede dos seus filhos, um pouco de esforço sincero e intelligente, para ser uma das mais poderosas nações do mundo."

IPÊS

O dr. Amilcar Gonçalves, irmão de Ricardo Gonçalves, recebeu de Alberto Ranquel a seguinte carta a propósito de "Ipês":

"Paris, 1 Janeiro 1922

Amilcar amigo

Um presentão de festas a copa dourada da bignoniacea sob a qual o querido e infausto irmão e poeta gorgieja seus ultimos e primeiros harmoniosissimos cantos. Possui em tempos um pedaço de terra cuja lembrança nunca mais me largou o coração. Era um triste retalho de roça, uma tira agreste de massapé bôa para servir de sepultura a algum saci descontente e alquebrado. Sorri-me ainda a

memoria desse trecho abandonado onde me curti de excellente melancolia e me cevei de utilissimo asco dos meus semelhantes, porque lá se erguia um ipê de fronde ampla e revessa e que quando carregava de flores trazia na coma todo o ouro das Minas. Que multidão de recordações me trouxe o livrinho palpitante de rythmos e rimas, de onde se evolam as redolencias da terra patricia, acarinizada nas commoções de um verdadeiro poeta contemplativo e nostalgitico, com a invocação dos ipês e a sua fronde de enxofre!

Li os versos com enterneida admiração. O sonetilho á Gegê e o "Mimo de caçador" merecem engastar-se no aro de uma anthologia. E todas as vezes que fecho o volumezinho penso na violenta desgraça de como se partiu essa lyra encordoada para as doces impressões da paizagem do nosso interior, dos cantinhos com folhagem e agua murmurante e chorosa, dos trechos de luz matutina salpicada de passaros, da penumbras crepuscular quando pia a inhambú-chororó recolhendo ao ninho... Esse era um poeta, interprete divino da obscuridade das cousas, do encanto da solidão onde se alteia o jerivá ou rumoreja a fronde do pau d'arco roixo...

Nenhum sentimento de truculencia hu-goana, nenhum desvairo de mussetista amargor. Dir-se-ia que a sua harpa só despede harmonia quando a tange a vibração da manhan. Nenhum exasperec de aturdido, nenhuma frialdade de impassivel. Elle funde os grandes movimentos da sensibilidade na delicada impressão do rustico e do simples. Devia versejar para se apaziguar a si mesmo. A sua musa não devia exarcebar-lhe a alma, transportando para o verso o soffrimento e o desespero do homem. Para quem muito sente pode a inspiração tornar o poema um derivativo providencial. Por exemplo, Vigny. Ricardo Gonçalves passeiou a sua magua e ternura na prôa da canoa de um simples piraquara. O coração pulava-lhe no peito e elle parece ter-se contendo com os reflexos nagua que a lua e o sol costumam imprimir na correnteza do rio...

Esse exaltado consumma os fervores do coração no amor de sua terra. A sua expressão é muito calma para não ser profunda. Num pantheismo amavel se lhe escôa toda vibração interior. E' um puro entusiasta que se repercute meigamente na universal sympathia por todos os seres e todas as cousas que o amor baptisa e a Saudade confirma. Olavo Bilac sem despír-se da clamyde do Parnaso acabou deixando Xenocrates e seu manto pelo Fernão das Pedras Verdes e sua coura de bandeirante; Ricardito começou e acabou partindo os canhões de nossos alagoados para modular na avena os compassos de sua muzica dolente sobre o thema natal. Cedo, cedo partiu-se a frauta cabocla, estalada nas melodias iniciaes. Bem fizeram V. e esse extraordinario Lo-

bato de as deixarem inscriptas no tronco dos Ipês. Ficarão resoando em quanto houver no Brasil

"Altos ipês de frondes amarellas
E adustas, retorcidas perobeiras."

Alberto Rangel.

UM CREADOR DE ENTHUSIASMO

A obra de Graça Aranha está resumida, numa synthese luminosa, na sua oração de hontem á mocidade brasileira. A obra de Graça Aranha é feita á imagem e semelhança do Brasil. Palpitam nella, desde aquele primeiro grito de extase ante a formosura do ambiente natal, que foi Chanaan, a exuberancia, a majestade e a energia da terra. Anima-a o sopro soberano da Natureza, de quem ella reproduz, ao mesmo tempo, os impetos e as doçuras, as suavidades e as magnificencias. Mergulham as suas raizes no proprio solo que os nossos maiores regaram com o suor dos braços e o sangue das veias.

Ella é tudo isso que nos cerca. O cheiro da floresta, o rumor dos oceanos, a macieza dos céos as virgindades da luz. Onda e montanha, herba rasteira e arvore folhuda, crepusculo e madrugada, ella possue todos os rythmos do meio cosmic. A bruteza da pedra e o perfume da flor, o summo dos frutos e a riqueza mysteriosa dos carvões obscuros, das pedrarias reconditas. E' ouro e diamante, marmore e crystal. Tem camadas profundas, como o chão em que pisamos. Abre na superficie corollas e frondes, troncos e rebentos, reparte-se em fios dagua, em volumosas torrentes, em cachoeiras revoltas, em lagos espelhados. Reflete o sol, rebrilha nos incendios do sol tropical. Mas não se contenta com a beleza exterior. Desce e aprofunda-se no seio da terra. Ao riso numeroso da superficie junta a lagrima silenciosa do abysmo. No alto, o pedrouço barbaro, a ramaria aromatic, os vales velludosos. Em baixo, a stalactite subtil, a selva estatificada, a mina prodigiosa que se estende num labirinthio, que se multiplica num meandro infinito de filões opimos. Ali, o jubilo do spectaculo universal, aqui, o soffrimento, a luta das forças elementares do mundo invisivel.

Só os accentos do hymno ou do pean, só a orquestração das symphonias, lhe oferecem um paralelo digno. Graça Aranha é um creador de entusiasmo. Chammejá-lhe nos olhos a fulguração de Ariel. A alegria, como excellente observou Elysio de Carvalho, está na raiz do seu espírito. A alegria de construir, de edificar, de talhar no granito ou na argilla, no bronze ou no porphiro o monumento para a eternidade. A alegria de dansar livremente sobre as coisas, de imprimir na apparença da materia ephemera a graça e a juventude perpetua do pensamento.

Toda a sua obra é um conselho para crear. E' uma voz que exige imperiosamente, uma voz que sempre repete: Crea, e serás perfeito. Tua felicidade está na harmonia que souberes arrancar do teu coração. Faze delle um instrumento capaz de traduzir a intensidade da vida. Goza e soffre, chora e sorri, que será divina a tua realidade. Toda a sua obra nos diz: Olha o teu paiz, olha a milagrosa fonte de energia que o destino lhe concedeu. Vive o espectaculo unico da Terra em que nasceste. Está nella a tua finalidade. A tua finalidade é o entusiasmo de viver, de viver perigosamente, de amar a totalidade da vida. Sê bom para ser forte, sê forte para dominar a multiplicidade prodigiosa da opulencia que te rodeia. Não deves te arrepiar de outros obices se não os de um desfalecimento precoce.

Volve os olhos ao passado, volve os olhos e medita: Verás, então, surgir da espessura das mattarias carrancudas, á semelhança de um deus joven, o nachado e o trabuco ás mãos, os cabellos soltos ao vento, os artelhos saccudidos por vibrações nervosas, o busto rijo como o de Hermes adolescente, Antonio Rapozo, o bandeirante! Verás, depois, na fumarrada dos combates, entre o rolar das pesadas carretas, o rugir da artilharia e o estrondo das bombardas, Vidal de Negreiros, o guerreiro! Verás, ainda, no campo fechado das liças, vibrando as manças ponteagudas, brilhando ao sol as

couraças lomeladas, ou, no arremesso das pugnas, em campo aberto, aquelles que fundaram a tua Nação, os Albuquerque, os Coelho, os Acciuoli, os Carvalho, os Mello, os Cavalcanti, os fidalgos! Verás como um pequenino povo atravessou os mares empolados para legarnos, com o sangue dos seus heroes, a tradição de uma grande raça e as bases de uma patria imensa. Nada te falta, nome, do Brasil! Nem o braço para pelejar, nem o coração para bater, nem a terra para fecundar...

"A arte é a tua libertação. Elimina o terror inicial e funde o teu ser no Todo infinito. Esta é a tua suprema victoria. A tua patria é movel e tu terás a aancia de a fixar em tua criação transcendent... Sob a violencia luminosa do meu céo, eu te suscitarei idéas fortes e ousadas. Possue intimamente as coisas sobre que o teu espirito paira. São os dons da Terra que é tua.

Corre o risco da morte, que é o premio da vida. Na alegria interior goza o eterno espectaculo. Sê insaciavel de beleza, de poder, de alegria, e faze da tua Nação uma imperecivel obra de Arte!"

Graça Aranha, poeta epico da raça, creador de entusiasmo! Bravo!

Ronald de Carvalho.

(D'"O Imparcial").



DEBATES E PESQUIZAS

AS VITAMINAS

Fala-se hoje, muito, mesmo entre pessoas leigas em Medicina (a verdade é que não sei si ha no Brasil essa "avis rarissima" — uma pessoa conscientemente leiga em Medicina), fala-se mesmo demais em doenças de carencia, avitaminoses, alimentos ricos ou pobres em vitaminas, etc., sem que muitos saibam ao certo em que isso consiste.

A questão das vitaminas é de palpitante interesse e só as referencias bibliographicas destes ultimos cinco annos encheriam dezenas de paginas, de tal modo que physiologistas e clinicos se vêm interessando por sua elucidação.

Mas que vem a ser vitaminas?

Lunin, em 1881, falara pela primeira vez que o leite devia conter alguma substancia desconhecida, de grande importancia na nutrição, mas tal suggestão, feita incidentemente e sem argumentação segura passou despercebida até que Hopkins, em 1906, mostrou a necessidade, para a nutrição normal, de outras substancias alimentares que não as comprehendidas entre proteinas, gorduras, hidratos de carbono e substancias mineraes, isto é, que havia nos alimentos, além daquelles grupos de substancias já bem determinadas pelos chimicos, alguma coisa indefinida, a que chamou "factores accessórios". Posteiros trabalhos de outros pesquisadores vieram demonstrar a existencia de pelo menos tres substancias accessórias bem distintas, para as quaes creou Funk, em 1911, o termo "vitaminas". Esta designação rapidamente ganhou fóros de cidade, apesar das objecções technicas feitas e, ao menos em portuguez, será sempre muito mais facil e corrente que vitamina (sem a), proposto por Drumond em 1920. As tres vitaminas já bem esperadas são designadas pelas letras A, B e C.

Hopkins observou que ratinhos alimentados com substancias esterilisadas apresentavam logo uma deficiencia de nutrição, ao passo que, juntando-se a essa mesma dieta leite fresco ou secco ou as substancias do leite solueis no alcohol, os

animas prosperavam rapidamente. Novas experiencias vieram confirmar o effeito destas substancias solueis nas gorduras (vitamina A) sobre o crescimento. Nos animas jovens uma dieta privada dessa vitamina tem como consequencia, depois de um prazo variavel: parada de crescimento, perda de peso e depauperamento geral que vai até a morte, e é sempre acompanhado de uma susceptibilidade exagerada para as infecções, tendo sido tambem, ás vezes, encontradas doenças oculares. Quando o animal se approxima da maturidade as necessidades de vitamina A são muito menos notaveis, resistindo elle por prazo muito mais longo a uma dieta privada dessa substancia.

Parece bem demonstrada a accão decisiva da vitamina A, soluvel na gordura, sobre o crescimento e sobre as modificações trophicas dos olhos. As observações de Mori, no Japão, curando casos de xerophthalmia de meninos com o emprego de figado de gallinha (rico em vitamina A); as de Bloch, na Dinamarca, vendo o desaparecimento das perturbações oculares da infancia coincidir com a introducção geral, por accão do governo, de manteiga no regimen alimentar das classes pobres; outras feitas na Rumania e em Vienna, de crianças curadas de perturbações oculares pelo uso do oleo de figado de bacalháo, vêm apoiar fortemente essas ultimas idéas.

Praticamente é de grande interesse saber-se quaes os alimentos mais ricos em tal vitamina. Os autores viram-na presente, em proporções mais ou menos notaveis, na manteiga, gemma d'ovo, oleo de figado de bacalháo e gordura de carne de vacca, faltando no toucinho, azeite doce e oleo de amendoas. As folhas cerdes e novas contêm muita vitamina A, comquanto quasi inteiramente privadas de gordura, sendo o leite e as verduras (espinafre, alface, agrião, etc.) considerados como alimentos protectores, por sua riqueza em vitamina A e em calcio.

Esta vitamina, quando obtida dos animas, é soluvel nas gorduras, o que não succede com a proveniente dos tecidos vegetaes, tenha embora todas as outras pro-

priedades, e o que mais é, appareça abundantemente armazenada nos animaes nutridos com vegetaes ricos em tal vitamina, que nelles se tornou soluvel nas gorduras. Todos os alimentos ricos em pigmentos amarellos, tambem o são em vitamina A, sendo por isso, hoje, de uso corrente o extracto de cenouras em dietetica infantil. Esta vitamina não é facilmente destruida, resistindo á accão demorada do calor, e sendo portanto presente, mesmo nos alimentos de conserva.

Os animaes novos submettidos a um regimen privado de vitamina B (soluvel na agua) apresentam uma parada de crescimento inda mais rapida, perdem o peso e apresentam uma fraqueza geral, com perturbações nervosas mais ou menos nitidas. Foi para esta substancia que Funk, em seus trabalhos experimentaes sobre beriberi, creou o termo vitamina. Em 1919 Mc. Garrison verificou que os animaes, alimentados com uma dieta privada de tal substancia, apresentavam perturbações digestivas, aumento da susceptibilidade para as infecções, anemia progressiva, dôres de cabeça e nevrite mais ou menos accentuada. Esta vitamina B é facilmente soluvel na agua e no alcool fraco; o aquecimento, durante duas horas de 118° a 121°, a destrói quasi inteiramente, de modo que os alimentos de conserva são praticamente privados della.

Observações feitas sobre animaes em periodo de lactação e mulheres beribericas vieram mostrar que os animaes são incapazes de formar esta substancia, dependendo a quantidade encontrada da existente nos alimentos, sem que, no entanto, se armazene em proporções apreciaveis, ao contrario do que sucede com a A.

A vitamina B é encontrada nos orgãos glandulares, ovos, leite, sendo muito escassa na carne. Nas plantas é ella muito abundante nas folhas, raizes, tuberculos, sementes e fructos.

Theobald Smith observou em 1895 que as cobayas sustentadas com aveia apresentaram uma doença hemorrágica. Tal observação passou, no momento, completamente despercebida. Mais tarde, quando Eijkmann e outros mostraram que um estado semelhante ao beriberi aparecia em gallinhas submettidas a uma dieta defeituosa, Holst e Froelich repetiram as mesmas experiencias em mammiferos, na esperança de desvendar a causa do beriberi que grassava entre os marinheiros noruegueses. Viram que as cobayas reagiam de modo diferente, quando alimentadas, como as gallinhas, com arroz descascado. Os symptomas, observados foram os de escorbuto: perda de peso, dôres nas articulações, hemorrhagias sob o periosto e nas gengivas, queda dos dentes, etc.

Certos animaes, como por exemplo o rato, não apresentam o escorbuto, quando submettidos a uma dieta privada de vitamina C, sem que isto signifique que tæs animaes sejam indiferentes á ausencia, em seus alimentos, de tal substancia. O que se tem observado é que, si a ratos

submettidos a uma dieta sem vitamina C se propina esta substancia sob a forma de succo de laranja, ha immediata melhoria no crescimento e vigor destes animaes, demonstrando que ella representa importante papel na nutrição, mesmo nas especies não sujeitas ao escorbuto.

Zilva e Wells, tendo verificado que os dentes são os primeiros a soffrer os effeitos da carencia da vitamina anti-escorbutica, levantam a hypothese de que seja a carie, tão frequente nos centros civilizados, devido principalmente ao uso de alimentos pobres nesta vitamina.

A vitamina C é muito mais abundante no figado que nos musculos, sendo a carne de vacca antiescorbutico muito fraco; o do sangue é nitidamente mais forte que o da carte e o do leite, inda maior. O leite das vaccas que passem em liberdade, em pastos frescos, possue propriedades antiescorbuticas cerca de tres vezes mais intensas que o leite de vaccas estabuladas.

Entre os alimentos de origem vegetal São os fructos e verduras as melhores fontes de vitamina anti-escorbutica, parecendo as laranjas, limões e tomates os mais ricos, seguindo-se-lhes as maçãs, bananas e batatas.

Ha um notavel incremento de vitamina C nas sementes em germinação. Os legumes e cereaes maduros, assim como as farinhas com elles preparadas não possuem quasi propriedades anti-escorbuticas, aparecendo estas de modo notavel nos cereaes germinados e nos grãos maltados, seja pela formação da vitamina C, seja pela passagem desta, já existente, de um estado inactivo para uma forma activa. Ainda não se sabe bem si o simples amollecimento pela agua, que precede a germinação das sementes, é de alguma importancia no desenvolvimento das propriedades antiescorbuticas. Entre os camponezes russos ha uma crença de que o pão preparado com a farinha total de trigo, por um lento processo em que ha ao mesmo tempo longo amollecimento e notavel fermentação, tem excellentes propriedades antiescorbuticas, o que se não dá com o pão branco.

Outro importante problema é o que diz respeito á preservação das propriedades antiescorbuticas em alimentos usados frescos e em conserva. Sabe-se, por exemplo, que as conservas de carnes são praticamente isemptas de vitamina C, enquanto a massa de tomate é um dos melhores antiescorbuticos conhecidos. Aqui a diferença é devida pelo menos a tres causas: concentração inicial muito mais elevada no tomate; acidez deste fructo, que impede a destruição da vitamina; accão muito menos intensa do calor, para a boa conservação.

As observações com o leite condensado são contraditorias, parecendo que as propriedades antiescorbuticas deste alimento sejam melhor conservadas nos leites condensados com assucar. Vi, na Casa dos Expostos, casos de escorbuto infantil con-

sequentes ao uso exclusivo do leite condensado não assucarado.

A vitamina antiescorbutica (c) é muito soluvel na agua e facilmente destruida pelo calor (principalmente si ocorre em alimentos não naturalmente acidos) e pelos alcalis.

Com quanto se não tenha ainda conseguido determinar a natureza chimica desses misteriosos "factores accessorios", o que sobre as suas propriedades se ha feito nestes ultimos tempos veio demonstrar cabalmente sua immensa importancia, esclarecendo alguns pontos controversos da Medicina e orientar-nos sobre a alimentação racional e indispensavel ao homem.

Mello Leitão.

A QUESTÃO DA DIABETE

Aqui estão dois individuos, nascidos dos mesmos paes, criados no clima patrio, identificados ainda pelo genero de vida e sistema de educação. Até a puberdade (é a regra), pouco differem entre si; mas, após os treze ou quinze annos não é raro que um mais se alongue, magro e franzino, enquanto o outro entra a espessar-se, por demais gordo, quasi obeso.

Por que essa disparidade final, em organizações irmãs?

E' logico que, no caso, nem pôde influir a herança, nem o meio: o sangue é uno, uno o ambiente, para os dois. O alimento (verdadeiro meio biológico) tambem nada importa: antes de um engordar e outro seccar, comiam ambos á mesma mesa; e depois de se verem como em definitiva estão, nada lhes adeanta o regimen especial que passam a seguir. Com effeito, quanto procura superalimentar-se o que é delgado, menos aumenta no peso; mais toma dieta o anafado, assim se lhe reforçam as enxundias.

Os scientistas, para allegar alguma coisa, dizem que houve uma desordem na assimilação, um disturbio nutritivo, uma perturbação no metabolismo normal. Mas qual a causa do desvio? Por que não guardam aquelles dois individuos as proporções normaes? Ninguem nunca o soube, ao certo. A melhor explicação dá-a ainda a philosophia simples do povo: um nasceu para magro, outro nasceu para gordo. E' uma explicação á Moliére... "Porque é que o opio faz dormir? — Porque tem propriedades dormitivas."

Succede, porém, que ultimamente surgiu, no campo da physiologia e da pathologia, um grupo de pequenos orgãos muito interessantes: é elle formado das glandulas de secreção interna — o corpo thyroide, as parathyroides, as suprarenaes, a hypophyse, o ovario, etc. Estas glandulas têm muita importancia, no corpo humano; a nossa saúde depende extraordinariamente do bom funcionamento do referido conjunto. Mas têm elas ainda uma outra importancia, no momento: estão na moda. A época é das glandulas de se-

creção interna: é a "éra do endocrinismo" — como se lhe chamou.

Ora, assim sendo, não é de admirar que as citadas visceras compareçam á barra dos tribunaes medicos para contar o que sabem sobre a magreza e a gordura dos dois irmãos. Do inquerito aberto apurasse, afinal, que não se trata de um facto, mas de um delicto — e as glandulas endocrinicas assumem a responsabilidade. Chamadas a depôr, em autopsias e provas experimentaes, a thyroide, o ovario, a hypophyse, as suprarenaes, têm dito coisas que muito as compromettem, ora a uma apenas dentre tantas gemelas, ora a toda a familia. De passagem, cumpre 'embrar: a familia é muito unida; a solidariedade de seus membros é tão completa, que entre si se suprem, se integram, escondem faltas ou pagam dívidas uns aos outros.

Pois bem. Coisa muito parecida com isso é o seguinte:

A. e B., parentes proximos, ou muito amigos, companheiros de trabalho e de refeição, vão vivendo numa grande comunhão de vida, que parece estender-se á saúde tambem. Correm assim dez, quinze, vinte annos... Um bello dia, porém, A. começa a notar que, apezar de nutrir-se tão bem como o seu camarada, está a emmagrecer sensivelmente, — um, dois ou mais kilos num mez; além disso sente-se menos vigoroso do que o era outrora, fatiga-se facilmente, resiste menos ás dôres. B., que lhe serve de testemunha na rude e gratuita experientia, nada disso tem. A conclusão impõe-se: A. está no inicio de uma doença; o que elle sente, o de que se queixa, não é normal. E vai ao medico; uma pesquisa de laboratorio decide: diabete. — Uma usina de assucar! diz-lhe, radiante com o diagnostico, o esculapio.

Os scientistas, para allegar alguma coisa, dizem então que o metabolismo dos hydratos de carbono está alterado, houve uma desordem, um disturbio no intercambio alimentar. Eis porque A. não aproveita o arroz, o pão, o assucar que ingere diariamente, á maneira de B., que continua entretanto refractario a ser senhor de taes engenhos de canna. Mas vamos lá: porque A. não assimila o que B. assimila? Nunca se soube ao certo, desde Aretêo, que foi quem inventou, há tantos seculos, o termo diabete.

Que fazem, então, os doutores, quando os doentes de assucar os procuram? Que receitou o professor W., quando A. lhe foi á consulta, pedindo tratamento? — dieta. Parece esdruxulo, mas é certo; lêde todos os autores antigos e modernos, inclusive Marcel Labbé, o sabio francez que acaba de visitar a Argentina e nos deu a honra de um pequeno pulo á nossa terra e á nossa academia. Todos, sem excepção, dizem, escrevem, praticam: dieta. O assucar eliminado pelos rins só diminuirá ou desapparecerá si o doente deixar de ingerir feculentos e doces. O dr. Guelpa vae mais longe: indica o remedio da fome; o doente jejua, á sombra

de purgativos, por tres ou quatro dias, na semana ou no mez, para ficar melhor.

E com effeito, senhores, o assucar deixa de estar presente ás analyses, depois de algum tempo de dieta ou jejum. Supponhamos que A., já cliente do professor W., que é discípulo de Guelpa, supportou heroicamente tres dias de brisas puras e em seguida uma ou duas semanas a leite; depois, mais brizas, precedendo alguns vegetaes. Damos que ainda A. teve o prazer, no laboratorio de pesquisas chaminas, de ver o piáctico erguer aos ares o calice do licor azul, — muito azul, após a prova, demonstrando que o assucar se ausentou. Naturalmente, A. torna-se jubiloso com o resultado, applaude a therapeutica de regimen e segue-a ainda durante alguns mezes mais. Pois guardem o ensinamento: ao cabo desse longo prazo e longo tratamento, que importa num sacrificio formidavel, lembra-se uma vez de tomar o seu café antigo, com assucar legitimo, e pão alvo, e come um doce daquelles de que guardava tantas saudades, e janta a sua feijoada, com farinha de mandioca. No dia seguinte, vae pressuroso ao analysta, submette-se á mesma prova do licor azul e vê o liquido chimico envergonhar-se tanto da tal cura de regimen, que vira de azul a vermelho, cõr de telha ou de lacre... O assucar voltará novamente. Bastou, para tanto, um dia de abuso alimentar.

B., que não é medico, mas estima sinceramente A., e tem senso commun, revoltase contra a medicina classica e diz ao velho amigo:

— Não te trates mais. A cura do professor W. é uma burla: parece-se com a cura dos ébrios habituas que só não bebem quando não têm á mão um pouco de alcool, ou com a dos kleptomaniacos que nada roubam no hospicio, porque lá não ha o que roubar. Não te trates mais. Estavas magro, quando foste ao medico; mas agora, com quasi um anno de abstinencia, estás na espinha; de que te serviu a penitencia tremenda? Nada, que continuas a ser aquella usina que julgavas ter passado adeante.

E eu creio que B. tem razão — que me perdoem Labbé e illustre Companhia. As pessoas gordas e as magras não o são porque comam muito ou pouco; nem emmagrecem ou engordam comendo menos ou mais: para modificar taes organismos, é preciso fazer entrar em campo a therapeutica physica, os exercicios, as viagens, as mudanças de vida e de clima, etc., todo esse conjunto de factores que tanto effeito produzem, como se sabe, sobre as glandulas de secreção interna e sobre o sistema nervoso sympathico. Quanto ás drogas, só aproveitam realmente as da organotherapy, os fermentos, os sôros, cujo principio activo age aliás em dose quasi infinitesimal.

Assim, na diabete. Deve haver — por força — uma alteração nas glandulas endocrinicas para explicar a presença do assucar nas secreções do doente — Mas (podem perguntar-me agora) porque, em

A., se alteram essas glandulas que em B. continuam sãs? Respondo — uma, de tres: ou A. intoxicou-se, ou infeccionou-se, ou teve algum desgosto, alguma emoção deprimente, o que positivamente não aconteceu com B. As doenças não caem do ar. Sabe-se hoje o quanto são sensiveis as glandulas de secreção interna (especialmente a thyroide), em face ás intoxicações, ás infecções e aos grandes abalos nervosos. Das intoxicações, a mais commun é a alimentar; ha pessoas que comem de mais, usam de alimentos toxicos, não fazem exercicio sufficiente e acabam gottosos ou diabeticos. Das infecções, a mais vulgar é a syphilis: e como é banal perder assucar, quem tem o sangue avariado! As contrariedades moraes pesam muito, tambem, entre as causas de glycosurias: aqui, foi uma mãe amantissima que perdeu um filho, ali um negociente honesto que falliu, além um que luta contra a adversidade desde o dia em que homem se fez...

No caso de A., que se me propõe, é facil fazer o diagnostico differencial da causa. Não deve ser uma intoxicação, porque B. se alimentava do mesmo modo e não adoeceu (embora seja possivel uma susceptibilidade personalissima); portanto, ou A. é um syphilitico, e, neste caso, pôde curar-se com a therapeutica especifica, ou não é — e então deve ter soffrido um abalo nervoso qualquer que lhe affectou o apparelho endocrino-sympathico, sendo esta affecção curavel ou não, de accordo com o gráo de gravidade, a profundezas das raizes que criou no organismo. No caso de ainda ser curavel, ha de ser com a organotherapy, com os fermentos, com os sôros, com as substancias radio-activas, — ao lado de uma therapeutica physica, e psychica: exercicios moderados, sports que não fatiguem, duchas e massagens, vida hygienica, em praias ou campos, conforme o gosto do doente, pois é preciso despertar nelle sensações novas e agradaveis, que venham reeducar-lhe o moral, ao mesmo tempo que as energias somaticas se retemperam. A diabete, até certo ponto, é uma doença social.

E a dieta?

Eu não acho que se deva guiar a dieta ao diabetico pela cifra de assucar que elle elimina, mas sim pelo que diz a balança e pelo estado geral. A. sente-se bem, aumenta de peso, não se queixa das penas e molestias de hontem? — Não deve ter dieta. Cada organismo sabe lá qual é o regimen que lhe convém. Está-se dando bem, deixe-se assim estar. Um conselho unico cabe sempre: não coma demais, procure ser o mais sobrio que pudér, d.sde que não perca peso nem se sintia mal. Quanto á qualidade do alimento, não sei, consultando os mestres, que restricção fazer: depois da velha prescripção absoluta dos feculentos, vem um afamado especialista e propõe a cura pela farinha de aveia, em seguida surge outro notavel e aventa os legumes, aquell'outro é eclectico e opina por um regimen mixto;

um quarto proclama as excellencias da batata ingleza. Portanto, não me servem os tratadistas. Passo os olhos pelos meus proprios doentes e vejo, com os casos concretos na mão, que não só nenhuma especie de regimen alimentar adeantou geralmente aos mesmos, como tambem nenhuma infracção de regimen prejudicou decisivamente a qualquer delles. Por exemplo: o marechal C. S. chega aos seus 75 annos bastante vigoroso, apezar de perder sempre assucar e comer sempre de tudo com invejavel appetite.

Dess'arte, a dieta não deve ser uma questão que se regule pela glycosuria: é ao exame clinico geral que cumpre dirigila. Dou dieta a um diabetico que é dyspeptico, ou arthritico, ou renal, e assim conjuro complicações; não a dou ao diabetico que passa bem sem a ter, — e assim vou estudando quaes os alimentos mais bem tolerados. No caso da syphilis, com glycosuria, o doente cura-se sob mercurio, sem regimen algum (salvo indicações de outra ordem); no caso da perturbação endocrinica, eu hei de curalo de um modo analogo, si ainda chegarem a tempo as minhas pastilhas de thyroide, o meu sórò hormonico, os meus fermentos metalicos ou não, as aguas radio-activas — nos quaes faço consubstanciar-se o recurso unico que a medicina da droga e da receita pôde, em nome da logica e do progresso, prescrever a um diabetico no seculo que corre.

Floriano de Lemos.

UM GERUNDIO DE MARTIM FRANCISCO

Muito se tem palavreado em ponderosos volumes sobre esta transcendente questão: saber se o humorismo — palavra que destoava aos tympanos vernaculos de Camillo — é a consequente de um organismo absolutamente sano, ou, ao revez, é a resultante do excesso de bilis, que a suja viscera chamada figado excreta insufficientemente. E não estando liquidado por uma sentença definitiva, que o humorismo é privilegio dos sujeitos de saude escorreita, ou dos que trazem em congoxas as regiões infra estomacaes, razoavelmente devemos aceitar que uns e outros, dadas certas disposições espirituas, poderão franzir humanos labios em casquinadas sadias, convidando-nos a esquecer, momentaneamente, as coisas abominaveis e tetricas, que afeiam e despoetisam a vida.

Dir-se-á que isto é uma philosophia comoda, que se dispensa de penetrar de fito esse mundo temeroso da Sciencia, onde os sabios com suas lunetas eruditas e suas casposas cabelleiras, investigam comancia as intimas relações do cerebro com as miudezas intestinaes. Nós, porém, voltamos costas aos sabios, e explicamos a razoabilidade da nossa conclusão com duas figuras illustres, que a historia litteraria

acclama, a religião detesta e a burguezia invectica.

E' a primeira Voltaire. Não consta dos Annaes historicos e biographicos do seculo XVIII, que o incontrastavel zombador da Biblia e dos frades, andasse alguma vez afflito, com tempestades anarchicas no abdomen, a iquirir a medicina sobre o menos irritante drastico, ou sobre o melhor estimulante das funções digestivas. Comia e dormia optimamente o famigerado autor da *Pucelle*, e fallava-se até que lhe era grato detonar suas larachas contra as coisas sagradas e as formas de governo, precisamente ao terminar a digestão de repastos gordos e copiosissimos.

Eça de Queiroz é a segunda. Se houve corpo doente, derreado e derrancado por um mal que a descaridade de um contemporaneo averbou de *grotesco*, foi certamente o desse encantador estylista. A dôr, a angustia em Eça quasi não tiveram intermitências durante vinte e cinco annos. Entretanto, durante essas rapidas treguas que lhe concedera o martyrio, pôde esse radiosso spirito desatar-se na graça gauleza que lhe peja os livros, rindo das ridiculezas sociaes um riso tão saudavel e bom, que ninguem suspeitara provir dum parenthesis aberto na tortura physica de cada hora.

Pois se isso é assim, nossa conclusão nem pecca por arbitrarria, nem é de molde, cuidamos nós, a convulsar os nervos dos cidadãos, que fazem grande cabedal dos postulados scientificos, e não admitem, fóra do axioma ou do dogma, que se afirme ser muda uma creatura, senão quando se pode dar a razão do medico de Moliére — "E' muda, porque não tem a faculdade da palavra".

Vêm aqui estas letras a propósito do ultimo livro de Martim Francisco — *Contribuindo*. Ignoramos que numero de ordem lhe cabe no catalogo dos "participios", chrisma pittoresco da lavra real do saudoso principe Luiz de Orleans Bragança. Sabemos só que *Contribuindo* é uma chronica sincera, que rehabita algumas memorias respetaveis, que despoja dos seus atavios mal adquiridos alguns sujeitos que com estes pompeavam galhofando da nossa candura quasi parva, pedindo-lhes a elles, porém, com bons modos, que se não zanguem e desculpem a meiga violencia, visto como existe uma senhora chamada "verdade historica", que é assaz ranzinza e não sofre de boa sombra se pimpe com custosos dixes cidadãos aos quaes cabe apenas o pechisbeque.

Em *Contribuindo*, o remoque e a chança fuzilam por vezes, remechendo ossadas venerandas; e embora o leitor attento de libere, no seu intimo, compenetrar-se da seriedade dos intuitos reivindicadores do livro, o imprevisto commentario jocosso de Martim lhe quebra irreverentemente o propósito de sisudez, forcando-o, máo grado seu, a reunir na retina o historiador inflexivel corrigindo erros, e o epistolographo jovial de Bordeos, vaticinando a Capistrano de Abreu as maravilhas da

aviação, mercê da qual, dentro em pouco, se poderia comer um pecego de Montreil em Uberaba e chupar um cambucá na torre Eiffel.

Indiscutivelmente, Martim Francisco é um humorista. Mas, será um vendedor de saude, como Voltaire, ou um eterno cliente de pharmacias, como Eça? Baco-reja-me a primeira hypothese. E a minha suspeita se funda nessa edade proiecta a que attingiu, nesses setenta annos que já se lhe escoaram, trinta dos quaes tem supportado heroicamente, vendo, ouvindo e sentindo as rás, que coaxam á sombra dum regimen ideal de patifarias, medrarem em honras politicas e tecidos adiposos, como se os louros do parlamento e do ministrado se lhes resolvessem em gazes, dilatando-lhes a amplidão do ventre.

Martim, cujos setenta annos gloriosos quizera Monteiro Lobato, pouco ba, num alto sentimento de justiça, vêr coroados com as laureas academicas, não é bem um humorista, talvez. No fuzilar de sua phrase nervosa, no arrepio de seu commento breve, no disparo de seu adjectivo gottejante de malicia, ha alguma coisa mais que a serenidade alegre do espirito, voltejando como abelha mansa e apenas picando de leve as baldas e excentricidades de outrem: ha muita vez o sarcasmo, que se levanta erriçado a fulminar uma injustiça, uma monstruosidade, um erro, uma calunia, e então é que se comprehende á maravilha aquelle dizer veraz

de Francis Grierson: "Ha uma especie de humorismo, que é affim da dó".

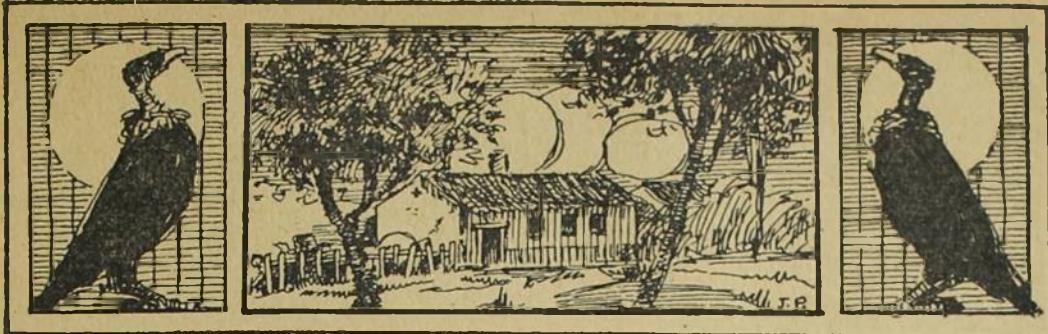
O humorismo de Martim é tecido assim de magoas. Magoa sobretudo de lhe terem preterido o grande nome e o grande talento por sua recusa activa de collaborar, preso ás costas o cartaz de adhesista, na bulhenta orgia em que ha seis lustros se afundam homens e instituições com o honesto escopo de fazerem esquecer a patria aturdida meio seculo ominoso, em que ella gemeu oppresa... de liberdade e engurgitada de bôa moral politica.

Cicero se pasceu nesse genero de humorismo. Acreditamos que o venerando Martim não desgostará da companhia. O romano desaffogava, epistolamente, em magnifico latim, com o acido prussico necessario para queimar a pelle dos patifes; desopprime-se o solitario de S. Bernardo em excellente portuguez, por via dos gerundios, "rindo", "viajando", "contribuindo" para que aos medalhões antigos não falte uma camada de sebo preservador da ferrugem, nem aos modernos o zelo e a intrepidez sufficientes para nos conduzirem, patrioticamente, ao abysmo...

João Leda

(Da Academia Amazonense de Letras).

15 — 11 — 921.



NOTAS DO EXTERIOR

AS TRES "TENTAÇÕES DE SANTO ANTÃO"

No "Mercure de France" escreve Henri Mazel sobre — "As tres tentações de Santo Antão", a proposito do apparecimento da primeira versão da obra, que Flaubert escreveu de um jacto, em quinze mezes, em plena mocidade e em plena consciencia do seu genio literario e philhosophico, que nem os seus melhores amigos conheciam. E' o primeiro original, declarado impublicavel por L. Bouilhet e Maxime du Camp.

O segundo é mais condensado, reduzido á metade, menos tempestivo, porém, mais forte. Foi escripto em 1856. Flaubert já era celebre, devido a "Madame Bovary" e ao respectivo processo, que o faz retardar a publicação. Certas passagens, apesar de atenuadas, ainda eram de uma violencia enorme. Talvez com proposito de uma recomposição completa, para amadurecer a ideia, põe-se a escrever "Salambô" e retoma uma obra de mocidade — "Educação sentimental".

A terceira versão é essa recomposição, mais reduzida ainda, um quinto menor que a segunda e dois terços que a primeira, redução material que não é nada em relação com a transformação de fundo e de forma.

Em que differem as duas "Tentações"?

A primeira, de 1849 e 1856, consta de tres partes. O começo poderia intitular-se "Os peccados capitales e as heresias". A segunda parte seria: "Os peccados e os anúnaes phantasticos". A terceira poderia ser: "Os deuses". "Os peccados" reapparecem na terceira parte e são na verdade o liame continuo da tentação. Os episodios se distribuem quasi ao acaso: a Rainha de Saba avisinha-se de Sphinx e da Chimera, as quaes se apartam da Morte e da Luxuria. Ha repetições numerosas nas duas primeiras versões. O conjunto é confuso, monotono e ás vezes vulgar. O porco do eremita desempenha um grande papel. Sente-se que o auctor tiraria delle maravilhosos effeitos. Mesmo em 1856 não se tinha resolvido a separar-se delle.

A "Tentação" definitiva não é mais uma trilogia pesada; é um desfile turbilhonante de opparições, encadeando-se as visões ao infinito.

Em quanto não se haviam publicado as primeiras versões, era de bom tem declaral-as superiores á que o publico conhecia. Mas, embora admirável de ardor juvenil esta primeira versão, é a terceira "Tentação" que merece toda admiração. Refundida em 1874 "A tentação de S. Antão" é um dos livros mais colossaes do seculo XIX, collocada a par do "Fausto" de Göethe.

Nas versões originaes abundam as abstrações; ás exposições intermináveis succedem as discussões infinitas, em que a Logica sempre se intromette com os seus discursos, como si não bastasse as intrusões da Preguiça e da Gulodice. Santo Antonio só apparece para a replica. Tujo isso distila tédio. Nada vive, nem mesmo o companheiro do bom eremita.

Que diferença da verdadeira "Tentação"!

Santo Antão vive uma vida natural e intensa. Não é mais a simples mecanica de perguntas e respostas; é um pobre anachoreta que se lem-

bra da mãe e da irmã e dessa pequena Ammonaria, cuja tunica flu-ctuava ao vento e que correu tanto atraç delle, quando elle deixou a casa, apesar das injurias do velho asceta que viera busca-lo.

No primeiro estadio desta "Tentação", Santo Antão está na sua cabana, no deserto e no seu tempo do IV seculo. Distinctamente o vemos com a longa barba, os grandes cabellos e a tunica de pelle, do que as versões anteriores não falavam. Elle trabalha para evitar o tedio da solidão e recorda a infancia e os primeiros annos de ascetismo. O vento volve as paginas do livro santo diante delle e sob os seus olhos passam os versiculos, donde nascerão as suas proximas tentações: a alimentação do apostolo Pedro, a carnificina dos Amalecitas, a pompa de Ezechias, a visita da rainha de Saba ao rei Salomão. As imagens e as recordações se accentuam, multiplicam-se, turbilhonam, vozes se cruzam e o demônio apparece. Em menos de 20 paginas, Flaubert apresenta o seu ermitão melhor que nas 50 ou 100 paginas dos primeiros originaes e sem ceder á tentação de fazer figurar o porco. Basta-lhe um chacal para assignalar a solidão.

No segundo estadio são os peccados captaes que a assaltam o eremita. Flaubert comprehendeu que todo o apparato escolastico — a Guldice, a Inveja e suas irmãs, com seus discursos cheios de logica — era a propria negação da vida e da arte e sacrificou a metade do texto de 1849 e um quarto do de 1856. A Guldice fica sendo a simples visão de uma mesa carregada de iguarias custosas, como a Avareza é a miragem de uma taça de ouro e pedras preciosas. Seguem-se os outros peccados, symbolizados por scenas vivas, como a Colera por uma rebellião em Alexandria; a Inveja pelo palacio imperial em que Antonio palestra com Constantino, enquanto os padres do concilio de Nice se sujam na lama e a Luxuria pela rainha de Saba em toda a sua seduccão. Falta a preguiça, não se sabe porque.

Em todas essas apparições, tudo é vivo. Duvida-se, apenas, que a rainha de Saba represente a Luxuria. Flaubert fez bem em pôr ordem em todo esse cahos. Nada do que desapareceu é para lamentar-se, nem mesmo a Diana caçadora, banhando-se com suas companheiras nusas, quadro que não podia vir ao espirito de Santo Antonio.

O sacrificio mais feliz é o do porco. Mesmo na segunda versão sentiam-se as suas graças vulgares, antes e depois do episodio da corteza e do desfile dos animaes phantasticos. O admiravel dialogo de Sphinx e da Chimera e as apparições do Licorne e do Basilisco em nada se prejudicaram com o corte.

O terceiro estadio é caracterisado por Hilarião, que substitue a Logica incomportavel das primeiras versões e representa a diabo.

O quarto estadio, perto de um terço da obra é o mais consideravel. Não é mais que o desenvolvimento de algumas replicas agudas de Hilarião e, por conseguinte, liga-se estreitamente ao fundo da obra, em vez de ser, como se disse, uma digressão vã. O ermitão dissera que o novo testamento rutilava com uma luz pura. O diabo, convenceu-o do contrario, pela turbilhonante desfilada das heresias. Para variar o turbilhão de doutrinas, Flaubert entremeiou-as com os episodios dos martyres do circo e do fackir hindu.

O mesmo quadro nos originaes primitivos era de uma prolixitez e monotonia sem par. Nada varia a interminavel serie de dogmas, doutrinas e credos. O turbilhão das Divindades segue-se actualmente ao das Tentações. Na primeira "Tentação" acompanhava o duo da Morte e da Luxuria, uma dança macabra, em que os deuses se confundiam. Flaubert teve razão em suprimir as suas vociferações, bem como os discursos da Luxuria. Tal como ficou, o desfile dos deuses tem outro alcance philosophico e outrc effeito de arte.

Não é admissivel a hypothese de que, si Flaubert vivesse, voltaria a refazer a sua obra pela quarta vez. Vêr na versão de 1849 uma confissão pessoal e na de 1874 uma obra objectiva é tambem falso. Flaubert se substituiu tão bem ao primeiro Antonio como ao segundo, mas o segundo vive entre sua mãe e sua companheira de infancia, seus discípulos e seus adversarios, enquanto o primeiro é um realejo de gemidos.

A POESIA JAPONEZA

Que é a poesia japoneza?

E' uma coisa aeréa e fragil como uma teia de aranha.

Não sei se existe maior subtileza que a dessa literatura quasi sem palavras. A concisão chegou alli ao extremo limite.

A palavra balbucia, diz pouco e diz tudo para quem quer advinhar-a no tremor dos labios.

O — "New Age" — de Londres publicou uma pequena anthologia de versos nipponicos, e o seu compilador confessa que toda a poesia japoneza se funda em pura suggestão: é uma poesia de subtilezas, de ambiguidades, de matizes e de "nanças". Se um poema diz tudo, com certeza não é japonez ("if a poem says all... then is not Japonese").

Assim, a regra é não só dizer pouco, mas dizer menos, na arte poetica do extremo-oriente.

São realmente os nossos antipodas, de pés e de espirito.
Eis o meu difficult entretenimento de hoje.

O que eu vou tentar aqui neste momento é já uma dessas dynamizões que sublimam e transcendem a proverbial traição dos traductores.

O texto inglez de que me sirvo é já talvez um exemplo de infidelidade em segundo grão. As poesias japonezas foram traduzidas literalmente, "ipsis literis", por um conhedor das coisas nipponicas, Mr. Marriot Watson. Este fiel trusgimão, fiando muito pouco de si proprio, entregou o texto literal a um habil versificador — Mr. Chifford Bax.

Senti os riscos e perigos de uma nova e terceira trasladação para a lingua portugueza, tratando-se de versos tão aereos e fugitivos.

Uma das especies poeticas japonezas mais communs e mais apreciadas é a do poema em tres versos apenas: o primeiro e o terceiro de cinco syllabas, o segundo de sete.

Eis um exemplo que se deve ler, já se comprehende, com a prosodia ingleza:

Furu ike yn
Kawasu tobi Komu
Misu no oto.

Estes versos indicam apenas uma imagem infantil, uma pintura em xarão, e dizem isto:

Um velho charco...
Uma rã pula
Na profundeza da agua.

Essa pequenina nota descriptiva faria rir num poeta do occidente; mas toda arte japoneza está nessa extrema simplificação.

Do mesmo modo é a pintura dos japões. Uma linha apenas marca o horizonte. Acima desta ha talvez o disco da lua e abaixo, o zig-zaguear do reflexo.

Equivale ao trimetro da poesia chamada de Hokku, nome de um poeta genial do Japão.

A tartaruga recolhendo a cabeça
Que não vê, nada ouve
E nem cobiça coisa alguma do mundo lá fora,
Vive todavia dez mil annos

ou no inglez de Mr. Bax

The tortoise, holding back his head,
Who neither sees nor hears
Nor cavets aught within the world outside
Lives for ten thousand years.

Tem um sentido gnomico e sentencioso como est'outros do mesmo poeta:

Aguas do monte que ides ansiosas para o mar,
Soffrei mais um pouco as sombras do arvoredo...

Soffrer as sombras da jornada é um sabio conselho para todos que caminham e realizam a sua finalidade inevitavel.

The waters of the mountain that shall
mingle with the Sea's
Must for a little while endure
the shadows of the trees.

Têm o mesmo teor de brocardos, rifões ou adagios outras composições que poderiam incluir-se no genero epigrammatico da poesia helenica antiga.

Tal é ainda o epigramma (chamemos assim) de um antigo Daimio, cujos trabalhos e dissabores occultos contrastavam com a apparencia tranquilla do homem de Estado.

Diz assim:

Os cysnés deslisam n'agua docemente,
minguem lhes vê o menor esforço,
Mas o esforço lá está sob as aguas...
Eu sou como o cysne.

'Aqui, eu permitti-me dizer cysne onde estaria talvez a "marreca" (moorhen). E' uma pequena traição de que me penitenceio; as marrecas não teem entre nós muita poesia. Talvez a jassanā fizesse melhor figura; mas o indianismo passou.

The moor-hens on the water
Seem without any labor float by
Tehr travail is beneath the placid water.
Like the moor-hens am I.

Tambem é uma pega gnomica este disfarçado elogio á velhice, symbolizado nas bellezas vareigadas do outomno.
Na primavera de folhas entrefechadas
As plantas todas são verdes.
Só mais tarde o outomno revela
A irização das flores que ellas tinham.

No texto inglez:

In spring before the leaves unclose
All the young plants are green.
It i sthe later autumn shows
How multi-colored were the flowers withim.

Acredito que reduzidos a rima e a metro esses versos poderiam ser tidos á conta de formosos pelo conceito, quando não o fossem pelas exterioridades da forma.

Esta poesia microscopica ainda conserva as mesmas dimensões, como já o vimos na paisagem.

Olha, através da campina
Os bois lá vão
Pronos, quietos, vagorosos,
Sob as rajadas da chuva estival.

Eis uma bucolica graciosa quasi sem palavras. Busquei traduzil-a fielmente da versão ingleza:

See, how across the plain
The oxen go
Unheeding, imperturbable, slow
Through the sharp summer rain.

A saudade e o amor são outras notas universaes que não podiam ser estranhas á poesia nipponica. Apenas estão reduzidas a pequeninas fagulhas e a estimulos quasi infinitesimaes, como sempre, sem amplificações e sem prolixidade.

Queremos ainda ajuntar alguns exemplos caracteristicos:

Na aldeia, onde passei a minha infancia,
Que rostos novos! que diversa gente!
Porém nas flores a minha alma sente
Que existe ainda a pristina fragrancia.

Sairam quasi versos sem que eu o quizesse. Diz o original inglez:

'Tho strange are all the faces here
In the old village whereI spent my prime.
Still have the flowers at least
The perfume of that time.

Tambem aqui transcrevo em meios-versos ou perversos, as lindas linhas seguintes:

Que namoro que ellas fazem,
Sem menor vontade sua.
A Lua espelhando as aguas,
E a Agua espelhando a lua!

que mais ou menos correspondem aos versos da traducción ingleza:

What loveliness they make
Unlaboring, unaware,
The water-mirrored moon,
The moon-reflecting lake!

Cruzando o Mar-Amarelo vamos encontrar na China os primeiros mestres dos japões. Os chins são muito mais philosophos ou mais cynicos; sua poesia é sob muitos aspectos, menos delicada e suave que a dos nippões, embora conserve o sabor classico, multisecular da sua antiquissima cultura.

Os chins não fiam muito da ingenuidade e da boa fé dos homens e, por isso mesmo, preferem o escarneo e a ironia. Eis um pequenino poema de um dos seus poetas rationalistas Su-Shi, de ha dez seculos:

No nascimento de um filho.

Mais um filho. O pae sorri;
"Seja um talento!" — Bem sei,
Com talentos eu vivi,
Toda a vida naufraguei,
Não, filho! Burro serás,
Bem cheio de estupidez,
Pois com isso acabarás
Feito ministro chinez.

E' mais ou menos o que diz o interprete britannico:

Families when a child is born
Hope it will turn out intelligent.
I, through intelligence
Having avrecked my whole life
Only hope that the baby will prove
Ignorant and stupid.
Then he'll be happy al his days
And grow into a Cabinet Minister.

Pode algum critico pichoso advertir que de um empregado do ministerio fiz logo um ministro.

Mas, é preciso advertir que isso se passou na China ha mil annos, e com igual pé de lá para cá andou o progresso equalitario.

Accresce ainda que estamos na America onde a emphase é constitucional e organica. Esta circunstancia faz-me ainda uma vez lembrar o caso de um viajante que andava por uma das nossas republicas e notava que o seu "cicerone" cumprimentava a todos que passavam com a saudação amavel:

— Señor presidente!
— E este homem é presidente? perguntava o tourista.
— No lo es todavía (dizia o camarada) pero acaso ha sido, & lo salga mañana.
Lá no extremo oeste, os salamaleks, as characinas são religiosamente observados; e toda a precaucao é pouca nesta delicada materia.
Vá ministro por uma vez: eis uma justa promocão com mil annos de estagio.

João RIBEIRO.

Sobre este mesmo assumpto, encontramos na "Anthologia Japoneza", publicada ha cerca de quarenta annos, em Paris, casa Maisonneuve, pelo sr. Leon de Rosny, interessantes notas criticas que o nosso douto polygrapho confirma.

A obra do sr. de Rosny é uma collecção das poesias antigas e modernas apreciadas no Japão. Acompanham a traducción, notas historicas e philologicas. Abre o livro a "Collecção das dez mil folhas", datadas

do VII seculo da nossa éra. Seguem-se as poesias populares ou "Collecção dos cem poetas", que datam do IX ao XIII seculo. Depois, as poesias populares em lingua moderna e vulgar. Finalmente, as peças compostas segundo a prosodia chineza e o gosto chinez e as poesias em linguagem inteiramente vulgar. São estes dois ultimos generos os que mais se conformam com o gosto europeu.

"As poesias nacionaes japonezas — diz-nos o sr. Rosny — designadas pelo nome de "uta", canto, que nunca se deve confundir com as poesias compostas segundo o sistema chinez chamado "si", não são mais do que simples disticos. Estes disticos, cuja composição não admite nenhuma palavra de origem estrangeira, devem encerrar uma ideia completa em trinta e uma syllabas, formando dois versos: o primeiro de dezessete syllabas com duas cesuras e o segundo de quatorze syllabas com uma unica cesura".

O "uta" deve exprimir nesse limitado quadro uma ideia para a qual o auditorio esteja preparado pelo primeiro verso e a que o segundo dê o desenlace ou conclusão. Uma imagem ligada á expressão de um sentimento por um "calembourg", eis um distico japonez. E' ainda mais difficult que um soneto perfeito.

O poeta japonez diz-nos em 51 syllabas:

"Leve a tempestade as folhas de meus escriptos.

E considerem os homens que ellas vêm de uma planta sem raiz".

Em 26 syllabas diz-nos Victor Hugo a mesma coisa:

Livre, qu'un vent t'emporte
En France, où je suis né!
L'arbre déraciné
Donne sa feuille morte.

Versos compostos por uma mulher por occasião da morte do imperador:

"Não podendo o meu corpo abandonado seguir aquelle que se tornou espirito, separada de ti, desde o amanhecer, suspiro de tristeza, ó meu principe! Longe de ti, estou agitada, meu principe!

"Si tu fosses pedra preciosa eu te traria num bracelete; si fosses vestido, eu não acharia tempo para despir-me. Oh! meu principe! Foste tu que o meu amor viu em sonho a noite passada".

A ORISE EUROPE'A

Francisco Nitti, notavel internacionalista e estadista italiano, que tem sido presidente do governo de seu paiz, fazendo a analyse da situação da Europa, neste momento, escreve:

"Segundo o tratado de Versailles, a Allemanha que já não possue esquadra e tem, sómente, uma artilharia limitada á sua defesa interna, não está autorizada a manter em armas mais de 100.000 homens.

O exercito allemão, em pé de paz, em 1913, segundo revela o projecto de orçamento apresentado ao Reichstag, compunha-se de 647.000 soldados de todas as armas, 105.000 sob-officiaes e 30.000 officiaes.

A Allemanha está pois condenada a ficar sem exercito; tem sido castigado naquelle que era o seu maior orgulho.

Sómente trabalha para cumprir as clausulas do tratado, suportando os gastos de um grande exercito de ocupação e pagar um numero consideravel de indemnizações que excedem a sua potencia económica e, portanto, não poderão ser pagos, e não o serão.

A França que sahiu da guerra com a maior dívida publica, e com uma situação demographica que deve ser considerada como a menos favoravel de todas, tem agora em armas o maior exercito do mundo. Sómente a Grã Bretanha reduziu o seu exercito, rapida e radicalmente.

A França e os dois paizes que a ajudam em sua politica anti-allemã, quer dizer, a Belgica e sobretudo a Polonia, têm exercitos enormes, tanto no que se refere á quantidade, como ao custo.

Em 1914, o exercito francez, consistia em 28.519 officiaes e 762.450 soldados, além de 28.000 homens de tropas coloniaes e 73.000 indigenas.

Em 1.º de julho do anno passado, tinha 810.000 homens sob a sua bandeira, inclusive 38.473 officiaes, quer dizer, muito mais que os que a Allemanha possuia antes da guerra.

Dada sua estructura e sua situação demographica este é o maior esforço militar dos tempos modernos, e não pôde ter mais do que dois resultados: ou a supremacia económica e militar ou a ruina completa.

Comtudo, as duas aliadas da França, Belgica e Polonia — a Belgica, deixou de ser neutral e a Polonia em constante desordem e na attitude de continua provocação — mantêm tambem exercitos que, em tempos anteriores á guerra, haveriam de sér de grandes potencias.

A Belgica duplicou seus effectivos de paz, que são agora de 113.500 homens, exercito enorme para uma populaçao que é igual á de New York ou de Londres.

A Polonia, cujas condições economicas são desastrosas por não ter dinheiro nem credito, sustenta, todavia, um exercito de 450.000 homens. Seu recente tratado com a França, lhe impõe obrigações militares, cuja extensão não é ainda conhecida.

Apesar da Allemanha ter sómente 100.000 homens em armas e nenhuma artilharia, o grupo frances de defesa nacional, considera necessário manter um exercito de 1.400.000 homens.

Se esta é a situação das principaes nações militares, a dos paizes menores e dos que surgiram da guerra não é menos séria.

Os vencidos não possuem mais exercito; porém, cousa estranha, os exercitos dos vencedores estão augmentados.

A Austria, reduzida a uma miseria intoleravel, poderia conservar um exercito de 30.000 homens, mas difficilmente mantem um exercito de 27.000.

A Hungria, tem 35.000 homens, comtudo seu cambio está tão deprimido que lhe custa 6 milhões de coroas.

A Bulgaria tem 23.092 homens; a Rumania, 205.000 homens; a Jugoslavia, 160.000; a Tchecoslovaquia 150.000 e a Grecia mais de 400.000 homens.

Durante a conflagração se affirmava que o espirito de violencia era prerrogativa allemã e que depois da guerra havíamos de ter verdadeira paz, quer dizer, reducção de todos os gastos militares.

Ha actualmente na Europa, incluindo a Russia que é um vasto oceano de miseria e morte, 5 milhões de homens em armas. E' difficil dizer quanto custam. Em alguns paizes é tal a pobresa que o dinheiro perdeu todo o seu valor.

A Belgica, que tem um papel moeda bom e que tende a melhorar, têm que fazer frente a gastos ordinarios e extraordinarios eguaes aos que supportavam os principaes Estados militares antes da guerra.

No projecto para 1921-1922, que acaba de ser approvado pelo Parlamento, os gastos militares estão calculados em 558.000.000 de francos e os extraordinarios em 912.000.000, aos quaes devem addicionar-se 368.000.000 de francos de gastos reembolsaveis para a manutenção do corpo de ocupação. Antes da guerra os gastos não iam além de 78.000.000 de francos.

A conclusão a que nos vemos obrigados a chegar, ao examinar a situação que se vem desenrolando, é verdadeiramente triste. A Europa, dominada pelo espirito de violencia, vê seu proprio declínio e prepara novos conflictos.

Depois de 3 annos do termo da guerra, o systema de trabalho trouxe a seguinte situação:

1.º — Os vitoriosos depois de desarmar os vencidos, impuzeram-lhe absurdas condições economicas e moraes e iniquas humilhações territoriales, como as que infligiram á Bulgaria, Hungria e a Turquia.

A Austria, Allemanha, Hungria e Bulgaria, possuem, sómente, 180.000 homens em armas, enquanto que só a Belgica possue 113.000 e a Jugoslavia 160.000 homens.

2.º — Vendo-se arruinados, os vencedores desenvolveram trabalho com o fim de sobrecarregar os vencidos com obrigações que não podem pagar.

A Turquia, Bulgaria, Hungria e Austria, estão em bancarrota e em tal miseria que é purgente necessidade prestar-lhe ajuda.

As exigencias, comtudo, se concentram contra a Allemanha.

Além de pagar uma indemnização que é intoleravel, ella tem de sustentar um exercito de ocupação, que custa quasi o dobro do preço de qualquer exercito anterior á guerra e que têm, actualmente, por unico objecto impedir a resurreição da Allemanha.

Todos os Estados vitoriosos, com excepção da Inglaterra, que, estão mal de finanças e ameaçados com a ruina económica, intentam reforçar seu credito nos Estados Unidos com a pretendida garantia da indemnização allemã. Os Estados Unidos estão mostrando com cordura, que tal grantia não existe, pois que é exagerada a exigencia de indemnização, sendo que se approxima o momento, em que a Allemanha, depois de esgotar sua capacidade para endividar-se no exterior, se verá na impossibilidade de fazer novos pagamentos. A França busca tirar, desta situação, vantagens materiaes. Ha neste paiz determinadas cor-

rentes de opinião do Ruhr e que não se tenha em consideração o plebiscito da Alta Silesia. Dar a Alta Silesia à Polónia, implicaria dar à França o monopólio de carvão e de ferro na Europa continental.

E, o que é peior, significaria a desagregação de toda vida económica da Europa e a criação de uma situação que não podia durar muito tempo.

E' triste vêr que em 3 annos, a Europa não realizou nenhum progresso. O espirito de violencia passou dos vencidos para os vencedores, e em proporção de violencia assim vai aumentando nossa anciedade com respeito, ao futuro. A vingança do inimigo consiste em arrastar os vencedores á ruína.

A guerra foi ganha principalmente pela fome, o terrível aliado que a Entente conseguiu alistar nas suas fileiras. Este aliado está sempre precedido de homens armados e de trombetas guerreiras e seguido de revoluções.

Depois de havel-o chamado, a Europa é todavia incapaz de expulsá-lo. Agora o monstro está ameaçando a todos, mais ou menos.

Muito provavelmente as nações européias que se salvam, serão precisamente aquellas em que reinar primeiro o espirito de democracia e de paz.

A crise de consciencia está-se desenhando cada dia com maior clareza; muita gente está começando a crer que a democracia e a justiça não são palavras desprovidas de sentido, que só deviam ser invocadas durante a guerra. A dúvida apareceu e a verdade nasceu ao pé da dúvida.

A metaphora de Dante jámais foi tão certa como nos presentes momentos.

Muitas declarações feitas por Lloyd George no parlamento britannico merecem grande attenção.

A troca de opiniões que tive anteriormente com elle e suas francas declarações de agora, me convenceram que de todos os homens de Estado que redigiram o tratado de Versailles, elle for o mais clarividente.

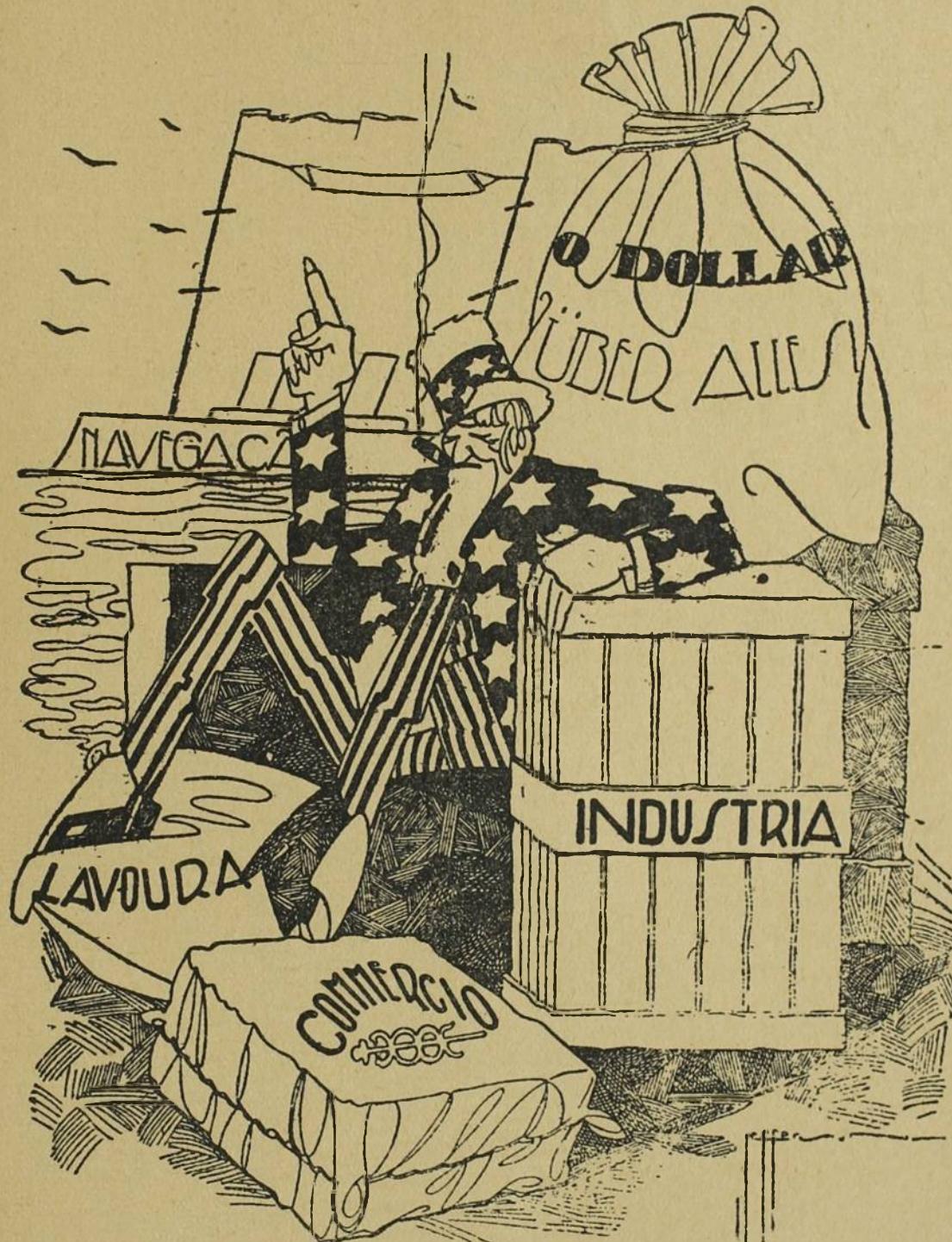
Em certos casos foi elle o unico que previu os perigos que ensombrouam o futuro.

Estes perigos chegaram agora a ser evidentes até para aquellas mentalidades que ficaram obscurecidas pela rhetorica e cuja violencia rebaixou-lhes muito o nível moral".

(D" "A Patria")

CARICATURAS DO MEZ

O TRUSTMAN



— E agora promova-se o desarmamento universal e esqueçamo-nos de guerras!

(JEFFERSON — D. Quixote)

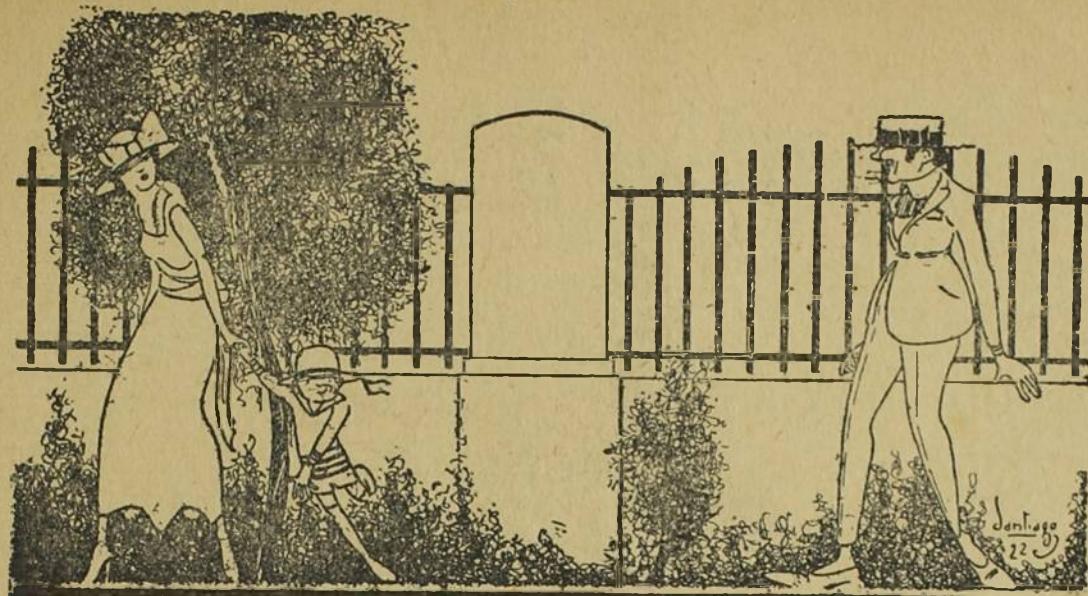
O TERREMOTO EM S. PAULO



— Péga! Péga ladrão!...

(*Pasquino Coloniale*)

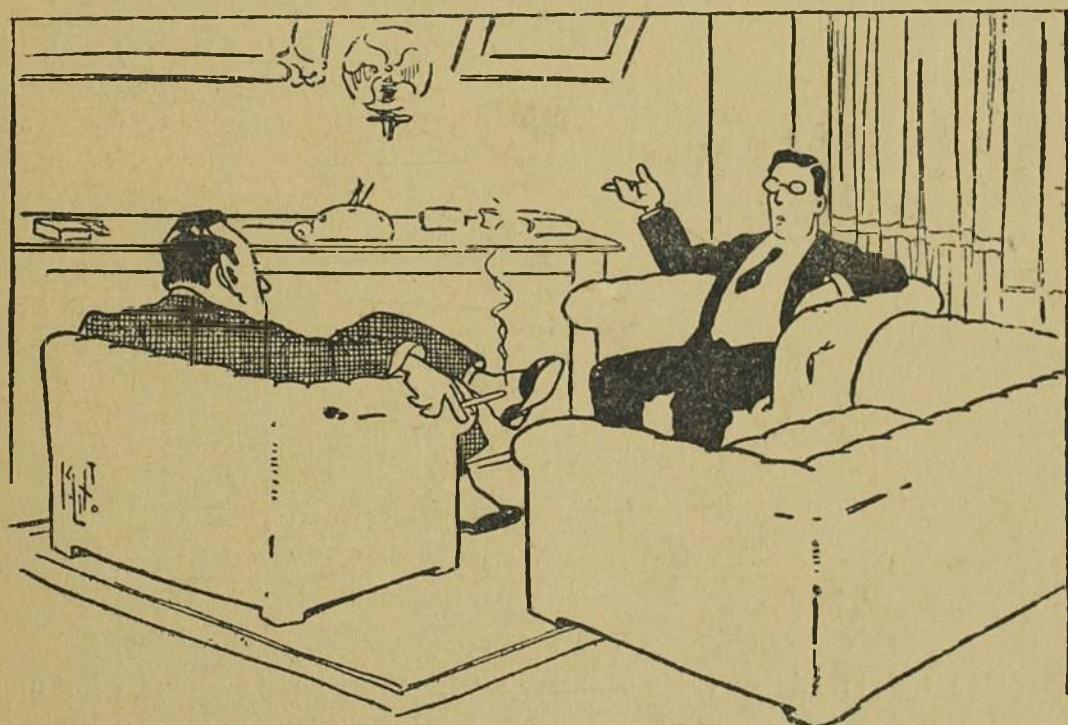
DEDUÇÃO LOGICA



O gury — Eta! 'stou aqui, 'stou no cinema...

(SANTIAGO — D. Quixote)

ENTRE PAREDROS



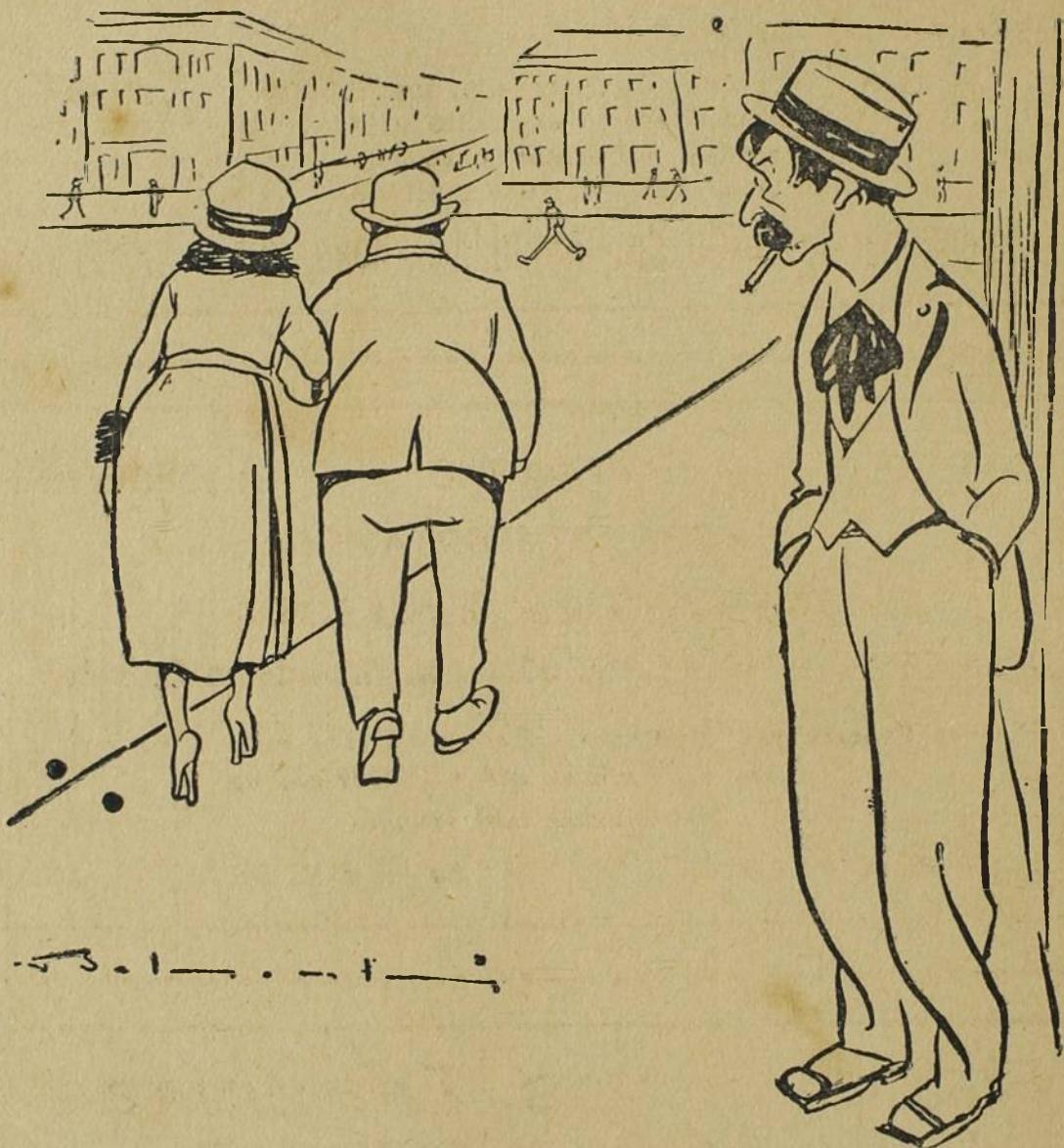
— D'agora em deante vae ser o succo! Todos os annos faremos orçamento com "deficits" estupendos...

— Para que?

— Hom'essa; para termos convocação extraordinaria, com o respectivo subsidio.

(KALISTO — D. Quixote)

UM FALSO "CAMARADA"



— Que tipo!! Diz que é socialista e tem coragem de andar com uma mulher que usa sapatos Luiz XV !!!

A' GRAPHICA PAULISTANA

S. MANTOVANI & COMP.

SECÇÃO DE ZINCOGRAPHIA

Clichés em zincogravura e photogravura para obras de luxo.

SECÇÃO DE GRAVURA

Carimbos de Borracha, metal, ferro e aço - Gravuras sobre joias - Alto e baixo relevo para impressões - Formas para bombons e sabonetes - Placas de metal e esmaltadas.

Telephone: 4723 Cidade - Avenida S. João, 207 - S. Paulo

Joaillerie -- Horlogerie -- Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent -
Bronzes et Marbres d'Art - Services en
Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

REVISTA DOS TRIBUNAES

PUBLICAÇÃO OFICIAL DOS TRABALHOS
DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE S. PAULO,
DIRIGIDA PELOS ADVOGADOS

Plinio Barreto e Christovam Prates da Fonseca

10 annos de publicidade!

| | |
|-------------------------|---------|
| Anno | 40\$000 |
| Semestre | 20\$000 |
| Numero avulso | 3\$000 |

Redacção: RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO

LOTERIA DE S. PAULO

Em 31 de Março

20:000\$000

Por 1\$800

**OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM
TODA A PARTE**



MARIA E AS MULHERES BIBLICAS

Um dos mais bellos trabalhos literarios de Claudio de Souza, o mais fecundo e popular dos nossos escriptores theatraes. "Maria e as mulheres bíblicas" — é uma reconstituição historica de alguns typos femininos tornados immortaes pelas suas grandes virtudes heroicas. Claudio de Souza, com o prestigio da sua arte, deu a essas mulheres uma vida estranha e miraculosa. Livro de grande moral e de empolgante suggestão. E' um livro que todas as senhoras de bom gosto devem lêr. A edição, feita pela "Revista Feminina", é um primor de arte typographica e illustrada com encantadoras gravuras.

Vende-se na redacção da "Revista Feminina", avenida S. João, 87. Preço, 4\$000. Pelo correio, registado 4\$500.

DIABETICOS

é preciso combater a perda de açucar, tonificar o organismo, regularizar as funções dos órgãos internos essenciais à vida e restabelecer o apetite e a função digestiva pelo uso da

GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de plantas indígenas brasileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres de chá por dia em água

J. PEREIRA BUENO

Agentes exclusivos de H. G. DOS SANTOS & CIA unicos concessionarios dos annuncios nas Estradas de Ferro: Companhia Paulista de Estradas de Ferro, São Paulo Railway Co. Ltd., São Paulo Rio Grande, Rêde Viação Paraná-Santa Catharina e Viação Ferrea do Rio Grande do Sul — Bondes de Santos.

Agente de CARLOS ESCOFEL & CIA. e MURINO IRMÃOS & CIA.

COMMISSÕES — REPRESENTAÇÕES — CONTA PROPRIA

ACCEITA REPRESENTAÇÕES EM GERAL

GALERIA MUNICIPAL, 61

PORTO ALEGRE

Caixa Postal, 391

RIO GRANDE DO SUL

NA REDACÇÃO DA

REVISTA DO BRASIL

**Vende-se uma collecção
completa da REVISTA
“EU SEI TUDO”**

46290

MOVEIS ESCOLARES



Differentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares.

Peçam catalogo e informações minuciosas á

**FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
“EDUARDO WALLER”**

— DE —

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antônia de Queiroz N. 65 (Consolação) Cidade, 1216

---- São Paulo ----

AS MACHINAS LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá. -----

São as mais recommendaveis pa-
ra a laboura, segundo experien-
cias de ha mais de 50 annos no
Brasil.

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e ac-
cessorios para a laboura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para
conservação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaisquer
machinas, canos de ferro batido galvo-
nizado para encanamentos de agua,
etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRIGIR-SE A:

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO